JULIO RIBEIRO

A CARNE

For ever reading never to be read
POPE

22.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.
166, Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro
S. PAULO
292, Rua Libero Badaró
BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655
1952

Biblioteca Pública do Amazonas

AO PRINCIPE DO NATURALISMO

EMILIO ZOLA

Aos meus amigos

Luiz de Mattos, M. H. de Bittencourt, J. V. de Almeida e Joaquim Elias;

ao distinto physiologo

DR. MIRANDA AZEVEDO

O. D. C.

JULIO RIBEIRO

Biblioteca Pública do Amazonas

A. M. Émile Zola.

Je ne suis pas téméraire, je n'ai pas la prétention de suivre vos traces; ce n'est pas prétendre suivre vos traces que d'écrire une pauvre étude tant soit peu naturaliste. On ne vous imite pas, on vous admire.

"Nous nous échauffons, dit Ovide, quand le dieu que vit en nous s'agite (1)*": eh bien! le tout petit dieu qui vit en moi s'est agité, et j'ai écrit* La Chair.

Ce n'est pas l'Assommoir, *ce n'est pas* la Curée, *ce n'est pas* la Terre; *mais, diantre! une chandelle n'est pas le soleil, et pourtant une chandelle éclaire.*

---

(1) *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*

Quoi qu'il en soit, voici mon oeuvre.

Agréerez-vous la dédicace que je vous en fais? Pourquoi pas? Les rois, quoique gorgés de richesses, ne dédaignent pas toujours les chétifs cadeaux des pauvres paysans.

Permettez que je vous fasse mon hommage complet, lige, de serviteur féal en empruntant les paroles du poéte florentin:

Tu duca, tu signore, tu maestro.

St. Paul, le 25 janvier 1888.

JULES RIBEIRO.

A CARNE

I

O doutor Lopes Matoso não foi precisamente o que se pode chamar um homem feliz.

Aos dezoito anos de sua vida, quando apenas tinha completado o seu curso de preparatórios, perdeu pai e mãe com poucos meses de intervalo.

Ficou-lhe como tutor um amigo da família, o coronel Barbosa, que o fêz continuar com os estudos e formar-se em direito.

No dia seguinte ao da formatura, o honesto tutor passou-lhe a gerência da avultada fortuna que lhe coubera, dizendo:

— Está rico, menino, está formado, tem um bonito futuro diante de si. Agora é tratar de casar, de ter filhos, de galgar posição. Se eu tivesse filha você já tinha noiva; não tenho, procure-a você mesmo.

Lopes Matoso não gastou muito tempo em procurar: casou-se logo com uma prima de quem sempre gostara, e junto à qual viveu felicíssimo por espaço de dois anos.

Ao começar o terceiro, morreu a espôsa, de parto, deixando-lhe uma filhinha.

Lopes Matoso vergou à fôrça do golpe, mas, como homem forte que era, não se deixou abater de vez: re-

ergueu-se e aceitou a nova ordem de coisas que lhe era imposta pela imparcialidade brutal da natureza.

Arranjou de modo seguro seus negócios, mudou-se para uma chácara que possuía perto da cidade, segregou-se dos amigos, e passou a repartir o tempo entre o manusear de bons livros e o cuidar da filha.

Esta, graças às qualidades da ama que lhe foi dada, cresceu sadia e robusta, tornando-se desde logo a vida, a nota alegre do eremitério que se constituíra Lopes Matoso.

Visitas de amigos raras tinha êle, porque mesmo não as acoroçoava: convivência de famílias não tinha nenhuma.

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portuguêses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleto na literatura do tempo.

Aos quatorze anos Helena ou Lenita, como a chamavam, era uma rapariga desenvolvida, forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar.

Lopes Matoso entendeu que era chegado o tempo de tornar a mudar de vida, e voltou para a cidade.

Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o Italiano, o Alemão, o Inglês, o Latim, o Grego; fêz cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado a seu vasto talento.

Começou a aparecer, a distinguir-se na sociedade.

E não tinha nada de pretensiosa, *bas bleu*: modesta, retraída mesmo, nos bailes, nas reuniões em que não de raro se achava, ela sabia rodear-se de uma como aura de simpatia, escondendo com arte infinita a sua imensa superioridade.

Quando, porém, algum bacharel formado de fresco, algum *touriste* recém-vindo de Paris, ou de New-York queria campar de sábio, queria fazer de oráculo em sua presença, então é que era vê-la. Com uma candura adoràvelmente simulada, com um sorriso de desdenhosa bondade, ela enlaçava o pedante em uma rêde de perguntas pérfidas, ia-o pouco a pouco estreitando em um círculo de ferro e, por fim, com o ar mais natural do mundo, obrigava-o a contradizer-se, reduzia-o ao mais vergonhoso silêncio.

Os pedidos de casamento sucediam-se: Lopes Matoso consultava a filha.

— É í-los despedindo, meu pai, respondia ela. Escusa que me consulte. Já sabe, eu não me quero casar.

— Mas, filha, olha que mais cedo ou mais tarde é preciso que o faças.

— Algum dia talvez, por enquanto não.

— Sabes que mais? estou quase convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fêz-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

— Não é por isso, é porque ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se eu a sentisse casar-me-ia.

— Mesmo com um homem mediocre?

— De preferência com um homem mediocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, porque eu que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como êles, escolhendo marido que me fôsse inferior?

— Sim, para teres uns filhos palermas...

— Os filhos puxariam por mim: a filosofia genésica ensina que a hereditariedade direta do gênio e do talento é mais comum da mãe para o filho.

— E do pai para a filha, não?

— De certo, e por isso é que eu sou o que sou.

— Lisongeira!

— Lisongeiro é papai que quer à fina fôrça que eu seja moça prodígio, e tanto tem feito que até eu já começo a acreditar. Voltando ao assunto, sôbre casamento temos conversado, não falemos mais nisso.

E não falaram. Lopes Matoso ia despedindo os pretendentes com grandes afetações de mágoa — que a menina não queria casar, que era uma original, que êle bem a aconselhava, mas que era trabalho baldado, mil coisas enfim que suavizassem a repulsa.

Sempre no mesmo teor de vida chegou Lenita aos vinte e dois anos, quando um dia amanheceu Lopes Matoso a queixar-se de um mal estar indescritível, de uma opressão fortíssima no peito. Sobreveio um acesso de tosse, e êle morreu de repente sem haver tempo de chamar um médico, sem coisa nenhuma. Matara-o uma congestão pulmonar.

Lenita quase enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucesso, o vácuo súbito e terrível que se fêz em tôrno dela, a superioridade e cultura do seu espírito que re-

fugia a consolações banais, tudo contribuia para acendrar-lhe o sofrimento.

Dias e dias passou a infeliz moça sem sair do quarto, recusando-se a receber visitas, tomando inconcientemente, a instâncias dos fâmulos, algum ligeiro alimento.

Por fim reagiu contra a dor: pálida, muito pálida nas suas roupas de luto, ela apareceu aos amigos do pai, recebeu os pêsames fastidiosos do estilo, procurou por todos os meios afazer-se à vida solitária que se lhe abria, vida tristíssima, erma de afetos, povoada de lembranças dolorosas. Tratou de dar direção conveniente aos negócios da casa, e escreveu ao coronel Barbosa, avisando-o de que se retirava temporàriamente para a fazenda dêle.

Os negócios da casa nenhuma dificuldade ofereciam: a fortuna de Lopes Matoso estava quase tôda em apólices e ações de estradas de ferro. Sendo Lenita, como era, filha única, não havia inventário, não havia delonga alguma judicial.

A resposta do coronel Barbosa não se fêz esperar — que fôsse, que fôsse quanto antes; que sua velha espôsa entrevada folgara doidamente com a notícia de ir ter junto de si uma moça, uma companheira nova; que com êles só morava um filho único, homem já maduro, casado, mas desde muito separado da mulher, caçador, esquisitão, metido consigo e com os seus livros; enfim que se não demorasse com aprontações, que atabulasse, e que marcasse o dia para êle a ir buscar.

Uma semana depois estava Lenita instalada na fazenda do velho tutor de seu pai: tinha levado consigo o seu piano, alguns bronzes artísticos, alguns *bibelots* curiosos e muitos livros.

II

Pior do que na cidade, horrível foi a princípio o isolamento de Lenita na fazenda.

A velha octogenária, além de entrevada, era muito surda. O coronel Barbosa, pouco mais moço do que a mulher, sofria de reumatismo, e, às vêzes, passava dias e dias metido na cama. O filho, o divorciado, estava caçando havia meses no Paranàpanema.

O trabalho da fazenda era dirigido por um administrador caboclo, homem afável, mas ignorantíssimo sôbre tudo o que não dizia com a lavoura.

Lenita comia quase sempre só na vastíssima varanda; depois de almoçar ou de jantar ia conversar com o coronel, e fazia esforços incríveis para conseguir fazer-se ouvir da velha que, resignada e risonha, aumentava com a mão trêmula a concha da orelha para apanhar as palavras.

Tal entretenimento cansava a moça, e ela recolhia-se logo aos seus cômodos para ler, para procurar distrair-se.

Tomava um livro, deixava; tomava outro, deixava; era impossível a leitura.

Apertava-lhe, constringia-lhe o ânimo a lembrança do pai. E tudo lho fazia lembrar — uma passagem marcada a unha em um livro, uma folha dobrada em outro.

Saia, ia de novo conversar, tornava a voltar, tornava a sair, era um inferno.

A mulher do administrador, carinhosa já por índole, recebera do patrão recomendações especiais a respeito de Lenita.

A todo o momento eram copos de leite quente, copos de garapa, café, doces, frutas.

Lenita ora recusava, ora aceitava uma ou outra coisa, indiferentemente, só por comprazer à boa mulher.

O coronel Barbosa dera a Lenita uma sala independente, um quarto amplo com duas janelas, e uma alcova; pusera-lhe às ordens, para seu serviço especial, uma mulatinha esperta, de alta trunfa e côr deslavada, e também um molecote acaboclado, risonho, de dentes muito brancos.

Lenita, por vêzes, passava horas e horas à janela, contemplando as dependências da fazenda.

Estava esta a meia encosta de um outeiro a cuja fralda corria um ribeirão. Em frente estendia-se o grande pasto. A monotonia de verdura clara era quebrada aqui e ali pelo sombrio da folhagem basta de alguns paus d'alho, deixados propositalmente para sombra, e pelo amarelo sujo das reboleiras de sapé. Ao fundo, de um lado, em corte brusco, a mata virgem, escura, acentuada, massiça quase, confundindo em um só tom mil côres diversíssimas; de outro em colinas suaves, o verde claro alegre e uniforme dos canaviais agitados sempre pelo vento; mais além, os cafèzais alinhados, regulares, contínuos, como um tapete crespo, verde-negro, estendido pelo dorso da morraria. Em um ou outro ponto, a terra roxa de pedra de ferro, des-

nudada, punha uma nota estrídula de vermelho escuro, de sangue coagulado.

E sôbre tudo isso, azul, diáfano, puro, setinoso, recurvava-se o céu em uma festa de luz branca, vivificante, mordente...

Quando se embruscava o tempo a paisagem mudava: o céu pardacento, carregado de nuvens plúmbeas, como que se abaixava, como que queria afogar a terra. O revestimento verde perdia o brilho, empanava-se, amortecia em um desfalecimento úmido.

Lenita deu em sair, em passear pelas cercanias, ora a pé, acompanhada pela mulata, ora a cavalo, seguida pelo rapazinho.

Mas o exercício, a pureza do ar, a liberdade do viver da roça, nada lhe aproveitou.

Uma languidez crescente, um esgotamento de fôrças, uma prostração quase completa ia-se apoderando de todo o seu ser: não lia, o piano conservava-se mudo.

Com a morte do pai, parecia ter-se-lhe transformado a natureza: já não era forte, já não era viril como em outros tempos. Tinha mêdo de ficar só, tinha terrores súbitos.

Ia para o quarto da entrevada, recostava-se em uma cadeira preguiçosa, e aí se deixava ficar quieta horas e horas, mal respondendo às perguntas solícitas do coronel.

Quando voltava para os seus aposentos, tomada em caminho por um pavor inexplicável, agarrava-se trêmula à mulata.

Não podia comer, tinha um fastio desolador, cortado por desejos violentos de coisas salgadas, de coisas extravagantes.

Sobrevieram-lhe salivações constantes, vômitos biliosos quase incoercíveis.

Uma manhã não se pôde levantar.

Acudiram apressados o coronel e a mulher do administrador; abeiraram-se do leito, instando com a enferma para que tomasse um chá de erva cidreira, um remédio qualquer caseiro, enquanto não vinha o médico que se tinha mandado chamar a tôda a pressa.

Quando êste chegou estava Lenita abatidíssima: emaciada, lívida, com os olhos afundados em uma auréola côr de bistre, comprimia o peito, estertorava sufocada. Uma como bola subia-lhe do estômago, chegava-lhe à garganta, estrangulava-a. No alto da cabeça, um pouco para a esquerda, tinha uma dor circunscrita, fixa, lancinante, atroz: era como se um prego aí estivesse cravado.

E seu sistema nervoso estava irritadíssimo: o mais ligeiro ruído, o jôgo de luz produzido pelo abrir da porta arrancava-lhe gritos.

O doutor Guimarães, médico já velho, de fisionomia inteligente e bondosa, aproximou-se da cama, examinou a enferma detidamente, em silêncio, sem tomar-lhe o pulso, sem incomodá-la na mínima coisa, baixando-se muito, com as mãos cruzadas nas costas, para ouvir-lhe a respiração, para escutar-lhe os gemidos, para atentar-lhe nas contrações da face.

— Quando começou isto, coronel? perguntou.

— Doente tem ela estado desde que aqui chegou, mas assim, ruim, é só hoje.

— Sufoco! acudam-me! gritou de repente Lenita e, revolvendo-se, escoucinhando, dilacerava a camisa com as mãos ambas, arranhava o peito. Um rubor súbito, vivíssimo, colorira-lhe o rosto, brilhavam-lhe os olhos de modo insólito.

— Sei o que isto é, disse o médico; tenho pela frente um conhecido velho, não me dá cuidado, volto já.

E saiu.

Poucos minutos depois reapareceu, trazendo uma seringuinha de Pravaz.

— Dê-me o braço, minha senhora; vou fazer-lhe uma injeção, e verá como daqui a pouco nada mais há de sentir.

Lenita estendeu a custo o braço nu, e o doutor, tomando-o, pôs-se a beliscá-lo morosamente, demoradamente, em um lugar só, na altura do *bíceps*; depois segurando a parte malaxada entre o dedo índice e o polegar da mão esquerda, com a direita fêz penetrar por baixo da pele a agulha do instrumento e, calcando no cabo do pistão injetou todo o conteúdo do tubo de vidro.

Lenita, apesar de seu estado de irritabilidade nervosa, nem pareceu sentir.

O efeito foi pronto. Dentro de pouco tempo as faces descoraram, cessaram as crispações nervosas dos membros, cerraram-se os olhos, e um suspiro de alívio entumesceu-lhe o peito.

Adormeceu.

— Deixemo-la assim, disse o médico, deixemo-la dormir, quando acordar estará boa. Todavia vou receitar: não dispenso para êstes casos o meu bromureto de potássio.

E saíram nos bicos dos pés. Junto de Lenita ficou a mulher do administrador.

III

Realizou-se o prognóstico do médico.

Lenita, após um comprido sono, acordou calma, com os nervos sossegados, com os músculos distendidos, soltos. Mas estava abatida, mole, queixava-se de pêso na cabeça, de grande cansaço. Passou dois dias na cama, e só ao terceiro pôde levantar-se.

O apetite foi voltando aos pouços, e suas refeições foram sendo tomadas com prazer, a horas regulares.

Podia-se dizer que entrara em convalescença do cataclismo orgânico produzido pela morte do pai.

E Lenita sentia-se outra, femininizava-se. Não tinha mais os gostos viris de outros tempos, perdera a sêde de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais. Releu *Paulo e Virgínia*, o livro quarto da *Eneida*, o sétimo do *Telêmaco*. A fome picaresca de *Lazarilho de Tormes* fê-la chorar.

Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fôsse, de sofrer por um doente, por um inválido. Por vêzes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento.

A imagem do pai ia-se esbatendo em uma penumbra de saudade que ainda era dolorosa, mas que já tinha encanto.

Passava horas e horas junto da entrevada, conversava com o coronel, por vêzes ria.

— Isto vai melhor, muito melhor, dizia o bom do homem. É pôr-se você por aí alegre, filhinha. O mundo é assim mesmo: o que não tem remédio remediado está.

Uma tarde, achando-se só em sua sala, Lenita sentiu-se tomada de uma languidês deliciosa, sentou-se na rede, fechou os olhos e entregou-se à modorra branda que produzia o balanço.

Em frente, sôbre um consolo, entre outros bronzes que trouxera, estava uma das reduções célebres de Barbedienne, a da estátua de Agasias, conhecida pelo nome de *Gladiador Borghese*.

Um raio mortiço de sol poente, entrando por uma frincha da janela, dava de chapa na estátua, afogueava-a, como que fazia correr sangue e vida no bronze mate.

Lenita abriu os olhos. Atraíu-lhe as vistas o brilho suave do metal ferido pela luz.

Ergueu-se, acercou-se da mesa, fitou com atenção a estátua: aquêles braços, aquelas pernas, aquêles músculos ressaltantes, aquêles tendões retezados, aquela virilidade, aquela robustez, impressionaram-na de modo estranho.

Dezenas de vêzes tinha ela estudado e admirado êsse primor anatômico em tôdas as suas minudências cruas, em todos os nadas que constituem a perfeição artística, e nunca experimentara o que então experimentava.

A cerviz taurina, os biceps encaroçados, o tórax largo, o pelvis estreito, os pontos retraídos das inserções musculares da estátua, tudo parecia corresponder a um ideal plástico que lhe vivera sempre latente no intelecto, e que despertava naquele momento, revelando brutalmente a sua presença.

Lenita não se podia arredar, estava prêsa, estava fascinada.

Sentia-se fraca e orgulhava-se de sua fraqueza. Atormentava-a um desejo de coisas desconhecidas, indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se-lhe que havia de ter gôzo infinito se tôda a fôrça do gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a em pedaços.

E tinha ímpetos de comer de beijos as formas masculinas, estereotipadas no bronze. Queria abraçar-se, queria confundir-se com elas. De repente corou até à raiz dos cabelos.

Em um momento, por uma como intuscepção súbita, aprendera mais sôbre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com tôda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho.

Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria.

Robustecer o intelecto desde o desabrochar da razão, perscrutar com paciência, aturadamente, de dia, de noite, a tôdas as horas, quase todos os departamentos do saber humano, habituar o cérebro a demorar-se sem fadiga na análise sutil dos mais abstrusos problemas da matemática transcendental, e cair de repente,

como os arcanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo aguilhão da CARNE, espolinhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação.

Fêz um esfôrço enorme, arrancou-se do feitiço que a dementava, e, vacilante, encostando-se aos móveis e às paredes, recolheu-lhe ao seu quarto, fechou com dificuldade as janelas, atirou-se vestida sôbre a cama.

Jazeu imóvel largo espaço.

Uma umidade morna, que se lhe ia estendendo por entre as coxas, fê-la erguer-se de súbito, em reação violenta contra a modorra que a prostrara.

Com movimentos sacudidos, nervosos, atirou o chale, desabotoou rápida o corpete, arrebentou os coses da saia preta e das anáguas, ficou em camisa.

Uma larga mancha vermelha, rútila, viva, maculava a alvura da cambraia.

Era a onda catamenial, o fluxo sanguíneo da fecundidade que ressumava de seus flancos robustos como da uva esmagada jorra o mosto rubejante.

Mais de cem vêzes já a natureza se tinha assim nela manifestado, e nunca lhe causara o que ela então estava sentindo.

Quando aos quatorze anos, após um dia de quebramento e cansaço, se mostrara o fenômeno pela vez primeira, ela ficara louca de terror, acreditara-se ferida de morte, e, com a impudícia da inocência, correra em gritos para o pai, contara-lhe tudo.

Lopes Matoso procurara sossegá-la — que não era nada; que isso se dava com tôdas as mulheres; que evitasse molhadelas, sol, sereno; que dentro de três

dias, ou de cinco ao mais tardar, havia de estar boa, que se não assustasse da repetição todos os meses.

Com o tempo, os livros de fisiologia acabaram de a edificar; em Püss aprendera que a menstruação é uma muda epitelial do útero, conjunta por simpatia com a ovulação, e que o terrorífero e caluniado corrimento é apenas uma conseqüência natural dessa muda.

Resignara-se, afizera-se a mais esta imposição do organismo, assim como já estava afeita a outras. Sòmente, para estudo de si própria, começara de marcar, com estigmas de lápis vermelho, em calendàriozinhos de algibeira, as datas dos aparecimentos.

Anoiteceu.

A mulata a veio chamar para a ceia. Encontrou-a deitada, encolhida, aconchegando-se nas roupas.

Perguntou-lhe se estava doente: ao saber que efetivamente o estava, saíu, avisou o senhor, trouxe as suas cobertas e travesseiros, arranjou uma cama no tapete, ao pé do leito, quedou-se solícita para o que fôsse preciso.

O coronel, cheio de cuidados, veio à porta do quarto interrogar a Lenita.

— Que não era nada, respondeu ela, que aquilo não passava de uma indisposição sem conseqüências, que havia de acordar boa no dia seguinte.

— Menina, você sabe que agora seu pai sou eu. Se precisar de alguma coisa, franquezinha, mande-me chamar a qualquer hora, não receie me incomodar. A pobre da velha lá está aflita, amaldiçoando o tolhimento que a faz não prestar para nada. Não quererá você um chá de salva, um pouco de vinho quente?

— Obrigada, não quero coisa nenhuma.

— Bem, bem, já a deixo em paz. Até amanhã. Procure dormir.

E saiu.

Lenita adormeceu. A princípio foi um dormitar interrompido, irrequieto, cortado de pequenos gritos. Depois apoderou-se dela um como langor, um êxtase que não era bem vigília, e que não era bem sono. Sonhou ou antes viu que o gladiador avolumava-se na sua peanha, tomava estatura de homem, abaixava os braços, endireitava-se, descia, caminhava para o seu leito, parava à beira, contemplando-a detidamente, amorosamente.

E Lenita rolava com delícias no eflúvio magnético do seu olhar, como na água deliciosa de um banho tépido.

Tremores súbitos percorriam os membros da moça; seus pêlos todos hispidavam-se em uma irritação mordente e lasciva, dolorosa e cheia de gôzo.

O gladiador estendeu o braço esquerdo, apoiou-se na cama, sentou-se a meio, ergueu as cobertas, e sempre a fitá-la, risonho, fascinador, foi-se recostando suave até que se deitou de todo, tocando-lhe o corpo com a nudez provocadora de suas formas viris.

O contacto não era o contacto frio e duro de uma estátua de bronze: era o contacto quente e macio de um homem vivo.

E a êsse contacto apoderou-se de Lenita um sentimento indefinível: era receio e desejo, temor e volúpia a um tempo. Queria, mas tinha mêdo.

Colaram-se-lhe nos lábios os lábios do gladiador, seus braços fortes enlaçaram-na, seu amplo peito cobriu-lhe o seio delicado.

Lenita ofegava em estremeções de prazer, mas de prazer incompleto, falho, torturante. Abraçando o fantasma de sua alucinação, ela revolvia-se como uma bêsta fera no ardor do cio. A tonicidade nervosa, o eretismo, o orgasmo, manifestava-se em tudo, no palpitar dos lábios túmidos, nos bicos dos seios cùpidamente retezados.

Em uma convulsão desmaiou.

IV

Lenita voltava à saúde a olhos vistos.

Levantava-se cedo tomava um copo de leite quente, dava um passeio pelo campo, almoçava com apetite, depois do almôço sentava-se ao piano, tocava com brio peças marciais, alegres, movimentadas, de rítmo sacudido.

Ia ao pomar, comia frutas, trepava em árvores.

Jantava, ceava, deitava-se logo depois da ceia, levava a noite de um sono.

Tornara-se garrida: mirava-se muito ao espelho, cuidava com impertinência do alinho do vestir, ornava os cabelos, que eram muito pretos, com flores de côr muito viva.

Abusava de perfumes: a sua roupa branca rescendia a vetiver, a sândalo, a ixora, a *peau d'Espagne*.

Corria, saltava, fazia longas excursões a cavalo, quase sempre a galope, estimulando o animal com o chicotinho, com o chapéu, de faces rubras, brilhantes os olhos, cabelos soltos ao vento.

Caçava.

Um dia calmoso, depois do almôço, tomou uma espingardinha Galand de que habitualmente usava, atra-

vessou o pasto, enfiou por um carreadouro sombrio, através de um vasto trato de mata virgem.

Seguiu distraída, em cisma, avançou muito, foi longe.

De repente prendeu-lhe a atenção um murmurejar de águas, doce, monótono, à esquerda.

Tinha sêde, teve desejo de beber, tomou para lá, seguindo uma trilha estreita.

Parou assombrada ante o cenário majestoso que a pouca distância se lhe adregou.

No fundo de uma barroca muito vasta erguia-se um paredão de pedra negra, musgoso, talhado a pique: por sôbre êle atirava-se um jorro de água que ia formar no talvegue da barroca um lagozinho manso, profundo, cristalino.

Escadando por sôbre o açude natural que fechava a barroca pelo lado de baixo, derivava-se a água, sonorosa, fugitiva.

No espelho calmo do lago refletia-se a vegetação luxuriante que o emoldurava.

Perovas gigantescas de fronde escura e casca rugosa; jequitibás seculares, esparramando no azul do céu a expansão verde de suas copadas alegres; figueiras brancas de raízes chatas, protraídas, a estender ao longe, horizontalmente, os galhos desconformes, como grandes membros humanos aleijados; canchins de fôlhas espinhentas, a distilar pelas fibras do cortex vermelho escuro um leite cáustico, venenoso; guaratãs esbeltos, lisos no tronco, muito elevados; taiuvas claras; paus de alho verdenegrosos, viçosíssimos, fétidos; guaiapás perigosos, abrolhados em acúleos lancinantes e peçonhentos; mil lianas, mil trepadeiras, mil orquí-

deas diversas, de flores roxas, amarelas, azuis, escarlates, brancas, — tudo isso se confundia em uma massa matizada, em uma orgia de verdura, em um deboche de côres que excedia, que fatigava a imaginação. O sol, dardejando feixes luminosos por entre a folhagem, mosqueava o solo pardo de reflexos verdejantes.

Insetos multicolores esvoaçavam zumbindo, sussurrando. Um sorocoá bronzeado soltava de uma caneleira seu sibilo intercadente.

Uma exalação capitosa subia da terra, casava-se estranhamente à essência sutil que se desprendia das orquídeas fragrantes: era um misto de perfume suavíssimo e de cheiro áspero de raizes e de seiva, que relaxava os nervos, que adormecia o cérebro.

Lenita hauriu a sorvos largos êsse ambiente embriagador, deixou-se vencer dos amavios da floresta.

Apoderou-se dela um desejo ardente, irresistível de banhar-se nessa água fresca, de perturbar êsse lago calmo.

Circunvolveu os olhos, perscrutou tôda a roda, a ver se alguém a poderia estar espreitando.

— Tolice! pensou, o coronel não sai, o administrador e os escravos estão no serviço, no cafèzal, não há ninguém de fora na fazenda. Demais, nem isto é caminho. Estou só, absolutamente só.

Depôs a espingarda e junto dela o chapéu de palha, de abas largas que a protegia nesses passeios; começou a despir-se.

Tirou o paletòzinho, o corpete espartilhado, depois a saia preta, as anáguas.

Em camisa, baixou a cabeça, levou as mãos à nuca para prender as tranças e, enquanto o fazia, remirava

complacente, no cabeção alvo, os seios erguidos, duros, setinados, betados aqui e ali de uma veiazinha azul.

E aspirava com delícias, por entre os perfumes da mata, o odor de si própria, o cheiro bom de mulher moça que se exalava do busto.

Sentou-se, cruzou as pernas, desatou os cordões dos borzeguins Clark, tirou as meias, afagou carinhosamente, demoradamente, os pèzinhos breves em que se estampara o tecido fino do fio de Escócia. Ergueu-se, saltou das anáguas, retorceu-se um pouco, deixou cair a camisa. A cambraia achatou-se em dobras moles, envolvendo-lhe os pés.

Era uma formosa mulher.

Moreno-clara, alta, muito bem lançada, tinha braços e pernas roliças, musculosas, punhos e tornozelos finos, mãos e pés aristocràticamente perfeitos, terminados por unhas róseas, muito polidas. Por sob os seios rijos, protraídos, afinava-se o corpo na cintura para alargar-se em uns quadris amplos, para arredondar-se de leve em um ventre firme, ensombrado inferiormente por velo escuro abundantíssimo. Os cabelos pretos com reflexos azulados caíam em franjinhas curtas sôbre a testa, indo frisar-se lascivamente na nuca. O pescoço era proporcionado, forte, a cabeça pequena, os olhos negros, vivos, o nariz direito, os lábios rubros, os dentes alvíssimos, na face esquerda tinha um sinalzinho de nascença, uma pintinha muito escura, muito redonda.

Lenita contemplava-se com amor próprio satisfeito, embevecida, louca de sua carne. Olhou-se, olhou para o lago, olhou para a selva, como reunindo tudo para formar um quadro, uma síntese.

Acocorou-se faceiramente, assentou a nádega direita sôbre o calcanhar direito, cruzou os braços sôbre o joelho esquerdo erguido, lembrando, reproduzindo a posição conhecida da estátua de Salona, da *Venus Accroupie*.

Estêve, estêve assim muito tempo: de repente deu um salto, atufou-se na água, surgiu, começou a nadar.

O lago era profundo, mas estreito. Lenita ia e vinha, de uma margem para a outra, do paredão ao açude, do açude ao paredão. Passava por sob o jorro e dava gritos de prazer e de susto ao choque duro da massa líquida sôbre o seu dorso acetinado.

Virava de costas e deixava-se boiar, com as pernas estendidas, com o ventre para o céu, com os braços alargados, movendo as mãos abertas, vagarosamente, por baixo da água.

Voltava-se e recomeçava a nadar, rápida como uma flecha.

Um calafrio avisou-a de que era tempo de sair da água.

Saiu com o corpo arripiado, gélido, a tiritar. Quedou-se ao sol, em uma aberta, esperando a reação do calor, soltando, torcendo, sacudindo os cabelos. De seu corpo desprendia-se um vaporzinho sutil, uma aura tênue, que a envolvia tôda.

O calor do sol e o seu próprio calor enxugaram-na de pronto. Vestiu-se, espalhou pelas costas os cabelos ainda molhados, pôs o chapéu, tomou a espingarda, e partiu para casa, a correr, trauteando um trecho dos *Sinos de Corneville*.

— Oh! meus pecados! gritou o coronel ao vê-la chegar, alegre, risonha, com os cabelos úmidos. Pois

não é esta louquinha que se foi banhar no poço do paredão! Aquilo é água gelada... Com certeza pilhou um formidável resfriamento!

— O que eu pilhei foi um formidável apetite: hoje ao jantar hei-de comer por quatro.

— O' moleque, anda, vai, traze cognac lá de dentro, depressa.

— O coronel vai beber cognac?

— Você vai beber cognac.

— Nunca provei tal coisa.

— Pois agora há de prová-lo, é o único meio de fazermos as pazes.

Veio o cognac, um cognac genuíno, velho, de 1848. Lenita bebeu um càlicezinho, tossiu, lagrimejaram-lhe os olhos, achou forte mas gostou; repetiu.

V

Chegara o dia de principiar a moagem.

Já de véspera tinham os negros andado em uma faina a varrer a casa no engenho, a lavar os cochos e as bicas, a arear, a polir as caldeiras e o alambique, com grandes gastos de limão e cinza.

Mal amanhecera entrou-se a ver no canavial fronteiro uma fita estreita de emurchecimento que aumentava, que avançava gradualmente no sentido da largura. Era o corte que começara. As roupas brancas de algodão, as saias azuis das pretas, as camisas de baeta vermelha dos pretos punham notas vivas, picantes, naquele oceano de verdura clara, agitadas por lufadas de vento quente.

No casarão do engenho, varrido, asseado, quatro caldeiras e o alambique de cobre vermelho reverberavam polidos, refletindo à luz que entrava pelas largas frestas. As fornalhas afundavam-se lôbregas, escancarando as grandes bôcas gulosas.

A água, ainda prêsa na calha, espirrava pelas juntas da comporta sôbre as línguas da roda, em filetes cristalinos. As moendas brilhavam limpas, e os eixos e endentações luziam negros de graxa. Compridos co-

chos e vasta resfriadeira abriam os bojos amplos, absorvendo a luz no pardo fosco da madeira muito lavada.

Ao longe, quase indistinto a princípio, mas progressivamente acentuado, fêz-se ouvir um chiar agudo, contínuo, monótono, irritante. A crioulada reunida em frente ao engenho levantou uma gritaria infrene, tripudiando de júbilo.

Eram os primeiros carros de canas que chegavam.

Arrastados pesadamente por morosos mas robustos bois de grandes aspas, avançavam os ronceiros veículos estalando, gemendo, sob a carga enorme de grossas e compridas canas, riscadas de verde e roxo.

Carreiros negros, altos, espadaúdos, cingidos na altura dos rins por um tirador de couro cru, estimulavam, dirigiam os ruminantes com longas aguilhadas, com brados ostentóricos:

— Eia, Lavarinto! Fasta, Ramalhete! Ruma, Barroso!

Os carros entraram no compartimento das moendas. Negros ágeis saltaram para cima dêles, a descarregar. Em um momento empilharam-se as canas, de pé, atadas em feixe com as próprias folhas.

Fêz-se fogo na fornalha das caldeiras, abriu-se a comporta da calha, a água despenhou-se em queda violenta sôbre as línguas da roda, esta começou de mover-se lenta a princípio, depois acelerada.

Cortando os atilhos de um feixe a golpes rápidos de facão, o negro moedor entregou as primeiras canas, ao revolver dos cilindros. Ouviu-se um estalejar de fibras esmagadas, o bagaço vomitado picou de branco o desvão escuro em que giravam as moendas, a garapa principiou a correr pela bica em jorro farto, verdejan-

te. Após pequeno trajeto foi cair no cocho grande, marulhosa, gorgolante, com grande espumarada resistente.

Os negros *banqueiros,* empunhando espumadeiras de compridos cabos, tomaram lugar junto às caldeiras.

Levada por uma bica volante, a garapa encheu-os em um átomo. A fornalha esbraseou-se, escandesceu, irradiando um calor doce por tôda a vasta quadra. As espumadeiras destras atiravam ao ar em louras espadanas o melaço fumegante, que tornava a cair nas caldeiras, refervendo, aos gorgolões.

Dominava no ambiente um aroma suave, sacarino, cortado a espaços por uma lufada tépida de cheiro humano áspero, de catinga sufocante exalada dos negros em suor.

O coronel gostava da lavoura de cana; vencendo o seu reumatismo, passava os dias da moagem sentado em um banco de cabriúva alto, largo, fixo entre duas janelas, a distância razoável das caldeiras. Dirigia o trabalho, tomando o ponto ao melaço em um tachinho de cobre muito limpo, muito areado, remexendo com uma pá o açúcar na esfriadeira, quando êste, transvazado a reminhóis por uma bica volante especial, aí parava, coalhando-se por cima em crosta amarela, quebradiça.

Lenita não saía do engenho; tudo queria ela saber, de tudo se informava.

O coronel passava por verdadeiros interrogatórios — quais os meses do plantio da cana; que tempo levava esta na terra até ficar pronta para o corte; quando e quantas vêzes devia ser carpida; como se cortava; que era *baixar*, que era *levantar* o podão; quais os sinais de maturidade; como se conhecia a cana *passada*; que era *carimar*; porque tinha menos viço e mais do-

çura a cana de terra safada; como se plantavam as pontas.

Entrava em detalhes de lavoura, tomava notas; sabia que um alqueire agrário paulista tem cem braças por cinqüenta; que a quarta parte dessa área, em relação à lavoura de canas, chama-se *quartel*; que um quartel de terra própria, em anos favoráveis, dá de quarenta a cinqüenta carros de canas; que um carro de canas boas produz cinco arrobas de açúcar; que o açúcar sem barro, mascavo, faz mais conta em comércio do que o açúcar com barro, alvo; que o barro é suprido com vantagem pelo estrume bovino.

Subia ao tendal, contava as fôrmas, duas em cada pau; computava o produto em açúcar das quatro *tarefas* de cada dia; calculava o que haviam de produzir, em aguardente, os resíduos, a espuma, o mel; avaliava a capacidade dos caixões, dos estanques, dos vasos de tanôa de grande arqueação; punha-se ao fato dos preços; comparava os do ano corrente com os dos nove anos anteriores do decênio; generalizava, induzia, chegava a conclusões positivas sôbre a renda do município em futuro próximo, dada mesmo a eliminação do fator servil.

O coronel admirava-a. Um dia disse-lhe:

— Com uma mulher como você é que eu devia ter casado. Pobre eu não sou, mas estaria podre de rico se a tivesse tido para minha administradeira desde os meus princípios. Inda se eu tivesse um filho ou um neto da sua idade para se casar com você...

— Por falar em filho, quando vem o seu que está em Paranàpanema? perguntou Lenita.

— Eu sei lá? Aquilo é um esquisitão, sempre foi. Mete-se com os livros e fica meses e meses sem sair do

quarto. De repente vira-lhe a mareta, e lá se vai êle para o sertão, põe-se a caçar e adeus! não se lembra mais de nada.

— E' casado, parece-me ter ouvido dizer.

— Desgraçadamente.

— Onde está a mulher?

— Na terra dela, em França.

— Com que, então, é francêsa?

— E', êle casou-se por extravagância em Paris: no fim de um ano nem êle podia suportar a mulher, nem ela a êle. Separaram-se.

— Não sabia que seu filho tinha estado na Europa.

— Estêve, estêve lá dez anos: quando voltou até já falava mal o português.

— Em que países estêve?

— Um pouco em tôda a parte: estêve na Itália, na Áustria, na Alemanha, em França. Na Inglaterra foi que parou mais tempo: demorou-se lá, aprendendo com um tipão que afirma que nós somos macacos.

— Darwin?

— Exatamente.

— Então seu filho é homem muito instruído?

— É: fala umas poucas de línguas, e conhece bastantes ciências. Sabe até medicina.

— Deve ser muito agradável a sua companhia.

— Há ocasiões em que é de fato, há outras em que nem o diabo o pode aturar. Está então com uma coisa que êle chama em inglês... um nome arrevesado.

— *Blue devils?*

— Há de ser isso. Então você também pesca um pouco da língua dos bifes?

— Falo inglês sofrivelmente.

— Bem bom, quando Manduca vier e estiverem de veneta, temperarão língua para matar o tempo.

— Estimarei muito ter ocasião de praticar.

E Lenita daí em diante pensou sempre, mesmo a seu pesar, nesse homem excêntrico que, tendo vivido por largo espaço entre os esplendores do mundo antigo, a ouvir os corifeus da ciência, a estudar de perto as mais subidas manifestações do espírito humano; que, tendo desposado por amor, de certo, uma das primeiras mulheres do mundo, uma parisiense, se deixara vencer de tédio a ponto de se vir encafuar em uma fazenda remota do oeste da província de S. Paulo, e que, como isso lhe não bastasse, lá ia para o sertão desconhecido a caçar animais ferozes, a conviver com bugres bravos.

Sabia que era homem de quarenta e tantos anos, pouco mais moço do que lhe morrera o pai. Figurava-o em uma virilidade robusta que, se já não era mocidade, ainda não era velhice; emprestava-lhe uma plástica fortíssima, atlética, a do torso do Belvedere; dava-lhe uns olhos negros, imperiosos, profundos, dominadores. Ansiava por que lhe chegasse a notícia de que êle vinha vindo, de que já tinha pedido os animais para transportar-se da estação à fazenda.

E continuava na sua alegria progressiva: a saudade do pai já não era dolorosa, era apenas melancólica.

Bebia garapa, mas preferia-a picada. Gostava muito de chupar canas: que era melhor do que garapa, dizia; que a cana descascada, torneada a canivete, triturada pelos dentes tinha um frescor, uma doçura especial, que o esmagamento pelas moendas lhe tirava.

Detestava o *furu-furu*, mas em compensação adorava o *ponto*, o *puxa-puxa*. Quando o melaço começava na esfriadeira a engrossar, a cobrir-se de espuma amarela, ela corria-lhe o índice da mão direita pela superfície quente, tirava uma dedada grande, lambia-a com prazer dando estalinhos com a bôca, fechando os olhos. Um dia um preto que tinha a seu cargo guiar a carroça de bagaço para o bagaceiro, e que trazia ao pé esquerdo uma grande pêga de ferro, falou-lhe:

— Sinhá, olhe como está esta perna; está tôda ferida. Ferro pesa muito, fale com sinhô para tirar.

E mostrava o tornozelo ulcerado pela pêga, fétido, envôlto em trapos muito sujos.

— Mas, que fêz você para estar sofrendo isto?

— Pecado, sinhá; fugi.

— Era maltratado, estava com mêdo de apanhar?

— Nada, sinhá: negro é mesmo bicho ruim, às vêzes perde a cabeça.

— Se você me promete não fugir mais, eu vou pedir ao coronel que mande tirar o ferro.

— Promete, sinhá: negro promete, palavra de Deus! Deixa estar. S. Benedito há de dar a sinhá um marido bonito como sinhá mesmo.

E deu uma grande risada alvar.

Lenita gostou do bom desejo, e do cumprimento, e sorriu-se.

De tarde falou ao coronel — que aquilo não tinha razão de ser, que era uma barbaridade, uma vergonha, uma coisa sem nome, que mandasse tirar o ferro.

— Ai, filha! você não entende dêste riscado. Qual barbaridade, nem qual carapuça! Neste mundo não existe coisa alguma sem sua razão de ser. Estas filan-

tropias, estas jeremiadas modernas de abolição, de não sei que diabo de igualdade, são patranhas, são cantigas. É chover no molhado — preto precisa de couro e ferro como precisa de angu e baeta. Havemos de ver no que há de parar a lavoura quando esta gente não tiver no eito, a tirar-lhe as cócegas, uma boa guasca na ponta de um pau, manobrada por um feitor destorcido. Não é porque eu seja maligno que digo e faço estas coisas; eu até tenho fama de bom. É que sou lavrador, e sei o nome aos bois. Enfim, você pede, eu vou mandar tirar o ferro. Mas são favas contadas — ferro tirado, preto no mato.

A moagem continuava, o canavial se ia convertendo em palhaça: à verdura clara viva, sucedia um pardo fosco, sujo, muito triste. O vento esfregava as fôlhas mortas, ressequidas, arrancando delas um som áspero de atrito, estalado, metálico, irritantíssimo.

O bagaceiro crescia, avultava: na sua brancura esverdinhada punham notas escuras os suínos, bovinos e muares que aí passavam o dia, mastigando, mascando, esmoendo. De repente armava-se uma grande briga; ouviam-se grunhidos agudos, mugidos roucos, orneios feros. Uma dentada oblíqua, um guampaço, uma parelha de coices tinha dado ganho de causa ao mais forte.

O odor suave do primeiro ferver da garapa no começo da moagem se acentuara em um cheiro forte, entontecedor de açúcar cozido, de sacarose fermentada que se fazia sentir a mais de um quarto de légua de distância.

VI

Terminara a moagem, ia adiantada a primavera.

A flora tropical rejuvenescera na muda de todos os anos: os gomos, os brotos, a fronde nova rebentara pujante, aqui de um verde claro deslavado, veludoso, muito tenro; ali lustrosa, vidrenta, côr de ferrugem; além rubra. Depois tudo isso se expandira, se robustecera, se consolidara em uma verdura forte, sadia, vivaz.

A natureza mudara de *toilette*, e entrara no período dos amores.

Irrompia a florescência com todo o seu luxo de formas, com tôda a sua prodigalidade de matizes, com todo o seu esbanjamento de perfumes.

Por sôbre os cafèzais escuros atirara ela, com suave monotonia, um lençol de corolas alvíssimo, deslumbrante.

Na mata tôda a árvore, todo o arbusto, tôda a planta tomava-se de estranha energia.

As flores, em uma abundância impossível, comprimiam-se nos galhos, empurravam-se, deformavam-se. No quebrantamento da volúpia amorosa pendiam, reviravam os cálices, entornavam no ambiente ondas de pólen, de pulverulência fecundante.

À lascívia da flora se vinha juntar o furor erótico da fauna.

Por tôda a parte ouviam-se gorjeios e assobios, uivos e bramidos de amor. Era o trilar do inambu, o piar do macuco, o berrar do tucano, o grasnar gargalhado do jacu, o retinir da araponga, o chiar do serelepe, o rebramar do veado, o miar plangente, quase humano dos felinos.

A essa tempestade de notas, a êsse cataclismo de gemidos cúpidos, sobrelevava o regougo áspero do cachorro do mato, o guincho lancinante, frenético do cará-cará perdido na amplidão.

A folhagem tremia agitada, esbarrada, machucada. Insetos brilhantes, verdes como esmeraldas, rubros como rubins, revoluteavam em sussurro, agarravam-se frementes. Os pássaros buscavam-se, beliscavam-se, em vôos curtos, fortes, sacudidos, com as penas arrufadas. Os quadrúpedes retouçavam, perseguiam-se, aos corcovos, arrepiando o pêlo. Serpentes silvavam meigas, enroscando-se em luxúria, aos pares.

A terra casava suas emanações quentes, ásperas, elétricas com o mormaço lúbrico da luz do sol coada pela folhagem.

Em cada buraco escuro, em cada fenda de rocha, por sôbre o solo, nas hastes das ervas, nos galhos das árvores, na água, no ar, em tôda a parte, focinhos, bicos, antenas, braços, élitros desejavam-se, procuravam-se, encontravam-se, estreitavam-se, confundiam-se, no ardor da sexualidade, no espasmo da reprodução.

O ar como que era cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia. Sobres-

saía a todos os perfumes, dominava forte um cheiro acre de semente, um odor de cópula, excitante, provocador.

Lenita estava preguiçosa. Internava-se na mata e, quando achava uma barroca sêca, uma sombra bem escura, reclinava-se aconchegando o corpo na alfombra espêssa de fôlhas mortas, entregava-se à moleza erótica que estilava das núpcias pujantes da terra. Voltava à casa, estendia-se na rêde, com uma perna estirada sôbre outra, com um livro que não lia caído sôbre o peito, com a cabeça muito pendida para trás, com os olhos meio cerrados, e assim quedava-se horas e horas em um langor cheio de encantos.

Pensava constantemente, continuamente, sem o querer, no caçador excêntrico do Paranàpanema, via-o a todo o momento junto de si, robusto, atlético como o ideara, dialogava com êle.

Ficara cruel: beliscava as crioulinhas, picava com agulhas, feria com canivete os animais que lhe passavam ao alcance. Uma vez um cachorro reagiu, e mordeu-a. Em outra ocasião pegou num canário que lhe entrara na sala, quebrou-lhe e arrancou-lhe as pernas, desarticulou-lhe uma asa, soltou-o, rindo com prazer íntimo ao vê-lo esvoaçar miseràvelmente, com uma asa só, arrastando a outra, pousando os cotos sangrentos na terra pedregosa do terreiro.

O escravo, a quem ela fizera tirar o ferro do pé, fugira de fato, como tinha previsto o coronel: um dia voltou prêso, amarrado com uma corda pelos lagartos dos braços, trazido por dois caboclos.

Que não havia remédio, disse o coronel, que dessa feita o negro tinha de tomar uma tunda mestra por ter abusado do apadrinhamento de Lenita, que ia tornar a

pôr-lhe o ferro, e que não o tiraria mais nem à mão de Deus Padre.

Lenita muito de adrede, não intercedeu. Sentia uma curiosidade mordente de ver a aplicação do bacalhau, de conhecer de vista êsse suplício legendário, aviltante, atrozmente ridículo. Folgava imenso com a ocasião talvez única que se lhe apresentava, comprazia-se com volúpia estranha, mórbida na idéia das contrações de dor, dos gritos lastimados do negro misérrimo que não havia muito lhe despertara a compaixão.

Disfarçadamente, hàbilmente, sem tocar de modo direto no assunto, conseguiu saber do coronel que o castigo havia de ter lugar na casa do tronco, no dia seguinte, ao amanhecer.

Passou a noite em sobressalto, acordando a tôdas as horas, receosa de que o sono imperioso da madrugada lhe fizesse perder o ensejo de ver o espetáculo por que tanto anelava.

Cedo, muito escuro ainda, levantou-se, saíu, atravessou o terreiro, e, sem que ninguém a visse, entrou no pomar.

Do lado de leste era êste fechado pela fila das senzalas, cujas paredes de barro cru erguiam-se altas, inteiriças muito gretadas.

Havia uma casa mais vasta duas vêzes do que qualquer outra: era a casa do tronco.

A essa chegou-se Lenita, encostou-se e, tirando do seio uma tesourinha que trouxera, começou a abrir um buraco na parede, à altura dos olhos, entre dois barrotes e duas ripas, em lugar favorável, donde já se protraía um torrão muito pedrento, muito fendido, meio sôlto.

A tesourinha era curta, mas reforçada, sólida, de aço excelente, de Rodgers. A obra avançava, Lenita trabalhava com ardor, mas também com muita paciência, com muito jeito. O aço mordia, esmoía o barro friável quase sem ruído. Um rastilho de pó amarelado maculava o vestido preto da moça.

Deslocou-se o torrão, e caiu para dentro, dando um som surdo ao tombar no chão fôfo, de terra mal batida.

Estava feito o buraco.

Lenita, retraíu-se, ficou imóvel, sustendo a respiração.

Após instantes estendeu o pescoço, espiou. Nada pôde ver: estava muito escuro dentro. Ouvia-se um ressonar alto, igual.

Passou-se um longo trato de tempo.

O brilho das estrêlas empalideceu. Uma faixa de luz branca desenhou-se ao nascente, ruborizou-se, purpurejou inflamada com reflexos côr de ouro. O ar tornou-se mais fino, mais sutil e a passarada rompeu num hino áspero, desacorde, mas alegre, festivo, titânico, saudando o dia que despontava.

Ouviu-se o sino da fazenda vibrar muito sonoro.

Lenita tornou a espiar: a casa do tronco já estava clara.

A um canto espalmava-se um estrado de madeira, engordurado, lustroso pelo rostir de corpos humanos sujos. As tábuas que o constituíam embutiam-se em um sólido pranchão de cabriúva, cortado em dois no sentido do comprimento: as duas peças por êle formadas justapunham-se, articulando-se de um lado por uma dobradiça forte, prêsas de outro por uma fechadura de

ferrolho. Na parte superior da peça fixa, e na inferior da móvel havia piques semi-circulares, chanfrados, que, ao ajustarem-se essas peças, coincidiam, perfazendo furos bem redondos, de um decímetro mais ou menos de diâmetro.

Era o tronco.

Sôbre o estrado, de ventre para o ar, com as pernas passadas, pouco acima dos tornozelos, nos buracos dos pranchões, envôlto em uma velha coberta de lã parda, despedaçada, imunda, tinha atravessado a noite o escravo fugido.

Dormira, ao bater do sino acordara.

Segurando-se a um joelho com as mãos ambas, sentara-se por um pouco, espreguiçara, volvera a deitar-se, com os membros doloridos, resignado.

Abriu-se a porta, e entrou o administrador seguido por um dos caboclos que tinham trazido o preto.

— Olá, seu mestre! gritou o caboclo, olhe o que aqui lhe trago:

Chocolate, café, berimbau.

E a correia na ponta do pau!

Vai chuchar cinqüenta para largar da moda de tirar cipó por sua conta. Não sabe que negro que foge dá prejuízo ao senhor? Olhe só êste pincel, está tinindo, está beliscando!

E sacudia ferozmente o bacalhau.

É um instrumento sinistro, vil, repugnante, mas simples.

Toma-se uma tira de couro cru, de três palmos ou pouco mais de comprimento, e de dois dedos de largura. Fende-se ao meio longitudinalmente, mas sem separar as duas talas nem em uma, nem em outra extre-

midade. Amolenta-se bem em água, depois se torce e se estira em uma tábua, por meio de pregos, e põe-se a secar. Quando bem endurecido o couro, adapta-se um cabo a uma das extremidades, corta-se a outra, espontam-se as duas pernas a canivete, e está pronto.

O administrador abriu o tronco, o negro ergueu-se baio, trêmulo, miserável.

Sob a impressão do mêdo como que se lhe dissolviam as feições.

Caíu de joelhos, com as mãos postas, com os dedos nodosos enclavinhados.

Era a última expressão do rebaixamento humano, da covardia animal.

Infundia dó e nojo.

— Pelo amor de Deus, seu Mané Bento, nunca mais eu fujo!

E chorava desesperadamente.

— Não faça barulho, rapaz, respondeu o administrador. São ordens do senhor, hão de ser cumpridas.

— Vá chamar o sinhô!

— O senhor está deitado, não vem, não pode vir cá. Deixe-se de histórias, arreie as calças e deite-se.

— Nossa Senhora me acuda!

— Você não chama por Nossa Senhora quando trata de fugir, gritou impaciente o caboclo. Vamos, vamos acabar com isto, ande.

O infeliz volveu os olhos em tôrno de si, como procurando uma aberta para a fuga. Desenganado, decidiu-se.

Com movimentos vagarosos, tremendo muito, desabotoou a calça suja, deixou-a cair, desnudou as suas nádegas chupadas de negro magro, já cheias de costuras, cortadas de cicatrizes.

Curvou as pernas pôs as mãos no chão, estendeu-se, deitou-se de bruços.

O caboclo tomou posição à esquerda, mediu a distância, pendeu o corpo, recuou o pé esquerdo, ergueu e fêz cair o bacalhau da direita para a esquerda, vigorosamente, ràpidamente, mas sem esfôrço, com ciência, com arte, com elegância de profissional apaixonado pela profissão.

As duas correias tesas, duras, sonoras, metálicas, quase silvavam, esfolando a epiderme com as pontas aguçadas.

Duas riscas branquicentas, esfareladas, desenharam-se na pele roxa da nádega direita.

O negro soltou um urro medonho.

Compassado, medido, erguia-se o bacalhau, descia rechinante, lambia, cortava.

O sangue ressumou a princípio em gotas, como rubins líquidos, depois estilou contínuo, abundante, correndo em fios para o solo.

O negro retorcia-se como uma serpente ferida, afundava as unhas na terra sôlta do chão, batia com a cabeça, bramia, ululava.

— Uma! duas! três! cinco! dez! quinze! vinte! vinte e cinco!

Parou um momento o algoz, não para descansar, não estava cansado; mas para prolongar o gôzo que sentia, como um bom gastrônomo que poupa um acepipe fino.

Saltou por cima do negro, tomou nova posição, fêz vibrar o instrumento em sentido contrário, continuou o castigo na outra nádega.

— Uma! duas! três! cinco! dez! quinze! vinte! vinte e cinco!

Os uivos do negro eram roucos, estrangulados: a sua carapinha estava suja de terra, empastada de suor.

O caboclo largou o bacalhau sôbre o estrado do tronco e disse:

— Agora uma salmorazinha para isto não arruinar.

E, tomando da mão do administrador uma cuia que êsse trouxera, derramou o conteúdo sôbre a derme dilacerada.

O negro deu um corcôvo; irrompeu-lhe da garganta um berro de dor, sufocado, atroz, que nada tinha de humano. Desmaiou.

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas.

O silvar do azorrague, as contrações, os gritos do padecente, os fios de sangue que ela via correr, embriagavam-na, dementavam-na, punham-na em frenesi: torcia as mãos, batia os pés em ritmo nervoso.

Queria, como as vestais romanas no ludo gladiatório, ter direito de vida e de morte; queria poder fazer prolongar aquêle suplício até à exaustão da vítima; queria dar o sinal, *pollice verso*, para que o executor consumasse a obra.

E tremia, agitada por estranha sensação, por dolorosa volúpia. Tinha na bôca um saibo de sangue.

VII

Havia quase uma semana que estava chovendo contìnuamente. As matas alegres, viçosas, muito lavadas reviam água pela fronde. O tapete espêsso de fôlhas mortas, que cobria o solo nas matas, estava ensopado, desfeito, ia-se reduzindo a humus. A terra nua nos caminhos, limosa, esverdeada nos taludes e nas rampas, empapada, semi-líquida no leito plano, cortada longitudinalmente pelas trilhas dos carros, batida, revolvida, amassada pelos pés dos animais, ora alteava-se em almofadas de lama, ora cavava-se em poças de água barrenta, amarela em uns lugares, em outros côr de sangue. Corria o enxurro torrentoso, rápido, enxadrezado nos declives; manso, espraiado em toalhas, banhando as raízes das gramíneas no chato, no descampado.

Os campos eram brejos, os brejos lagos.

No pomar as laranjeiras pendiam os grelos em um desfalecimento úmido; as ameixeiras, as mangueiras, os pessegueiros, os cajueiros viçavam muito lustrosos. O céu pardo, como que descido, parecia muito perto da terra. O ribeirão transbordando roncava em marulhos.

Lenita sentada, encorujada na rêde, com as pernas cruzadas, à chinesa, levava a mor parte do dia a ler, conchegando-se no chale, friorenta, aborrecida, esplenética.

Rememorava por vêzes as mudanças, as alternativas físio-psíquicas por que tinha passado na fazenda, onde não encontrara uma pessoa de sua idade, de seu sexo ou de sua ilustração a quem comunicar o que sentia, que a pudesse compreender, que a pudesse aconselhar, que a pudesse fortalecer nessa terrível batalha dos nervos.

Analisava a crise histérica, o erotismo, o acesso de crueldade que tivera. Estudava o seu abatimento atual irritadiço, dissolvente, cortado de desejos inexplicáveis. Surpreendia-se amiudadas vêzes a pensar sem o querer no filho do coronel, nesse homem já maduro, casado, a quem nunca vira; sentia que lhe pulsava apressado o coração quando falavam nêle em sua presença. E concluía que aquilo era um estado patológico, que a minava um mal sem cura.

Depois mudava de pensar: não estava doente, seu estado não era patológico, era fisiológico. O que ela sentia era o aguilhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da CARNE a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie.

E lembrava-lhe a ninfomania, a satiríase, êsses horrores com que a natureza se vinga de fêmeas e machos que lhe violam as leis, guardando uma castidade impossível; lembrava-lhe o horror sagrado que aos povos de Grécia e Roma inspiravam êsses *castigos de Vênus*.

Entrevia como em uma nuvem as ninfas gregas de Dictynne, as vestais romanas, as odaliscas molitas, as monjas cristãs, pálidas, convulsas, com os lábios em sangue, com os olhos em chamas, a contorcerem-se nos bosques, nos leitos solitários; a morderem-se, loucas, bestiais, espicaçadas pelos ferrões do desejo.

Desfilavam-lhe por diante, lúbricas, vivas, palpáveis quase, Pasifae, Fedra; Júlia, Messalina, Teodora, Império; Lucrécia Borgia, Catarina da Rússia.

Um dia entrou na sala o coronel.

— Grande novidade! aí me vem o rapaz... *rapaz* é um modo de falar, o velho, o caçador do Paranàpanema.

— Seu filho?

— Sim. Também era tempo, eu já estava com saudades.

— Mas não preveniu, não pediu condução...

— Pois eu não dizia? aquilo é assim mesmo, é espeloteado. Não quer, não sabe esperar; não está para demoras.

Alugou animais no Rio Claro, e aí vem vindo.

— Como soube?

— Por um caboclo que partiu de lá ao amanhecer, e que agora passou por aqui.

— Então seu filho vem tomando esta chuvarada?

— Isso para êle é um pau para um ôlho, está acostumado.

— A que horas acha que chega?

— São seis léguas de caminho. Êle de certo saíu depois do almôço, às 10 horas. Como a estrada está ruim, gastará umas seis ou sete horas. Às quatro, às cinco horas ao mais tardar, rebenta por aí. O que eu quero saber é se você quer jantar às horas do costume, ou se concorda em que o esperemos.

— Havemos de esperar, boa dúvida!

O coronel saíu.

Lenita saltou lesta da rêde, correu ao seu quarto, penteou-se com desvanecimento, ergueu os cabelos, prendeu-os no alto da cabeça, deixando a nuca bem a descoberto. Espartilhou-se, tomou um vestido de me-

rinó afogado, muito singelo, mas muito elegante. Pôs brincos, broche, braceletes de onix, calçou sapatinhos Luiz XV, cuja entrada muito baixa deixava vêr a meia de seda preta com ferradurinhas brancas em relêvo. No peito, à esquerda, pregou duas rosas pálidas, meio fechadas, muito cheirosas.

— Bravo! que linda que está a senhora D. Lenita! bradou o coronel, entusiasmado ao vê-la. Pena é que esteja gastando cera com ruim defunto: o rapaz não é rapaz, e ainda, por mal de pecados, é beco sem saída.

Lenita corou um pouco, riu-se.

— Vamos, vamos lá para dentro: quero que a velha a veja nesse reto. Francamente, está bonita a fazer virar a cabeça ao próprio santo Antão! Como lhe assenta a você essa roupa preta afogadinha! Sim, senhora!

Ia quase anoitecendo.

A chuva caía forte, compassada, ininterrompida: em tôdas as depressões de terreno estancava-se a água; por todos os declives corria ela em torrentes, em borbotões, em jorros, em filetes.

No alto do morro fronteiro, cortado pela estrada, assomaram dois cavaleiros e uma bêsta de canastrinhas.

Vagarosos, escorregando a cada passo na ladeira lamacenta, lisa, começaram a descer procurando a fazenda.

A água da chuva, pulverizada no ar, esbatia-lhes os contornos em uma como atmosfera cinzenta, riscada obliquamente pelo peneirar dos pingos grossos.

O coronel viu-os por uma janela, através dos vidros embaciados.

— Lá vem Manduca, disse. Coitado! Vem como um pinto!

Lenita parou o movimento brando da cadeira de balanço, largou o *Correio da Europa* que estava lendo,

deixou cair os braços sôbre as coxas, recostou a cabeça no espaldar, quedou-se imóvel, muito pálida, quase desfalecida. O sangue refluíra-lhe ao coração que batia descompassado.

Chegaram os viajantes.

Ouviu-se o tinir de freios sacudidos nervosamente pelas cavalgaduras, depois o chapinhar pesado de botas ensopadas, enlameadas, e o arrastar sonoro de esporas no pedrado do alpendre.

O coronel, trôpego, correu ao encontro do filho.

— Que raio de tempo! disse êste ao entrar na ante-sala, batendo duro os pés na soleira da porta, e tirando a capa de borracha que foi pendurar a uma estaqueira. Adeus, meu pai, vosmecê bom, eu vejo; minha mãe na mesma, não?

— Tudo na forma do costume. E você? boas caçadas? boa saúde?

— Caçadas esplendidas, hei de lhe contar. Saúde de ferro, a não ser a maldita enxaqueca que me não larga, e que neste momento mesmo me está atormentando de modo horroroso. Vou lá dentro ver minha mãe, e sigo para o meu quarto: deve estar pronto. Mande o Amâncio levar-me uma chaleira de água a ferver, e uma pouca de farinha mostarda, para eu tomar um pedilúvio sinapizado.

— Você não jantou, e de certo almoçou mal: coma alguma coisa que há de fazer-lhe bem.

— Comer! mal de mim se comesse estando de enxaqueca.

— Que maçada! Eu e a Lenita que o estávamos esperando para jantar...

— Lenita! Quem é Lenita?

— É a neta do meu velho amigo Cunha Matoso, filha do meu pupilo, o doutor Lopes Matoso, que mor-

reu logo depois que você foi para o Paranàpanema. Não recebeu a minha carta nesse sentido?

— Recebi, lembra-me muito o Lopes Matoso. Com que então a filha está agora aqui?

— Está, coitada. Não pôde ficar na cidade, era-lhe muito dolorosa a falta do pai. Vem cá, Lenita vem ver o meu filho. Chama-se Manuel Barbosa.

Lenita veio da sala, adiantou-se para o recém-chegado, cumprimentou-o com uma inclinação da cabeça.

Êle tirou o seu chapéu alagado, retribuíu o cumprimento.

— Um seu criado, minha distinta senhora. Desculpar-me-á não apertar-lhe a mão: estou imundo, estou que é só barro da cabeça aos pés.

Manuel Barbosa era homem de boa altura, um tanto magro. A roupa molhada colava-se-lhe ao corpo, acentuando-se as formas angulosas. Cabelos desmesuradamente grandes, empastados, escorrendo água, cobriam-lhe a testa, escondiam-lhe as orelhas. As barbas grisalhas, crescidas, davam-lhe um aspecto inculto, quase feroz. Com a enxaqueca estava pálido, muito pálido, baço, terroso. Piscava muito os olhos para furtar-se à ação da luz. Tinha as pálpebras batidas, trêmulas, e muitos pés de galinha encarquilhavam-lhe os cantos externos dos olhos.

Lenita, desapontadíssima, mirava-o com uma curiosidade dolorosa.

— Minha senhora, continuou êle, sinto imenso que vossa excelência tenha esperado por mim para jantar, e que a minha negregada enxaqueca prive-me hoje do prazer de sua companhia. Queira conceder-me licença.

E varou para o interior, sacudidamente, brutalmente, fazendo soar as esporas, deixando no assoalho as

marcas úmidas das botas enlameadas. O coronel acompanhou-o.

Lenita recolheu-se ao seu quarto, bateu as janelas, não quis jantar, não quis cear, respondeu quase com desabrimento ao coronel, que insistia com ela para que fôsse à mesa comer uma asa de frango, uma talhadinha de presunto, algum doce ao menos.

Sacou do peito com violência as duas bonitas rosas, atirou-as ao chão, calcou-as aos pés, esmurregou-as, despiu-se frenèticamente, aos pinchos, arrancando os botões, arrebentando os colchetes.

Com um movimento de pernas rápido, sacudido, fêz voar longe os sapatinhos, atirou-se à cama, encolheu-se como uma bola, mordeu os braços, despediu num pranto convulso.

Chorou, soluçou por muito tempo. Êsse descarregamento nervoso aliviou-a; acalmou-se, sossegou.

Entrou a refletir.

Conceber um ideal, pensava ela, animá-lo como uma mãe amima o filho, ajeitá-lo, vesti-lo cada dia com uma perfeição nova, e, de repente, ver a realidade impôr-se esmagadoramente prosaica, chatamente bruta, bestialmente chata!

Idealizar um caçador de Cooper, um Nemrod forte até diante de Deus, um atleta musculado como um herói da antiguidade, e ver sair pela frente um sujeito pulha, enlameado, velho, de melenas intonsas e barbas grisalhas, um almocreve, um arrieiro que quase a tratara mal!

E ainda por cima juraria que êle tresandava a cachaça: sentira-lhe a bifada quando êle falou.

Mas, em suma, que lhe importava a ela êsse homem, com quem nunca conversara, que nunca sequer tinha visto, cuja existência até bem pouco ignorava?

Pois não havia ela em tempo desprezado a côrte assídua de uma nuvem de pretendentes?

E nesse momento mesmo, debaixo de certo ponto de vista, não estava até melhor, relativamente a coisas do coração? Sem pai, sem mãe, sem irmãos, emancipada, absolutamente senhora de si, rica, formosa, inteligente, culta, bastava-lhe mostrar-se na cidade, ou melhor em S. Paulo, na côrte, aparecer nas reuniões, deixar-se admirar para tronejar, para ser soberana, para receber ovações, para haurir, a saciedade, o incenso da lisonja. Porque teimar em permanecer na fazenda?

Se era a necessidade orgânica, genésica de um homem que a torturava, porque não escolher de entre mil procos um marido forte, nervoso, potente, capaz de satisfazê-la, capaz de saciá-la?

E se um lhe não bastasse porque não conculcar preconceitos ridículos, porque não tomar dez, vinte, cem amantes, que lhe matassem o desejo, que lhe fatigassem o organismo?

Que lhe importava a ela a sociedade e as suas estúpidas convenções de moral?

Mas a côr amarelenta de Manuel Barbosa, seus olhos piscos, seus cabelos por cortar, sua barba repugnante, sua roupa molhada!

E o fartum de pinga, a bifada?

Não lhe podia perdoar, odiava-o, tinha vontade de esbofeteá-lo, de cuspir-lhe no rosto.

Era um contra-senso; estar sempre a recair, a ocupar-se de uma criatura vulgar, comunissima, que lhe não merecia ódio, com a qual não valia a pena perder um pensamento.

Voltaria para a cidade... não, iria a São Paulo, fixar-se-ia aí de vez, compraria um terreno grande em um bairro aristocrático, na Rua Alegre, em Santa Efi-

gênia, no Chá, construiria um palacete elegante, gracioso, rendilhado, à oriental, que sobressaísse, que levasse de vencida êsses barracões de tijolos, êsses monstrengos impossíveis que por aí avultam, chatos, extravagantes, à fazendeira, à cosmopolita, sem higiene, sem arquitetura, sem gôsto. Fá-lo-ia sob a direção de Ramos de Azevedo, tomaria para decoradores e ornamentistas Aurélio de Figueiredo e Almeida Júnior. Trasteja-lo-ia de jacarandá preto, encerado, com esculpidos foscos. Faria comprar nas *ventes* de Paris, por agentes entendidos, secretárias, mesinhas de legítimo Boule. Teria couros lavrados de Córdova, tapetes da Pérsia e dos Gobelins, *fukusas* do Japão. Sôbre os consolos, sôbre os dunquerques, em vitrinas, em armários de pau ferro rendilhado, em *étagères*, pelas paredes, por tôda a parte semearia porcelanas profusamente, pròdigamente — as da China com o seu branco leitoso, de creme, com as suas côres alegres suavìssimamente vividas, as do Japão, rubro e ouro, magníficas, provocadoras, luxuosas, fascinantes; os grés de Satzuma, artísticos, trabalhos árabes pelo estilo, europeus quase pela correção do desenho. Procuraria vasos, pratos da pasta tenra de Sévres, ornamentados por Bouchet, por Armand, por Chavaux pai, pelos dois Sioux; contraporlhes-ia as porcelanas da fábrica real de Berlim e da imperial de Viena, azuis de rei aquelas, estas côr de sangue tirante a ferrugem; enriquecer-se-ia de figurinhas de Saxe, ideais, finamente acabadas, deliciosíssimas. Apascentaria os olhos na patina untuosa dos bronzes do Japão, nas formas tão verdadeiras, tão humanas da estatuária grega, matemàticamente reduzidas em bronze por Colas e Barbedienne. Possuiria mármores de Falconet, terras cotas de Clodion, *netskés*, velhíssimos, rendilhados, microscópicos, prodigiosos. Mirar-se-ia em es-

pêlhos de Veneza, guardaria perfumes em frasquinhos facetados de cristal da Boêmia. Pejaria os escrínios, as *vide-poches* de jóias antigas, de crisólitas e brilhantes engastados em prata, de velhos relicários de ouro do Pôrto.

Teria cavalos de preço, iria à Ponte Grande, à Penha, à Vila Mariana em um *huit-ressorts* parisiense sem rival, tirado por urcos *pur-sang*, enormes, calorosos, de côr escura, de pêlo muito fino.

Far-se-ia notar pelas *toilettes* elegantíssimas, arriscadas, escandalosas mesmo.

Viajaria pela Europa tôda, passaria um verão em S. Petersburgo, um inverno em Nizza, subiria ao Jungfrau, jogaria em Monte-Carlo.

Havia de voltar, de oferecer banquetes; havia de chocar paladares, habituados ao picadinho e ao lombo de porco, dando-lhes arenques fumados, caviar, perdizes *faisandées,* calhandras assadas com os intestinos, todos os mil inventos dos finos gastrônomos do velho mundo: seus convivas haviam de beber Johannisberg, Tokai, Constança, Lácrima Christi, Chateau Iquem, tudo quanto fôsse vinho caro, tudo quanto fôsse vinho esquisito.

Teria amantes, por que não? Que lhe importava a ela as murmurações, os *diz-que-diz-ques* da sociedade brasileira, hipócrita, maldizente. Era moça, sensual, rica — gozava. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem.

Depois, quando ficasse velha, quando se quisesse aburguesar, viver como tôda a gente, casar-se-ia. Era tão fácil, tinha dinheiro, não lhe haviam de faltar titulares, homens formados que se submetessem ao jugo uxório que lhe aprouvesse a ela impor-lhes. Era pedir por bôca, era só escolher.

VIII

Cessara a chuva, estava um tempo esplêndido. A luz branca do sol coava-se por um ar muito fino em um céu muito azul, sem uma nuvem. A natureza expandia-se alegre como um enfermo que volta à vida, com um convalescente.

Lenita levantou-se de boa saúde, mas aborrecida, contrariada. A lembrança do Manuel Barbosa torturava-a. Ter de encontrar-se com êle a tôdas as horas, à mesa, na sala, vê-lo passear pela casa, pelo terreiro, vê-lo refestelar-se, bamboar-se nas cadeiras de balanço, com as melenas, com as barbas grisalhas... era horroroso.

Quando a chamaram para almoçar foi cheia de displicência, contrariadissima. Atara os cabelos negligentemente, envolvera-se em um chale, ao desdém, sem se espartilhar, sem se apertar sequer. Calçara chinelos.

Entrou na varanda com os olhos baixos, resolvida a não encarar o antipático comensal.

À mesa só estava o coronel.

— Bom dia, Lenita, então como vai isso agora? muito desapontada com o rapaz, não? Pois olhe, êle ainda fê-la melhor, partiu hoje de madrugada para a vila. Tinha um negócio urgente a tratar, pelo menos

foi o que disse: Chegou e saiu. A enxaqueca dêle é assim, atormenta-o que é um desespêro, mas com uma hora de sono passa sem deixar vestígios.

— Estimo muito que tenha sarado, respondeu Lenita sêcamente, e pensou baixo: que durma um dia até não acordar mais. Um animal daqueles o melhor que pode fazer é morrer, é rebentar. O mundo é da fôrça e também da beleza, porque em suma a beleza é uma fôrça. As barbas! as barbas! que o leve o diabo a êle, mais a elas.

E ficou muito contente por não ter de ver, por não ter de aturar Manuel Barbosa, ao menos êsse dia.

Demais estava resolvida, não havia de ficar muito tempo na fazenda, partiria logo para a cidade e de lá para S. Paulo.

Almoçou com prazer, tocou piano, deu um grande passeio a pé, jantou, só pensou em Manuel Barbosa duas ou três vezes, isso mesmo com menos indignação, sem ressentimento, indiferente quase, achando-se apenas ridícula a si própria por tê-lo arvorado um herói durante um longo acesso de extravagância histérica Era um pobre diabo, caipirão, velhusco, achacoso. Caçava por caçar, sem intuição poética, bestialmente, como qualquer caboclo. Bebia pinga. Verdade era que tinha estado na Europa, mas ter estado na Europa não muda a constituição a ninguém. Êle era o que ela devia esperar que êle fôsse, um tipo muito sem importância, reles, abaixo até da craveira comum.

Ao anoitecer recolheu-se, começou a arrumar os seus bronzes, os seus *bibelots* de marfim, de porcelana. Envolvia-os cuidadosamente, amorosamente em papel de sêda, arranjava-os no fundo de um enorme baú americano que trouxera, calçava-os, protegia-os com jornais velhos fuchicados, com guardanapos, com len-

ços, com pequenas roupas. Tinha cuidados meticulosos, maternais, de amadora apaixonada. Por vêzes esquecia-se a remirar embevecida uma jarrinha de Sévres, uma estatueta primorosa: no auge do entusiasmo beijava-a.

Alta noite, muito tarde, estando já deitada, ouviu um tropear de animais, passos de gente, tinidos de esporas.

— Aí chega o bruto, disse consigo, e continuou a pensar na sua ida próxima para a cidade, e de lá para S. Paulo.

O tempo estava firme: a uma noite limpa, estrelada, fria, sucedera um dia como o da véspera, luminoso, assoalhado.

Lenita levantou-se muito cedo, tomou um copo de leite, deu um passeio pelo pasto. De volta entrou no pomar a ver os figuinhos novos, os cachos tenros das vides.

De uma laranjeira-cravo, que se erguia folhuda desde o chão, viçosa, esparramada, esfusiou de súbito um tico-tico.

Tem ninho, pensou consigo Lenita, e começou a procurar, abrindo, afastando os ramos.

Deteve-se, aspirou o ar: sentia um cheiro bom de sabonete Legrand e de charuto havana.

Deu volta à laranjeira e topou com Manuel Barbosa que se encaminhava para ela, risonho, palacianamente curvado, na mão direita o chapéu, na esquerda um cravo rubro, perfumado, esplêndido.

Perto o charuto, que êle deitara fora, desprendia uma espiral de fumo, azulada, tênue.

Lenita parou confusa, atônita, sem saber o que pensasse.

O homem que aí vinha não era o Barbosa da véspera, era uma transfiguração, era um *gentleman* em tôda a extensão da palavra.

A testa alta, estreita, lisa, mostrava-se a descoberto, com uma zona muito alva à raiz do cabelo: êsse, cortado à meia cabeleira, recurvava-se pela frente em uma elegante pastinha à Capoul, a quem dava certo realce muitos fios côr de prata. O rosto era regularíssimo, estava muito bem barbeado. À palidez da véspera sucedera uma côr sadia de pele clara, mordida, bronzeada pelo sol. A bôca, de tipo saxônio puro, encimada por um bigode cuidadosamente aparado e seu tanto ou quanto grisalho, abria-se em um sorriso bondoso e franco, mostrando dentes fortes, regulares, muito limpos. Estatura esvelta, pés delicados, mãos muito bem feitas, muito bem tratadas.

Trazia um costume folgado de casimira clara, gravata creme, camisa alvíssima, de colarinho deitado, mostrando em tôda a sua fôrça o pescoço robusto. Na lapela do *veston* tinha uma rosa de cheiro muito repolhuda.

Chegou-se a Lenita polidamente, graciosamente.

— Minha senhora, triste juízo há de vossa excelência ter feito de mim ante-ontem. Quando estou com enxaqueca deixo de ser homem, torno-me urso, torno-me hipopótamo. Quer fazer-me a honra de aceitar êste cravo? Olhe, dê-me licença, eu sou um velho, podia ser seu pai.

E com uma familiaridade confiada prendeu a flôr no cabelo da moça.

Depois, afastando-se dois passos, mirou-a, entortando a cabeça, com ares de entendedor, e disse:

— Que bem que vai êsse vermelho vivo nos seus cabelos pretos. Está linda.

O olhar que coava por entre as pálpebras semicerradas de Barbosa era tão doce, tão paternal, a sua fala era tão untuosa, que Lenita não se revoltou, não repeliu a ousadia. Sorriu-se e perguntou:

— Está agora perfeitamente bom, não tem cansaço da viagem, não tem ressaibos da moléstia?

— Oh! não. Viagens não me fatigam, e a minha enxaqueca, em passando, passou, não deixa vestígios. Quer aceitar o meu braço? vamos dar uma volta pelo pomar, fazer horas para o almôço?

Lenita acedeu.

Em um instante, como por ação elétrica, seus sentimentos se tinham transformado: aos ardores pelo homem ideal da cisma histérica, à antipatia pelo homem real da ante-véspera, entrevisto em circunstâncias desfavoráveis tôdas, sucedera aí nesse lugar, repentinamente um afeto calmo e bom que a subjugava, que a prendia a Barbosa. Achava nêle quer que era de bonomia superior, de familiaridade comunicativa que lhe lembrava Lopes Matoso.

Passearam, conversaram muito. Falaram principalmente de botânica. Barbosa estabeleceu um confronto detalhado entre a flora do velho mundo e a do novo; entrou em apreciações técnicas; desceu a minudências de sua própria observação pessoal. À alternativa matemática das estações do ano na Europa contrapôs a magnificência monótona da primavera eterna brasileira. Fêz notar que lá domina nas matas o exclusivismo de uma espécie, que há bosques só de carvalhos, só de castanhos, só de álamos, ao passo que cá acotovelam-se, emaranham-se em pequeno espaço cem famílias, diversíssimas, a ponto de não se encontrarem, muitas vêzes, dois indivíduos da mesma varieda-

de em um raio de mil metros. Abriu uma exceção em Minas e no Paraná para a *araucaria brasiliensis*, abriu exceções para as palmeiras intertropicais, a que chamou legião. Lenita acompanhou-o com interêsse sumo, revelando conhecimento aprofundado da matéria, fazendo-lhe perguntas de entendedora. Citou Garcia d'Orta, Brótero e Martius, criticou Correia de Melo e Caminhoá, confessou-se, em relação a espécies, sectária ardente de Darwin, cujas opiniões radicou a estima entre ambos: quando entraram para almoçar estavam amigos velhos.

— Ola? disse o coronel, da porta, ao vê-los chegar de braço dado. Muito bom dia! Leve o diabo as tristezas. Com que amiguinhos, era o que eu esperava. Mas vamos, vamos para dentro, que já não é sem tempo; o almôço arrefece de uma vez; há meia hora que está na mesa.

— Sim, senhor, meu pai, a exma. sr^{a}. D. Helena é para mim uma surprêsa, uma revelação. Sabia-a muito bem educada, mas supunha-a bem educada, como o são em geral as moças, com especialidade as brasileiras — piano, canto, quatro dedos de francês, dois de inglês, dois de geografia e... pronto! Pois enganei-me: a exma. sr.^{a} D. Helena dispõe de erudição assombrosa; mais ainda, tem ciência verdadeira, é um espírito superior, admiràvelmente cultivado.

— É por demais bondoso o sr. Manuel Barbosa, volveu Lenita visìvelmente satisfeita.

— Olhem vocês uma coisa, acabem-me com essas *excelências*, com essas *senhorias*. É *Lenita* para cá, *Manduca* para lá e... toca! Cerimônias só para a igreja: a mim me fazem elas mal aos nervos, até agravam-me o reumatismo. Vamos almoçar.

Daí em diante Lenita e Barbosa não se deixaram: liam juntos, estudavam juntos, passeavam juntos, tocavam piano a quatro mãos.

Na sala do coronel armaram um gabinete de física eletrológica.

A velha quadra de paredes corcovadas, caraquentas, povoou-se estranhamente de instrumentos científicos modernissimos, em os quais o brilho fulvo do latão envernizado se casava ao preto baço das partes enegrecidas, à transparência cristalina dos tubos de vidro multiformes, ao lustroso da madeira brunida dos suportes, à verdura fresca da sêda das bobinas.

Botelhas de Leyde, jarras enormes, agrupadas em baterias formidáveis, máquinas de Ramsden e de Holtez, pilhas compartimentadas de Kruikshank e de Wollanston, pilhas inérgicas de Grove, de Bunsen, de Daniell, de Leclanché; pilhas elegantíssimas de bi-cromato de potassa, acumuladores de Planté, bobinas de Ruhmkorf, tubos de Geissler, reguladores de Foucault e Duboscq, bugias de Jablochkoff, lâmpadas de Edison, telefones, telégrafos, tudo isso aí protraía as formas esquisitas, fosco, diáfano, reverberante a um tempo; absorvendo, refrangendo, refletindo a luz de mil modos diferentes.

A eletricidade sussurrava, multiplicavam-se por tôda a parte faíscas azuladas, ouviam-se estalidos secos, tintinações sonoras de campainhas.

O ar estava picado de um cheiro acre, irritante, de ácido azótico e de ozone.

Barbosa e Lenita, ocupados, embebidos em experiências, trocavam palavras rápidas, quase ásperas, como dois velhos colegas. Davam-se um ao outro ordens breves, imperiosas. De repente um dêles batia o pé, contraía o rosto, piscava duro, sacudia o braço:

era que tinha havido um descuido, punido logo por um choque. O coronel espiava da porta.

— Que a sua sala estava convertida em senzala de feitiçarias, afirmava êle, que de repente havia de vir um raio e espatifar aquelas burundangas tôdas.

Aos convites instantes de Lenita e do filho para que chegasse a ver de perto os efeitos luminosos da eletricidade no vácuo, as colorações brilhantes produzidas nos tubos de Geissler, recusava-se — que lá não entraria nem por um decreto; que para livrar-se por tôda a sua santa vida, do desejo de investigar eletricidades, bem lhe bastavam dois choques que apanhara uma feita, na estação telegráfica.

À observação de que a eletricidade lhe podia ser útil para a cura do reumatismo, contestava que se curasse quem quisesse com tal medicina, que êle não.

Satisfeita a curiosidade científica de Lenita quanto ao estudo experimental da electrologia, que ela dantes só aprendera teòricamente, passaram à química e à fisiologia. Depois foram à glótica, estudaram línguas, grego e latim com especialidade: traduziram os fragmentos de Epicuro, o *De Natura Rerum* de Lucrécio.

Em estudos, em conversações que eram prolongamentos dos estudos, em passeios e excursões campestres voava o tempo. Levantavam-se muito cedo, estendiam os serões até muito tarde. Uma vêz o moleque, que fôra buscar o correio, trouxe para Barbosa um volume lacrado. Era a exposição das teorias transformistas de Darwin e Hæckel por Viana de Lima. Lenita ficou doida de contente com a novidade escrita em francês por um brasileiro. Começaram a leitura depois da ceia, prolongaram-na pela noite adiante, embeveceram-se a tal ponto que o dia os surpreendeu.

Ao empalidecer a luz das velas com os primeiros albores do dia, foi que deram acôrdo de si. Riram muito, recolheram-se desapontados aos seus aposentos, não dormiram. Compareceram ao almôço e depois dêle continuaram com a leitura.

À noite, quando depois de despedir-se de Barbosa, entrava para o quarto, Lenita despia-se, concentrando o pensamento, refletindo sôbre o seu estado de espírito, achava-se feliz, notava que tinha afetos brandos por tudo que a rodeava, que via a natureza por um prisma novo. Sentia, com uma ponta de remorso, que lhe ia esquecendo o pai. E parecia-lhe interminável o que restava da noite, o que ainda faltava para tornar a ver Barbosa.

Deitava-se, aconchegava-se, procurava adormentar o cérebro, repelindo, baralhando as idéias que se apresentavam. Adormecia.

Cedo, muito cedo, ao amiudar dos galos, acordava: erguia-se de pronto, alegríssima; escovava os dentes cuidadosamente, mirava-os com desvanecimento ao espêlho, chegando muito a luz à bôca, arregaçando muito os beiços para ver bem as gengivas; refrescava a epiderme do busto com uma larga ablução fria, umedecia, perfumava o cabelo com água de violetas, penteava-os com esmero, substituía a camisola de dormir por uma camisa finíssima de cambraia crivada; apertava-se, vestia-se com garridice; limava, espontava, alisava, coloria, brunia as unhas.

E tudo isso pensando em Barbosa, antegostando a delícia do momento de vê-lo, de ouvir-lhe a voz em um *bom dia* afetuosíssimo, jubiloso; de apertar-lhe a mão, de sentir-lhe o contacto quente.

Barbosa já não era moço, pouco dormia, poucas horas de sono lhe bastavam.

Deitava-se, procurava ler, mas debalde. A imagem de Lenita interpunha-se entre êle e o impresso. Via-a junto de si, absorvia-se em contemplá-la nessa semi-alucinação, falava-lhe em voz alta, desesperava, depunha o livro ou o jornal, estendia-se, virava-se, revirava-se, adormecia, acordava, riscava fósforos, olhava o relógio, via que era noite, tornava a adormecer, tornava a acordar, e assim continuava até que amanhecia, até que chegava à hora de levantar-se.

— Que não sabia o que aquilo era, pensava. Admiração por talento real em uma moça, por faculdades inegàvelmente superiores em uma mulher? Possível. Mas em Paris trabalhara êle muito tempo, com madame Brunet, a tradutora sapientíssima de Huxley; com ela fizera centenares de dissecções anatômicas, com ela aprofundara estudos de embriogenia; respeitava-a, admirava-a; e nunca sentia junto dela o que sentia junto de Lenita. E todavia madame Brunet não era feia, bem ao contrário. Não, aquilo não era simples admiração. Mas que diabo era então? Amor verdadeiro, com objetivo definido, carnal, também não era: ao pé de Lenita ainda não tivera desejo algum lascivo, ainda não sofrera o pungir do espinho da carne. Tivera em tempo uma paixão que o levara à tolice suprema do casamento, mas isso passara; tinha-se até divorciado da mulher com cujo gênio se não tinha podido harmonizar. Casto, era-o até certo ponto: só procurava relações genésicas, quando as exigências fisiológicas do seu organismo de macho se faziam sentir, imperiosas, ameaçando-lhe a saúde. E não ligava a isso mais importância do que o exercício de uma outra função qualquer, do que satisfação de uma simples necessidade or-

gânica. Mas que era então o que sentia por Lenita? Amizade no rigor do têrmo, como de homem para homem, e até de mulher para mulher, não era: a amizade é impossível entre pessoas de sexo diferente, a não ser que tenham perdido todo o caráter de sexualidade. Amor ideal, romântico, platônico? Era de certo isso. Mas que ridículo, santo Deus? que oceano de ridículo! Quebradeiras sentimentais na casa dos quarenta, quando a enduração do cérebro já não permite fantasias, quando a luta pela vida já tem morto as ilusões?

O caso era que não podia estar longe da moça, que só junto dela vivia, pensava, estudava, era homem. Estava prêso, estava aniquilado.

IX

Quebrara em Santos uma casa comissária importantíssima.

O coronel perdia na quebra cêrca de trinta contos.

— Que aquela praça era uma cova de Caco, uma Calábria, disse êle ao saber da notícia, um dia de manhã: que comiam o fazendeiro por uma perna; que misturavam o café bom, mandado por êle, com o café de refugo, com o café *escolha* comprado ao desbarato; que a essa honestíssima manipulação chamavam *bater*, fazer *pilha*, no que tinham carradas de razão porque era mesmo uma *batida* de dinheiro, uma verdadeira *pilhagem* de cobres, que davam contas de venda ao fazendeiro como e quando muito bem lhes parecia, e que o diabo havia de se ver grego para verificar a exatidão de tais contas; que à custa do fazendeiro comia o intermediário, comia a estrada de ferro com as suas tarifas de chegar, comia o governo com os velhos e novos impostos, comia a corporação dos carroceiros, comia a três carrilhos o comissário, comia o zangão ou o corretor, comia o exportador, comiam todos. Que afinal, para coroar a obra, para evaporar o restinho de cobre que ficava, lá vinha a santa da quebra, a bela da falência *casual*, já se deixava ver, porque onde há guarda-livros peritos ninguém quebra fraudulentamente.

Ficou decidido que Barbosa partiria no dia seguinte para Santos, a ver se conseguia salvar alguma coisa do naufrágio. Logo depois do almôço conversou êle por largo espaço com o pai, discutiu, fêz contas, ajus-

tou condições, dispôs as bases da negociação e, montado a cavalo, foi à fazenda do vizinho mais próximo, major Silva, com quem era necessário entender-se, porque também era interessado no negócio.

Ao dizer-lhe adeus Barbosa, Lenita sentiu-se fazer em tôrno dela um vácuo imenso, certa muito embora de que a ausência era só até à tarde.

A idéia de outra ausência, da ausência futura, da ida para Santos torturava-a.

Como lenitivo à sua mágoa, quis ela própria fazer a mala de Barbosa, pretextando que não ficaria bom o arranjo pelas mãos descuidosas de uma escrava.

Seguiu a mucama encarregada da roupa branca, entrou pela primeira vez no quarto de Barbosa.

Ao fundo uma cama estreita de solteiro, estendida, com lençóis e fronhas muito alvas; junto da cabeceira um criado mudo de tampo de mármore, e sôbre êle um castiçal de alfenide com um coto de vela de estearina, uma fosforeira de prata e um número do *Diário Mercantil;* ao alcance da mão uma mesa vasta, forrada de baeta verde com alguns livros, aprestos para escrever, dois revólveres, um punhal japonês e uma fotografia de Sarah Bernhardt; aos pés da cama um mancebo para roupa, com muitos braços. Pelas paredes, nos espaços deixados por um lavatório e uma enorme cômoda, botelhas entrançadas de vime, facões, armas finas, de caça e de alvo, de carregar pela bôca, de retrocarga, de repetição, marcadas por Pieper, por Habermann, por Greener, por Fruwirth. Um armário, uma cadeira preguiçosa e várias cadeiras simples completavam o trastejamento.

Entrando, Lenita sentiu-se tomada de embaraço inexplicável. Seu pudor revoltava-se, parecia-lhe que respirava indecência naquele aposento de homem.

Correu-se de pejo, corou e com voz mal segura, perguntou à mucama pela roupa branca de Barbosa.

A mucama abriu uma cômoda, tirou dela e empilhou sôbre a cama camisas brancas engomadas, camisas de dormir de flanela macia, ceroulas de linho alvíssimo, toalhas, lenços brancos e de bretanha, lenços de sêda de côr, meias de fio de Escócia.

Foi buscar e colocou junto da cama uma grande mala inglêsa de bojo elástico de fole; no couro preto, punha uma nota viva, um pedaço de papel encardido com o letreiro — *Tamar, cabin*. Desafivelou as correias, abriu-a em duas.

Lenita forrou um dos compartimentos com uma toalha de algodão mineiro finíssimo, crivada, franjada em abrolhos, e, com êsse cuidado meticuloso, com êsse jeito peculiar às mulheres moças, começou a arrumar peça sôbre peça, perfumando cada uma com um borrifo de essência Vitória vaporizada.

Na candidez dos linhos destacava-se, em notas cruas, o vermelho sangue, o azul de rei dos lenços de sêda, o ouro fosco, o verde garrafa, o preto lustroso das meias de fio de Escócia.

A mucama saiu, passou a outro quarto para trazer umas roupas de casimira que Barbosa lhe dissera querer levar.

Lenita ficou só. Foi a tirar a última camisa de sôbre a cama e notou que, no retesado da coberta, havia um afundamento apenas visível, e sôbre a travesseira rendada uma depressão mais cava. Depois de feita a cama, Barbosa com certeza nela se estendera, a descansar.

Inconscientemente, automàticamente, atraída, puxada pelos nervos, Lenita pôs as mãos no colchão fôfo, curvou-se aproximou a cabeça.

Da travesseira, misturando-se a um aroma suave de água de Lubin, desprendia-se um cheiro animal bom, de corpo humano são, asseado.

Lenita, haurindo essa emanação sutil, sentiu quer que era elétrico abalar-lhe o organismo: era um anseio vago, uma sêde de sensações que a torturava. Quase em delíquio, deixou-se cair de bruços sôbre a cama, afundou o rosto na travesseira, sorveu a haustos curtos, açodados, o odor viril, esfregou, rostiu os seios de encontro ao fustão áspero da colcha branca.

Sentia quase o mesmo que sentira na noite da alucinação com o gladiador, um prazer mordente, delirante, atroz, com estranhas repercussões simpáticas, mas incompleto, falho.

Trincou nos dentes a cambraia da fronha, gemendo, ganindo em contrações espasmódicas.

— Eah! gritou a mucama que entrava, sinhàzinha está com ataque! e, atirando sôbre a cadeira a roupa que trouxera, correu para ela, ergueu-a nos braços, sacudiu-a com fôrça.

Lenita acalmou-se sem demora: estava pálida, trêmula, tinha os olhos muito brilhantes, a bôca pegajosa, a fala travada.

— Não é nada, disse, foi uma vertigem, já passou. Vá buscar um copo dágua.

— Sinhàzinha, ponderou a mucama, o que lhe fêz mal foi o cheiro forte do vidro que vassuncê estava pondo na roupa: a mim também me tonteou. Cuidado.

E saíu.

À tarde, Barbosa, quando voltou da fazenda do major Silva, estranhou a Lenita. Ela não o procurava, não lhe falava, mal respondia as suas numerosas e reiteradas perguntas.

Contra o costume recolheu-se cedo, antes da ceia, pretextando incômodo.

Barbosa despediu-se do pai e da mãe: não os queria ir acordar de madrugada, e contava partir antes de amanhecer.

Entrou para o quarto mas não pôde dormir. A viagem que tinha de fazer, contrariava-o imenso. Não sabia como passar ausente de Lenita. As poucas horas que estivera na fazenda do major Silva tinham-lhe parecido eternidades. Viera a galope. E mais, para coroar a obra, os modos bruscos da moça.

Acabou de arrumar a mala.

— Sim, senhor, disse, a Marciana arranjou isto muito bem. Está admirável, até com gôsto, com arte. Mas, onde diabo foi ela buscar essência Vitória? cheira que é uma delícia. Fêz jus a cinco mil réis, há de tê-los.

Tirou do armário uma garrafa de cognac, bebeu um cálice, acendeu um charuto.

Entrou a pensar.

— Que teria Lenita? Teria adoecido assim de repente? Regras, aquilo de certo eram regras: *tota mulier in utero* bem disse Van Helmont. Mas não era que estava mesmo apaixonado pela rapariga? Tinha graça!

Puxou com fôrça uma fumaça, e continuou a pensar!

— Era casado, era quase um velho. Onde iria parar aquilo? Não levava a fatuidade ao ponto de crer que a rapariga estivesse apaixonada também pela sua já respeitável pessoa... mas, em suma, porque não? Muitos velhos tinham inspirado paixões. A mulher de Lesseps era uma mocinha nova, quase uma criança, e casara por paixão. E demais êle, Barbosa, não era velho, era homem maduro apenas. Dado que, o que havia entre êle e Lenita não fôsse, como não podia mesmo

ser, uma mera afeição de camaradagem, uma simples estima recíproca, que havia êle de fazer? Casar com Lenita não podia, era casado. Tomá-la por amante? Certo que não. Preconceitos íntimos não os tinha: para êle o casamento era uma instituição egoistica, hipócrita, profundamente imoral, soberanamente estúpida. Todavia era uma instituição velha de milhares de anos, e nada mais perigoso do que arrostar, contrariar de chofre as velhas instituições; elas hão de cair, sim, mas com o tempo, com a mesma lentidão com que se formaram, e não de chofre, como um relâmpago. A sociedade estigmatizava o amor livre, o amor fora do casamento; fôrça era aceitar o decreto anti-natural da sociedade. Demais, seu pai tivera Lopes Matoso em conta de filho; tinha a Lenita em conta de neta: um escândalo magoá-lo-ia profundamente, matá-lo-ia talvez.

Sentou-se junto à mesa, quebrou em um cinzeiro a cinza do charuto, apoiou o cotovelo do braço esquerdo sôbre o joelho correspondente, encostou a cabeça no rebordo interno da mão, engolfou-se em cisma, tirando fumaça sôbre fumaça.

Após largo espaço ergueu-se, atirou fora a ponta do charuto, entrou a passear nervoso de um para outro lado.

— Não, exclamou de repente, é preciso que isto acabe, há de acabar.

Deitou-se.

Às três horas ergueu-se sem ter conciliado o sono, chamou o pagem, mandou-o ensilhar os animais, lavou-se, vestiu-se, calçou botas, calçou luvas, envergou o guarda-pó, pôs o chapéu, tomou às prêssas uma xícara de café, que uma preta lhe trouxe, saiu, montou a cavalo, e, acompanhado pelo pagem, seguiu jornada.

Lenita também não dormira.

Biblioteca Pública do Amazonas

O cheiro humano masculino que respirara na travesseira de Barbosa fôra realmente um veneno para os seus nervos. Sentia-se de novo prêsa do mal estar do histerismo antigo. Tinha anseios, tinha desejos, mas anseios, desejos acentuados, visando a objetivo certo. Ela ansiava por Barbosa, ela desejava Barbosa.

A seus olhos avultara êle, tomara proporções novas, realizara-lhe o ideal. Deixara-se subjugar, dominar pelo físico robusto e nervoso, pela pujante e culta mentalidade de Barbosa.

A fêmea altiva, orgulhosa, cônscia da sua superioridade encontrara o macho digno de si: a senhora se fizera escrava.

Ao ouvir o estrupido dos animais na partida, Lenita abriu a janela, ergueu a vidraça, acompanhou com o olhar os vultos dos dois cavaleiros que se iam perdendo nas brumas da madrugada.

Notou que paravam, que se voltava o cavaleiro da frente, cujo guarda-pó muito claro punha uma nota muito branca no nevoeiro matutino.

Seria por um dos mil pequenos incidentes de viagem que paravam? seria para contemplar Barbosa, ainda uma vez, a casa em que ela ficara? seria uma despedida?

Sem o querer, inconscientemente, Lenita apinhou os dedos, levou-os à bôca, atirou um beijo ao espaço.

E desatinada, ardendo em pejo, muito embora certa de que ninguém a vira, fechou a janela, arrojou-se à cama, desatou em pranto convulso.

Despontou o sol, trazendo um dia radiante, lindíssimo.

Lenita ergueu-se, vestiu-se às pressas, saiu a dar uma volta pelo pomar, deixando intactos o copo de leite e a xícara de café que lhe levara a servente.

O ar fino da manhã puríssima, saturado das emanações balsâmicas das árvores abafava-a, sufocava-a: parecia-lhe que respirava chumbo.

A luz vívida do sol, a dourar a verdura mole do campo, era crua e incomparável a seus olhos. Achava algo de hostil na vegetação, em tudo.

Era-lhe odiosa a imobilidade dos cerros vizinhos, das montanhas que ao longe divisava. Um terremoto, um cataclisma que desmoronasse as serranias, alteando os vales, derramando os rios, convulsionando tudo, iria muito melhor ao seu estado de espírito, do que essa calma da natureza, bárbara, estúpida.

Figurava-se-lhe estar dentro de um círculo de altas muralhas de aço brunido, cujo diâmetro se fôsse a cada instante estreitando. Tudo lhe falava de Barbosa, tudo lho recordava.

Aqui era a laranjeira-cravo junto da qual o vira, como em um *avatar*, como em uma transfiguração, risonho, franco, comunicativo, sob o aspecto que em um momento a cativara.

Ali era um grupo de ameixeiras, que servira de assunto a uma preleção de botânica industrial. Lembrava-lhe muito bem — *ameixeira da Índia, ameixeira do Canadá*, nomes impróprios, origens falsas. A árvore é autóctone da China e do Japão, onde vive em estado selvagem, é a *eriobotria*, a *mespilus japônica*. Está destinada a um grande papel no futuro, quando êste país se tornar industrial. A geléia que produz não tem competidora, e a sua aguardente, coobada, levará de vencida a famosa *kirchwasser*.

Além era um renque de ananàseiros, a cujo respeito a exposição luminosa e fácil de Barbosa lhe tirara muitas dúvidas. Como lhe vivia na memória a descrição

que êle fizera — *bromelia ananas*, família das *bromeliáceas*; fôlhas em corimbos, duras, quebradiças, alfanjadas, de perto de metro, às vêzes, guarnecidas de acúleos; flor vermelha ou roxa, a emergir de um cálice duro, côr de sangue, em pecíolos longos de vinte a trinta centímetros; fruto lindo, pinhiforme, verde, branquicento, dourado, vermelho, constituído por uma série de bagas em hélice, soldadas, unificadas umas com as outras, em escamas orladas de pequenas fôlhas escarlates, coroado tudo por um penacho espinhento. *Abacaxi, nanâ, macambira, onore, uaca, achupala, naná-iacua*, chamava-se no continente sul-americano essa fruta adorável que, em 1514, Fernando o Católico declarou, na Espanha, a primeira fruta do mundo. Gonzalo Hernandez, Lery, Benzoni descreveram-na em suas obras; Cristóvão Acosta deu-lhe o nome que hoje tem. Conta nada menos de oito variedades; penetrou na África até às margens do Congo, na Ásia até o coração da China: é soberbo em Pernambuco, mas onde atinge a perfeição em forma, em aroma, em gôsto, onde chega a ser divino é no Pará.

Ainda além um mamoeiro...

E Lenita sacudiu a cabeça, interrompendo desesperada o seu curso de idéias; os ensinamentos de Barbosa, a sua erudição, o que ela reproduzia, mais lhe acendravam o desalento da saudade.

Não o podia crer ausente: êle lá estava, lá devia estar na sala do coronel, a arranjar um aparelho elétrico desmanchado; ou na varanda, a procurar em grossos léxicos uma raiz grega ou sânscrita. Sim, lá devia estar dentro, fazendo uma das coisas do costume. Quem sabe se precisava dela para o ajudar...

E correu. Antes de chegar ao portão parou. Tolices, Barbosa estava longe, partira, ela o vira partir.

A essa hora já tinha andado umas duas léguas, seis mil braças, treze mil e duzentos metros: cada minuto afastava-o dela cento e dez metros. No outro dia, às seis horas e dez minutos, precisamente, da tarde, deveria estar, estaria em Santos, a quarenta e cinco léguas, a trezentos quilômetros, a trezentos mil metros!

Recolheu-se abatida, mal almoçou, jantou ainda pior.

Ao entardecer, quando o sol, no descambar, derramava sôbre a terra torrentes de luz amarela, suave, côr de ouro velho, projetando ao longe, gigantescas, as sombras dos animais, das árvores, das casas, dos cerros, Lenita com o peito opresso, a arfar em fôlegos curtos, foi sentar-se em um bosquezinho denso de amoreiras, sôbre um alcantil, à beira do ribeirão.

Oculta pelo tramado da folhagem, ela abrangia um vasto trato de terreno no arco de círculo percorrido pelo raio visual. Na verdura veludosa do pasto, punham notas fortes grandes vacas muito pretas, malhadas de branco.

Um touro andaluz, vermelho, mugia ao longe, escarvando a terra. Um rebanho de ovelhas fuscas de cabeças e pernas muito negras, pascia irrequieto, às cabriolas, tosando a grama aqui e ali.

Quase a seus pés, sob o alcantil das amoreiras, o riacho espraiava-se em uma corredeira raza, sôbre fundo de seixinhos alvos. Um capão de mato ralo começava à beira da água, indo morrer a pequena distância.

Lenita contemplava o amplo cenário, abstrata, distraída, imersa em cisma, olhando sem ver. Um mugido fero, ao perto, chamou-a à realidade.

O touro tinha-se aproximado de uma vaca muito gorda, cuja cria, terneira alentada, pastava já longe, deslembrada quase da teta.

Chegara-se, farejando ansioso, cheirara o focinho da vaca, cheirara-lhe o corpo todo: erguera a cabeça aspirando ruidosamente o ar, mostrando, no arregaçar luxurioso da beiça, a gengiva superior desdentada; soltara um berro estrangulado.

Fôra o que Lenita ouvira.

O touro lambeu a vulva da vaca com a língua áspera, babosa, e depois, bufando, com os olhos sangüíneos esbogalhados, pujante, temeroso na fúria do erotismo, levantou as patas dianteiras, deixou-se cair sôbre a vaca, cobriu-a, pendendo a cabeça à esquerda, achatando o perigalho de encontro ao seu espinhaço.

A vaca abriu um pouco as pernas traseiras, corcovou-se, engelhou a pele das ilhargas para receber a fecundação. Consumou-se esta em uma estocada rubra, certeira, rápida.

Era a primeira vez que Lenita via, realizado por animais de grande talhe, o ato fisiológico por meio do qual a natureza viva se reproduz.

Espírito culto, em vez de julgá-lo imoral e sujo, como se praz a sociedade hipócrita em representá-lo, ela achou-o grandioso e nobre em sua adorável simplicidade.

Um assobiar requebrado e terno que se fazia ouvir no riacho fê-la voltar-se para êsse lado. Olhou, viu a Rufina, uma crioula nova de seios pulados e duros, de dentes muito brancos.

Chapinhava na água raza da corredeira, de cabeça alta, risonha, erguendo as fraldas muito alto, descobrindo-se até o púbis, mostrando as coxas grossas, musculosas de um negro mate arroxado.

A assobiar sempre, avançou até o comêço da corredeira, onde o álveo se afundava um tanto, sofraldou-

se mais, prendeu a roupa à cinta, curvou-se, imergiu as nádegas na água murmurosa e, às mãos ambas, procedeu a uma ablução de asseio, tônica ao mesmo tempo e excitante.

Depois, com água a escorrer em filetes lustrosos pela pele escura, baça, internou-se no capão.

Ouvia-se-lhe sempre o assobio requebrado.

Não levou muito e outro assobio respondeu-lhe.

Por uma trilha do alcantil oposto um preto, moço, vigoroso, desceu a correr, atravessou rápido a corredeira, internou-se por sua vez no capão.

Cessaram os assobios.

Lenita ouviu um murmurar confuso de vozes intercortadas, viu agitarem-se uns ramos e, pelos interstícios dos troncos, por entre o emaranhado dos galhos, lobrigou indistintamente uma como luta breve, seguida pelo tombar desamparado, pelo som baço de dois corpos a bater a um tempo no solo arenoso do matagal.

Lenita mais compreendeu do que viu. Era a reprodução do que se tinha passado, havia momentos, mas em escala mais elevada: à cópula instintiva, brutal, feroz, instantânea dos ruminantes, seguia-se o coito humano meditado, lascivo, meigo, vagaroso.

Abalada profundamente em seu organismo, com a irritação de nervos aumentada por essas cenas cruas da natureza, torturada pela Carne, mordida de um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava, Lenita recolheu-se titubeando, fraquíssima.

O coronel tinha passado a noite mal, com um acesso de reumatismo; conservara-se todo o dia na cama.

Lenita foi vê-lo, demorou-se pouco, retirou-se para o seu quarto, fechou-se por dentro.

X

Tinha anoitecido.

Não havia luar, mas a noite estava clara. Na transparência escura do céu tropical as estrêlas empastavam-se em um amontoamento inverossímil, como punhados de farinha luminosa em tela muito negra.

No terreiro, varrido, em frente às senzalas, uma fogueira crepitava alegre, espancando a escuridão com seu brasido candente, com suas línguas de chamas multiformes irrequietas.

Os negros tinham acabado uma carpa nesse dia, e o coronel dera-lhes permissão para folgar, mandando ao mesmo tempo que o administrador lhes fizesse uma larga distribuição de aguardente.

Ao som de instrumentos grosseiros dançavam: eram êsses instrumentos dois atabaques e vários adufes.

Acocorados, segurando os atabaques entre as pernas, encarrapitados, debruçados nêles, dois africanos velhos, mas ainda robustos, faziam-nos ressoar, batendo-lhes nos couros, retezados, às mãos ambas, com um ritmo sacudido, nervoso, feroz, infrene.

Negros e negras formados em vasto círculo, agitavam-se, palmeavam, compassadamente, rufavam adufes aqui e ali. Um figurante, no meio, saltava, volteava, baixava-se, erguia-se, retorcia os braços, contorcia o

pescoço, rebolia os quadris, sapateava em um frenesi indescritível, com uma tal prodigalidade de movimentos, com um tal desperdício de ação nervosa e muscular, que teria estafado um homem branco em menos de cinco minutos.

E cantava:

"Serena pomba, serena;
"Não cansa de serená!
"O sereno desta pomba
"Lumeia que nem metá!
"Eh! pomba! eh!

E a turba repetia em côro:

"Eh! pomba! eh!

A voz do cantor, fresca, modulada, de um timbre sombrio, coberto, tinha uma doçura infinita, um encanto inexprimível.

Fechando-se os olhos, não se podia crer que sons tão puros saíssem da garganta de um preto, sujo, desconforme, hediondo, repugnante.

A resposta coral, melopéia inarmônica, mas cadenciada em quebros de uma tristeza suavíssima, repercutia pelas matas no silêncio da noite, com uma grandiosidade melancólica e estranha.

A letra nada dizia; a toada, o canto era tudo.

E os atabaques retumbavam, rufavam os adufes, desesperadamente.

O dançarino, sempre a cantar, sempre naquela agitação, naquela coreomania estupenda, percorria a roda sem sustar-se para tomar alento, sem dar mostras de cansado. Em sua testa baça não brilhava uma baga de suor.

De repente, vendo um tição inflamado na mão de um companheiro, asiu-o, entrou a descrever com êle no ar, figuras caprichosas, círculos, elipses, oitos de algarismo. Bateu-o no chão, espalhou na roda milhares de faúlas... O entusiasmo ascendeu ao delírio.

O dançarino deitou fora o tição, arrojando-o longe com impulso vigorosíssimo. Depois afrouxou, moderou um pouco os movimentos. Entreparou ante um dos da roda, bamboando-se, fazendo-lhe gaifonas, como que reptando-o para que saísse ao terreiro.

O desafiado aceitou a provocação, saíu-lhe ao encontro, dançando, saracoteando-se, também.

"Eh! pomba! eh!

gemia o côro.

Os figurantes, que eram então os dois, começaram de girar um em tôrno do outro, atacando-se, perseguindo-se, fugindo, como duas borboletas amorosas. Recuaram, depois avançaram de frente, lento, medindo-se. Deixaram pender os braços, afastaram as cabeças, protraíram os ventres, curvando as pernas, fizeram estalar uma embigada artística, sonora, retumbante, que se ouviu longe.

"Eh! pomba! eh!

continuava a gemer o côro.

O primeiro figurante embarafustou-se por entre os companheiros, rompeu a roda, sumiu-se, deixando só o sucessor que continuou na faina com a mesma galhardia.

Os que não dançavam, que não tomavam parte no *samba*, grupavam-se, aos magotes, acotovelando-se; olhavam em silêncio, enlevados, absortos.

Do solo batido pelo tripudiar de tanta gente erguia-se uma nuvem de pó, avermelhada pelo clarão da fogueira.

A garrafa de aguardente andava de mão em mão: não havia copos; bebiam pelo gargalo.

Ao cheiro de terra pisada, de cachaça, de sarro de pito, sobrelevava dominante um cheiro humano áspero, aliáceo, um odor almiscarado forte, uma catinga africana, indefinível, que doía ao olfato, que cortava os nervos, que entontecia o cérebro, sufocante, insuportável.

Enquanto se dançava no terreiro, Joaquim Cambinda, escravo octogenário, inútil para o trabalho, estava sòzinho, sentado em um cepo, ao pé de um fogo de lenha de perova, no paiol velho abandonado, que a rôgo seu lhe fôra concedido para morada.

Era horroroso êsse preto: calvo, beiçudo, maxilares enormes, com as escleróticas amarelas, raiadas de laivos sangüíneos, a destacarem-se na pele muito preta. Curvado pela idade, tardo, trôpego, quando se erguia e, envôlto na sua coberta de lã parda, dava alguns passos, similhava uma hiena fusca, vagarosa, covarde, feroz, repelente. Tinha as mãos sêcas, aduncas; os dedos dos pés reviravam-se-lhe para dentro, desunhados, medonhos.

O paiol velho formava uma vasta quadra de telha vã de chão de terra, esburacado. A um canto um *chalo* de paus roliços, com uma esteira, um travesseiro negro e lustroso, umas traparias imundas: era a cama do africano. Por baixo do chalo, no desvão escuro, punha uma nota branca um ourinol velho de louça ordinária, desbeiçado, com um arquipélago de incrustações úricas no fundo muito fétido, nauseabundo. Junto do chalo, uma caixa de pinho, cuja fechadura nova, enverniza-

da, destacava-se muito lustrosa na madeira caruncha-da, enegrecida pela fumaça. Em outro canto, fronteiro ao chalo, sôbre uma mesa coxa, um oratório vetusto, de gonzos enferrujados, gastos, roído de ratos em vários lugares, muito ensebado. Pelas paredes, saquinhos de bôca amarrada, samburás, porungas de pescoço, guam-pas de boi, cartolas antiquíssimas, sobrecasacas arcai-cas, de três pontas na lapela, do tempo do rei. Por todo o chão, abóboras, pepinos maduros, espigas de milho com casca, cabos de instrumentos de lavoura, cepos de madeira, cascas de ovos, talos de couve, montes de cisco.

A porta estava apenas cerrada: abriu-se e entrou uma negra ainda moça, magra, baixinha, de olhos fun-dos, olhar febril. Estava vestida de côres muito espan-tadas, saia amarela, casaco vermelho. Tomou a bênção a Joaquim Cambinda, e foi sentar-se em silêncio junto do fogo.

Um a um, vieram vindo outros pretos e pretas. Entravam, davam *louvado* ao velho, e, silenciosos, aco-modavam-se sôbre cepos, ao pé do fogo: ao todo dez.

Quando completo êsse número, Joaquim Cambin-da disse:

— Féssa póta (1).

A negra que primeiro chegara, levantou-se, cum-priu a ordem, voltou a sentar-se em seu lugar.

Reinou silêncio por largo espaço.

Fora ouvia-se o côro retumbando na noite:

"Eh! pomba! eh!

Joaquim Cambinda acendera um cachimbo de lon-go canudo, e fumava tranqüilo, sem parecer dar fé dos circunstantes.

(1) *"Fecha a porta"*.

Cêrca de meia hora levou absorto, com os olhos cerrados, meditando, cochilando, a puxar fumaças, morosamente, preguiçosamente.

Quando se consumiu o carrêgo do cachimbo, sacudiu as cinzas, bateu-o bem, cuidadosamente, soproulhe o canudo, encostou-o à parede. Ergueu-se e, lento, titubiante, monstruoso, caminhou para o oratório, chegou, abriu-lhe as fôlhas da porta de par em par, tirou para fora duas velas de cera que estavam dentro, em castiçais de latão, riscou fósforos, acendeu-as, iluminou o interior do nicho, revestido de papel de prata, mareado.

Dois eram os divos dêsse mesquinho e sórdido larário: um S. Miguel de gesso, cambuto, retaco, muito feio, muito pintado de excretos de môscas; e um manipanço, tecido inteirinho de cordas finíssimas de embira, hediondo, pavoroso, mas admirável pelos detalhes anatômicos, estupendo como obra de paciência.

Os negros ergueram-se todos, reverentes.

— Zelómo, disse Joaquim Cambinda, ussê pensô bê nu quê ussê vai fazê, lapássi?

— Pensô, *mganga*.

— Intonsi, ussê qué mêmo si rissá ni rimanári ri San Migué rizáma?

— Qué, *mganga* (1).

---

(1) "— Jerônimo, você pensou bem no que você vai fazer, rapaz?

— Pensei, mestre.

— Então você quer mesmo alistar-se na irmandade de São Miguel das Almas?

— Quero, mestre."

A palavra *mganga* é termo africano: significa *senhor do tempo, distribuidor da chuva* e, por extensão, *teólogo, sacerdote, mestre*.

Que era muito bom, explicou Joaquim Cambinda na sua meia língua, pertencer um preto à irmandade de São Miguel das Almas, mas que também era perigoso; que quem não tinha peito não tomava *mandinga*; que o branco queria, por fôrça, saber o segrêdo dos irmãos de São Miguel, e que para isso surrava o preto, mas que o preto que revelava o segrêdo de São Miguel morria sem saber de quê. Fêz o neófito beijar os pés de São Miguel, fê-lo beijar os cornos do Satanás a êle sotoposto, fê-lo beijar as partes genitais do manipanço; ditou-lhe juramentos solenes, cominou-lhe penas terríveis no caso de infração. Recebeu dêle dinheiro, trinta mil réis, seis notas de cinco mil réis, que estavam no bolso da calça, muito enleadas em um lenço de chita muito sujo. Passou à parte doutrinária, entrou a iniciá-lo na arte terrível dos feitiços e dos contras, a dar-lhe meios de matar, de curar. Ensinou-lhe que a semente do mamoninho bravo (*datura stramonium*), socada, macerada em aguardente, cega, enlouquece, mata dentro de poucas horas; que osso de defunto, cuja carne caiu de podre, raspado e posto em uma comida qualquer, produz *amarelão* incurável; que o sapo verde do mato virgem, sufocado a fogo lento, dentro de uma panela nova coberta por têsto novo, morre largando uma espumarada branca, com a qual, diluída em água, se produz uma hidropisia necessàriamente mortal; que as fôlhas do jaborandi (*pilacarpus pinnatifolius*), pisadas, reduzidas a massa, aplicadas aos sovacos, produzem suores e salivação, curam muitas moléstias; que a raiz de Guiné (*mappa graveolens*) e a nhandirova (*feuillea cordifolia*) são contras poderosíssimos para tôdas as *coisas feitas*.

Ensinou mais uma infinidade de superstições, medonhas umas, outras muito ridículas: que a mão resse-

quida de uma criancinha morta sem batismo é um talismã precioso para conciliar o amor; que uma lasca de pedra de ara, furtada a uma igreja, *fecha* o corpo, torna-o invulnerável a tiros de arma de fogo, a pontaços de arma branca; que café coado com água de banho por fralda de camisa de mulher, ou por fundilho de ceroula de homem, sem lavar, capta a simpatia, amansa o gênio bravo; que corda de enforcado faz ganhar dinheiro ao jôgo; que uma figa de raiz de arruda, arrancada em sexta-feira maior, é remédio soberano de quebranto, de mal de olhado; que, para inutilizar um mestre feiticeiro, para tirar-lhe o poder, é preciso surrá-lo com uma vara de fumo e quebrar-lhe na cabeça três ovos chocos.

Passou a *curar* o neófito, a *fechar-lhe* o corpo, a anestesiá-lo para não sentir castigos físicos: mandou que se despisse, que se pusesse de quatro pés, como uma bêsta. Murmurando palavras inconexas, frases de engrimanço, untou-o com uma pomada rançosa que tirou de uma latinha muito oxidada, borrifou-o com uma água de uma porunga que desprendeu da parede. Disse-lhe que era preciso repetir a operação em mais seis sextas-feiras, para que o encanto ficasse completo, e o corpo insensível de uma vez.

Para provar com fatos o seu poder, para demonstrar a eficácia dos seus sortilégios, chamou a preta magra, a primeira que viera. Acudiu ela, aproximando-se ligeira, muito contente.

Passou-se uma cena estranha.

Joaquim Cambinda tirou do oratório uma agulha de coser sacos, comprida, acerada e, tomando o braço esquerdo da preta, atravessou-o de parte a parte, em vários lugares, por várias vêzes, sem que ressumasse

uma pinga de sangue: a paciente olhava curiosa para o braço, sem dar a mínima mostra de dor.

Joaquim Cambinda largou a agulha, afastou-se um pouco, baixou-se, fitou-a de modo particular, por sob a pálpebra, com a púpila brilhante, fixa como a de um réptil.

A rapariga soltou um grande grito, e levou as mãos ambas ao peito.

— A bola! a bola! Sufoco! exclamou.

E caiu desamparada, com os olhos esbugalhados, em alvo, com a bôca torta, com os membros contorcidos por convulsões tetânicas.

Estenderam-se-lhe, inteiriçaram-se os braços; os punhos viraram-se para fora; os dedos fecharam-se, penetrando quase as unhas nas palmas das mãos; a língua estava negra e pendente, betada aqui e ali por fios de baba escumosa.

E revolvia no solo, aos saltos, como uma cobra cortada aos pedaços.

De súbito largou um berro entrecortado, gutural, rouco, que nada tinha de humano. Deu um estremeção, curvou-se para trás, assumiu a forma de um bodoque retesado, quedou-se imóvel, dura, firme, em uma posição impossível: por uma parte tinha o alto da cabeça apoiado ao solo, e, por outra, os dois pés que assentavam em cheio, um pouco separados; ao todo três pontos de apoio.

Os punhos continuavam cerrados, e os braços tesos, ao longo do corpo. A rigidez era cadavérica, mais ainda, marmórea, metálica.

Joaquim Cambinda, sorria-se medonhamente.

Com uma agilidade que desmentia o seu vagar, o seu tolhimento costumeiro, e de que ninguém o teria

julgado capaz, trepou de um salto sôbre essa esquisita ponte humana.

Com os olhos reluzentes; com o clarão do fogo a refletir-se-lhe na calva negra, polida; mostrando os dentes amarelos em esgares diabólicos, êle pulava, tripudiava sôbre o estômago, sôbre o ventre, sôbre o púbis da convulsionada.

Ela não se abalava, não se mexia sob o impulso dos pés, sob a ação do pêso do monstro: semelhava uma ponte de arco, feita de cantaria.

Joaquim Cambinda desceu, foi a um canto buscar um cabo de picareta, e com êle entrou a bater-lhe duro no peito, no ventre.

Os golpes sucediam-se, crebros, com um som baço, abafado, como se fôssem dados em um saco de trapos.

De súbito a vítima desinteiriçou-se, recobrou moleza vital, recaíu no solo pesadamente, em atitude humana.

Inundavam-lhe o rosto grossas camarinhas de suor.

Os assistentes estavam aterrados.

O tétrico hierofante dêsses horrendos mistérios tinha apagado ràpidamente as velas, tinha fechado o oratório, estava de novo silencioso, sentado em um cepo, atiçando o fogo.

A rapariga dormia, dormia profundamente, respirando alto, em estertores.

Fora, o samba continuava; ouvia-se o tutucar dos atabaques, e o estrupido surdo dos pés; sonoro, melancólico, plangente, repercutia o estribilho:

"Eh! pomba! eh!"

XI

Havia muitos dias que Barbosa partira, e apenas tinha escrito uma carta ao coronel, sôbre negócios, em a qual lhe dava esperanças de salvar trinta por cento do material comprometido.

A princípio Lenita mandava o moleque à vila todos os dias buscar o correio. Muito antes da hora de êle voltar, já ela estava à porta a espiá-lo. Quando no alto do morro despontava o seu vulto, vestido de algodão branco, sacudido pelo chouto de um burriuho ruço velho, a pôr uma mancha de alvadia e movediça no amarelo baço do caminho, ela corria à porteira da cêrca, a encontrá-lo.

Tomava com mão febril o surrãozinho de sola em que vinha a correspondência, abria-o, e, como só caíssem jornais, perguntava nervosa, trêmula, afagando ainda um resto de infundada esperança:

— E as cartas, onde estão as cartas?

É indescritível o seu desapontamento, a sua cólera mesmo, ao ouvir a resposta do moleque, em voz lenta, doce, meio cantada, indiferente:

— Carta não tem.

Aborreceu-se, não o mandou mais à vila buscar o correio, e, quando êle, de si próprio, lhe ia entregar os jornais, dizia ela com mau modo:

— Ponha lá em cima da mesa.

Um dia, a destacar-se no emaranhamento de letra miúda de um maço de *Jornal do Comércio*, viu ela uma carta volumosa, empanturrada. O sangue refluíu-lhe todo ao coração quando reconheceu a letra de Barbosa no subscrito liso, do papel *diplomata*:

Ilma. Exma. Sra.

D. Helena Matoso.

Vila de ***

Província de S. Paulo.

Arrancou-a violentamente da mão do moleque, deixando cair por terra os jornais, que não curou de erguer: acolheu-se ao seu quarto, apertando-a de encontro ao seio.

Fechou a porta por dentro, à chave; semicerrou as janelas, deixando apenas interstício por onde entrasse a luz necessária. Não queria ser vista, não queria que ninguém a pudesse incomodar.

A tremer, com as mãos tactas, despedaçou o *envelope*, impacientemente, brutalmente quase.

A carta constava de muitas fôlhas de papel paquete, *pelure d'oignon*, cobertas de letra cursiva em tôdas as laudas, tudo numerado muito em ordem.

Lenita leu:

"Santos, 22 de Janeiro de 1887.

"Minha prezada companheira de estudos:

Aqui estou, pela primeira vez em minha vida, no pôrto de mar de nossa província, em Santos, terra cálida, úmida, sufocante, preferida por Martim Afonso aos feiticeiros arredores da baía de Guanabara. Os re-

verendos Kidder e Fletcher, no livro que publicaram sôbre o Brasil, deram-se a perros para descobrirem a razão da preferência e... ficaram em jejum. O mesmo me acontece. Com efeito, porque teria Martim Afonso preferido isto ao Rio de Janeiro? Tudo levava a crer que era o contrário que se devia dar. Que rasgo de intuição genial, que vista interna miraculosa teria revelado ao colonizador português a superioridade imensa desta zona vicentina em que há terra roxa, em que há um clima sem rival para a lavoura, sôbre a orla limítrofe, de terra vermelha, árida, sequiosa? E o caso é que sem razão aparente, sem dados aceitáveis, houve a preferência, e que essa preferência criou a primeira província do Brasil, e quiçá o primeiro dos pequenos estados livres do mundo.

Eu me vejo em apuros, mas é para dizer o que vem a ser esta nesga do litoral em relação à climatologia; é para achar-lhe um têrmo de comparação.

Falam no Senegal: O Senegal é mais quente, valha a verdade, mas não é tão abafado. Lá respira-se fogo, mas respira-se. Aqui não se respira nem fogo, nem coisa nenhuma. O ar é pesado, oleoso; parece que lhe falta algum elemento. Isso quando não há o vento célebre que os nativos chamam *noroeste*: quando sopra, quando reina êsse *semoum* africano, êsse vendaval-peçonha, Santos é uma miniatura do inferno: imagine-se um tufão dentro de um forno.

Os dias são horríveis: se não há chuva, o que é raro, o sol queima, esbraseia a terra, a ponto de se poderem fritar ovos sôbre as pedras das calçadas. Mas ainda há coisa mais horrível do que os dias, são as noites. A atmosfera queda-se, morre. Olha-se para as flâmulas dos navios, imóveis; para as franças das árvores, imóveis; para os leques das palmeiras, imóveis.

A gente a asfixiar no ar irrespirável e morto, parece-se com os *mamouths* que se encontram inteiros nos gelos da Sibéria, ou com êsses insetos mumificados, há milhares de anos, na transparência dourada do âmbar amarelo. É uma situação aflita; desespera, tira a coragem, dá vontade de chorar, lembra os horrores da *Treva* de Byron.

A vida aqui é uma negação da fisiologia, é um verdadeiro milagre: não há hematose perfeita, as digestões são laboriosíssimas, sua-se como no segundo grau da tísica pulmonar, como na convalescença de febres intermitentes. Eu, se fôsse condenado a degrêdo em Santos, já não digo por tôda a vida, mas por um ano ou dois, suicidava-me.

Mas, que peixes! que esplêndidos mariscos! As pescadas amarelas, uma delícia! as garoupas divinas! Comi em França ostra de Cancale, de Marennes, de Ostende; comi a ostra rosácea do Mediterrâneo, a ostra lamelosa da Córsega: nada disso se pode comparar à ostra de Santos. Tenra, delicada, saborosíssima, ela apresenta essa coloração verde, esbatida, tão apreciada pelos finos *gourmets*: Moquim-Tandon, Valenciennes, Bory de St. Vincent, Gaillon, Priestley, Berthelot inventaram mil teorias cerebrinas para explicá-la, e todavia ela é apenas um sintoma de moléstia, é devida a um estado mórbido, a uma anasarca de molusco.

Tão detestável é a terra, o clima em Santos, quanto apreciável é o peixe, quão superior é o homem: maus fatores a darem produtos excelentes, verdade paradoxal, mas verdade irrecusável, absoluta.

O povo santista é polido, afável, obsequioso, franco: a riqueza que lhe proporciona o comércio de sua cidade, fá-lo generoso, até pródigo. E tem nervo, tem brio: é o único povo que eu julgo capaz de uma revo-

lução nesta pacata província. Não há muito em uma questão de abastecimento de água êle deu mostras de si...

Gosto, gosto imenso, em Santos, tanto do peixe como do homem.

Um pouco de estudo agora, para não perder-se o costume, para voltarmos à nossa *marotte*, à nossa *telha*.

A costa do Brasil, como muito bem faz observar o conde de Lahure em sua obra sôbre êste país, oferece desde a ilha do Maranhão até Santa Catarina uma singularidade notável: é debruada em tôda a sua extensão por dois fundos altos, por dois arrecifes, que a bordam, que lhe constituem um como molhe natural, que a garantem da impetuosidade das ondas, contìnuamente agitadas no Atlântico sul-americano.

Um dêsses arrecifes, o que está mais chegado à costa é uma como cinta de rochas que envolve o litoral. Em lugares rasga-se até o fundo do mar; em lugares ergue-se, mas não lhe chega à superfície; em lugares está de nível com ela; em lugares alteia-se sôbre ela até grande elevação.

São os recortes dessa penedia que formam tôdas as embocaduras, tôdas as baías, todos os portos, tôdas as abras da costa brasileira.

O segundo aparcelamento, como que uma barbacã, do primeiro, está em distância de oito a quarenta quilômetros da costa, em profundeza irregular, quase sempre fraca.

Os pontos descobertos constituem ilhas, algumas elevadíssimas: as Queimadas, os Alcatrazes, o Monte de Trigo são saliências do contraforte externo; a ilha do Enguá-Guaçu ou de Santos, a do Guaíbe ou de Santo Amaro, a da Moela, a encantadora ilhota das Palmas, são os picos do arrefice interno.

E que serão êsses parcéis, essas duas cintas de rochas, senão o aparecimento, as primeiras protrações, ainda marinhas, da Serra do Mar, chamada aqui Serra do Cubatão, Serra de Paranàpiacaba. A cordilheira vem dos abismos do oceano, surde, emerge, levanta-se abrupta, fecha o horizonte com seus visos alterosos, que lá se enxergam ao fundo, cobertos de nuvens, a entestar com o céu, como barbacãs, como muralhas de um castelo titânico.

Meditemos um pouco: reconstrua o raciocínio o que o homem não pode ver no espaço breve de sua vida curta.

O mar outrora banhava a raiz da serra, e os ventos do largo, encanados pelas bocainas, suscitavam maretas temerosas na planície onde hoje corre, arfando, a locomotiva.

As aluviões, os enxurros da cordilheira, grossos de terra, rolando seixos enormes, em luta com a fôrça das marés que se encrespavam em macaréus, foram depositando sedimentos, detritos, em tôrno dos núcleos penhascosos do Guaíbe e do Monserrate. No volver de milhares de séculos o fundo alteou-se, emergiu das ondas, constituíu as vastas planuras do sopé da serrania. Vasas moles ao princípio, lamarões, brejos marinhos, essas planícies foram-se cobrindo de mangues verdes, de siruvas e, depois, de outras vegetações mais alentadas: formaram terrenos sólidos, cortados de muitos esteiros.

A planície santista, bem como tôda a planície da costa brasílica, é uma conquista da cordilheira.

E essa conquista continua ainda, continuará indefinidamente, de dia, de noite, a tôdas as horas, a todos os momentos; lenta, imperceptível mas intérmina, incessante; não há tréguas na luta entre a terra e o mar.

As margens dos esteiros, chamados aqui *rios*, aproximam-se cada vez mais, o fundo sobe. Pelo canal da Bertioga passou, à larga, a frota de Martim Afonso, passava até há bem pouco tempo o vapor costeiro *Itambé*: hoje o pequeno rebocador *Porchat* passa com dificuldade, vira com perigo, por vêzes encalha.

Em Santos, junto à cidade, não existe mar no sentido rigoroso do têrmo: existe um estuário de água salobra, que tende a diminuir, que se vai fazendo raso todos os dias. E não há obviar-lhe. O famoso e protelado cais, caso se construísse, seria um pano quente: melhoraria o pôrto por uns pares de anos, afinal ficaria inutilizado. O fundo vai ganhando, há de ganhar de uma vez: o passado aponta o futuro. Debalde o oceano refluído, repulsado, concentra as fôrças sôbre outro ponto e ataca S. Vicente. Ganhou uma aparência de vitória, é verdade: sôbre a antiga povoação de Martim Afonso, ameaça a moderna: mas lá está o inimigo, a montanha, para detê-lo, para sustá-lo, para repeli-lo, com avalanches de pedras, com médãos de lodo.

E há exemplos disso, recentes na história geográfica do velho mundo: Luiz IX de França embarcou-se em Aigues-Mortes, para as Cruzadas, duas vêzes, uma em 1248, outra em 1269; Aigues-Mortes demora atualmente a seis quilômetros do mar. A cidade de Adria sôbre o canal *Bianco*, derivativo do Pó, está hoje a trinta quilômetros do Adriático; pois era banhada por êle, foi ela até que lhe deu o nome.

Em tais condições não admira o *noroeste*, não admira o calor de Santos.

O vento do largo, o vento de sudeste encana-se por entre as cordilheiras de Santo Amaro e do Monserrate, revoluteia pela planície, vai à cordilheira e de lá, repelido, reboja, volta, mas não volta só. Vem misturado,

confundido com o vento quente do interior, com o vento aquecido nas terras roxas do oeste, aquecido no vasto *plateau* de Piratininga. É o famoso, o temido, o execrado *noroeste*.

Ora ajunte-se o calor químico, o calor desenvolvido pela fermentação de incalculáveis massas de detritos orgânicos, em uma planície vastíssima rodeada, quase fechada por montanhas; tome-se em consideração que êsse calor só é absorvido em parte mínima pelos paredões da cordilheira, que é refletido, convergido por êles sôbre Santos; atenda-se a que a vizinhança do mar tende sempre a elevar a temperatura da atmosfera, e cessará a admiração de que seja isto aqui o quinto cúmulo térmico do globo, de que em assuntos de calidez só preste obediência à Abissínia, a Calcutá, a Jamaica e ao Senegal.

É curiosa Santos como cidade, tem côr sua, inteiramente sua.

As casas são quase tôdas construídas de alvenaria, com soleira e portadas de granito lavrado.

O ar, salitroso pelas emanações marinhas, ataca, rói, carcome a pedra. Não há ver aí superfícies lisas: tudo é áspero, caraquento, semi-decomposto.

Sôbre grande parte dos telhados viceja uma vegetação aérea, forte, vivaz, gloriosa.

Vista do mar, do estuário, a cidade é negra: *black town* lhe chamam os inglêses.

Os enormes vapores transatlânticos alemães, os esquisitos e bojudos carregadores austríacos, as feias barcas inglêsas e americanas de costado branco, os mil transportes de tôdas as nações, entram pela ria, encostam-se à praia, varam quase em terra, afundam as quilhas no lodo negro, constelado de cascas de ostras, de ossos, de cacos de louça, de garrafas, de latas, de ferros

velhos, dessas mil imundícies que constituem como que os excrementos de uma povoação. Comunicam com a terra por pranchões lisos, ou canelados a tabicas.

Pelas ruas vai e vem, encontra-se, esbarra-se um enxame de gente de tôdas as classes e de tôdas as côres, conduzindo notas de consignação, contas comerciais, cheques bancários, maços de cédulas do tesouro, latinhas chatas com amostras de mercadorias. Enormes carroções articulados, de quatro rodas, tirados por muares possantes, transportam da estação do caminho de ferro para os armazéns, e dêles para as pontes, para o embarcadouro, os sacos de loura aniagem, empanturrados, regorjitando de café. Homens de fôrça bruta, portuguêses em sua maioria, baldeiam-nos para bordo, sôbre a cabeça, de um a um, ou mesmo dois, em passo acelerado, ao som, por vêzes, de uma cantiga ritmada, monótona, excitativa de movimento como um toque de corneta.

Nos armazéns, vastos cimentados, manobrando pás polidas, gastas pelo uso, batem o café, fazem *pilhas*, cantando também.

E não deixam de ter certa elegância bárbara, com um saco vazio, sôbre a cabeça, à laia de capelhar, moda árabe, talvez reminiscência inconsciente atávica.

Na praia, a poucos metros da água, um como mercado pantopolista: sôbre mesas sólidas, de mármore, estendem-se alinhadas, com reflexos de aço, de prata, de ouro, os peixes admiráveis do lagamar e do alto — as tainhas gordas, de focinho rombo; os paratis que são diminutivos delas; as corvinas corcovadas, pardas; os galos espalmados, magros; os pargos de dentes e de beiço redondos, carnudos; as pescadas do alto, fulvas, enormes; os linguados, vesgos, delicados; as solhas, linguados gigantescos, macias, chatas; as garopas, côr de

ferrugem, de olhos esbugalhados, atarracadas, escondendo sob formas brutas, um mundo de delícias gastronômicas; as pescadinhas brancas, argênteas, com um fio de ouro e verde a sulcar-lhes os flancos; os bagres lisos, visguentos, feios; os camarões, brancos, arroxados, com longas barbas, em rodas, sôbre tampas de vime; os caranguejos, peludos, morosos, batendo uns nos outros a couraça sonora; os siris azulados.

Em tôrno à casa, sob os beirais do telhado, sob toldos de pano, ao ar aberto, pilhas de laranjas, de ananases, de melancias, de goiabas, de cocos, de cachos de bananas, de mil espécies de frutas em uma abundância fastidiosa, desanimadora, com um cheiro enjoativo de madureza passada; grãos, legumes, hortaliças, raízes, ervas de tempêro, tomates, pimentas; quadrúpedes e aves, domésticas e selvagens, leitões, quatis, perus, tucanos; conchas, caramujos, esteiras, cordas, quinquilharias, uma babel, um *bric-à-brac* infernal.

Às três horas começa de cessar o movimento: a população emigra para S. Vicente e para a Barra. À tarde a cidade está silenciosa, deserta, morta. Há todos os dias uma transição crua, brusca, da agitação para o marasmo, que dá tristeza.

Eu subi ao Monserrate.

É uma eminência de cento e sessenta e cinco metros, quase a prumo, coroada por uma igrejinha branca, o que se pode imaginar de mais pitoresco, de mais singelamente grandioso, de mais encantador.

Sobe-se por um caminho acidentado.

O que se vai desenrolando aos olhos durante a ascensão é simplesmente maravilhoso. A planície estende-se ao longe, nivelada pela natureza, coberta de uma alcatifa de mangue; a cidade, em quarteirões regulares, paralelogramáticos, ocupa o sopé do morro, be-

tada de ruas de calçamento pardo, manchado aqui e ali por massiço verde de árvores, por uma palmeira esguia; ao fundo, de um e outro lado a serra do continente; fronteiras as colinas abruptas de Santo Amaro. O ancoradouro, o pego do Canehu e outros *largos* do estuário semelham chapas de aço polido, com as quais põem notas de vários tons os pontões desgraciosos, os navios que estão sôbre ferro. As canoas, os escaleres resvalam como insetos ligeiros; uma outra vela pica de branco a escuridade metálica da superfície da água, e o sol ilumina tudo com sua luz dourada muito suave.

Os esteiros embebem-se pela verdura fôfa dos mangais: um dêles, muito sinuoso, afunda-se visível por espaço longo, fraldeia a colina cônica chamada *Monte Cabrão*, some-se, reaparece muito longe, refletindo a luz do sol, torna a sumir-se. É o canal histórico da Bertioga.

À direita uma imensidade azul que parece vir do infinito, que dir-se-ia um desdobramento do horizonte, avança arfando, em estos, chega, beija a praia, morre em uma ourela de espuma alva, móvel, murmurosa... Salve, oceano, *alma pater*, laboratório da vida terráquea, povoador do planeta!

Ah! Lenita! imagine: o oceano — a fôrça, o ataque; a terra — a firmeza, a resistência; o ar — hematose, a vida; o sol — o calor, a luz, a fecundação; tudo em porfia de prodigalidades, a constituir, a ornar um cenário vasto de *struggle for life*, de luta pela existência, em o qual se debatem, se fogem, se perseguem, se matam, se devoram todos os seres da criação, o zoófito, o molusco, o entomozoário, o vertebrado!

Aqui, nestas alturas, sob a imensidade do céu, a dominar a imensidade das águas é que sente-se grande, é que sente-se orgulhoso o antropóide falante que ar-

ranca a esponja do abismo, que paralisa a fôrça incalculável do cetáceo, que fulmina a andorinha perdida na amplidão, que avassala o oceano, que escraviza o raio, que rasga os véus do espaço, que desvenda os mistérios do infinito!

Oh! eu a queria, aqui, junto de mim; eu queria ler-lhe a fixidez concentrada do olhar, no descoramento da face a profundeza da impressão que em espírito como o seu produz uma cena como esta!

. . . . . .

Paulo minora canamus; agora *terre à terre*.

Esta carta vai um pouco de arrepio com as leis da cronologia; eu inverti a sucessão dos fatos, comecei pelo fim, falei de Santos, e calei a viagem.

Faço *amende honorable*, vou reparar a falta.

Até a capital nada havia para mim de novo: conheço de há muito todos os caminhos de ferro, tôdas as estradas de rodagem que a ligam ao interior da província; estudei bem e até com interêsse, porque dela sou acionista, a Estrada de Ferro de Leste, impròpriamente chamada *Estrada do Norte*.

Da capital a Santos foi que rolei em pleno desconhecido, foi que se me deparou assunto novo de estudo.

Os campos famosos de Piratininga constituem um *plateau* que coleia suave, em outeiros mansos, emoldurado à direita pelos cabeços longínquos da Serra do Cubatão, à esquerda pelos visos azulados da Cantareira, pelos picos verdoengos do Jaraguá.

De leste a oeste, um pouco ao norte da cidade, rola o Tieté profundo, negro, taciturno, formando um vale estensíssimo, muito largo.

A conformação atual dêsse vale, a turfa pantanosa que o constitui em grande parte, o alagamento anual

que nêle se opera, tudo atesta que êle foi em tempo um lago enorme, sinuoso, semeado de ilhas, um mar de água doce, que ia talvez até Mogi das Cruzes.

A serra da Cantareira e a vertente norte da serra do Cubatão deram batalha aluvial ao mediterrâneo doce, venceram-no, entupiram-no: o vale de Tieté é a conquista. As correntes de águas perenes conglobaram-se, aunaram-se, cavaram leitos, formaram os rios que hoje retalham a planície.

Vi de relance o casarão que se está fazendo para comemorar a independência, ou melhor, para comemorar... porque não dizê-lo? para comemorar o desarranjo funcional que levou o sr. D. Pedro de Bragança a apear-se ali, às quatro horas da tarde do dia 7 de Setembro de 1822.

Não há ver nestas paragens a flora maravilhosa das nossas zonas do oeste, os perovões, as *batalhas* enormes, os jequitibás de cinco metros de diâmetro: a vegetação arborescente é enfezada, baixa, quase anã. Não é basta, continua: forma reboleiras, restingas, capões, ilhas de verdura, no amarelado pardo do campestre interminável.

Esta região é considerada estéril, maninha: nada mais injusto. Verdade é que não vinga aqui o cafeeiro, que a cana é somenos à de Capivari e mesmo à de Santos, que o algodoeiro não se pode comparar com o de Sorocaba; mas, por Deus! nem só café, açúcar, algodão, é riqueza.

A vinha medra de modo assombroso: com uma cultura inteligente, com uma pôda antecipada, poderia ela produzir em princípios de Dezembro, evitando as chuvas de Janeiro que lhe agúam os bagos, que lhes deturpam os racimos. Em S. Caetano, em terras outrora baldias, de que ninguém fazia caso, há vinhedos

formosíssimos plantados por italianos. A vista alegra-se com a simetria das parreiras, o coração rejubila com a idéia de uma prosperidade imensa, geral, em futuro não remoto, por todos os ângulos de nosso... de nossa província, eu ia escrevendo *estado*.

As hortaliças são enormes: um dia dêstes vi eu uma couve vinda de S. Paulo que era um monstro de desenvolvimento: tinha fôlhas de cinqüenta centímetros de diâmetro menor; media-lhe o caule muito mais de dois metros.

E porque não há de se cuidar do trigo? os antigos cuidaram com sucesso: em S. Paulo comeu-se muito pão de trigo da terra. Ninguém ignora o que a agricultura científica tem feito das landes infecundas da Gasconha. Pois os campos de Piratininga não admitem confronto com as landes da Gasconha: são-lhes infinitamente sublimados.

E a indústria pastoril? Que riqueza imensa a se oferecer espontânea.

De S. Bernardo em diante a planície muda de aspecto. Os capões, as restingas vão-se convertendo em um matagal basto, contínuo, verde-negro. Aqui e ali, no dorso de uma colina, no cabeço de um outeiro, rubro, semelhante a uma escoriação, serpeia o leito de um caminho. Na chã que se vai gradualmente alteando, destacam-se as gramíneas, moitas de plantas baixas, de fôlhas escuras, de flores roxas, muito grandes.

De um e de outro lado do trem perpassam, fogem sombras compactas, fortes: são os primeiros topes da serra. Em vários lugares desnuda-se o granito lavado pelo enxurro, arrebentado pelas brocas do mineiro, esfacelado pela marreta do britador.

Em tôdas as árvores vêem-se epifitas, vêem-se parasitas, de flores escarlates, de fôlhas lustrosas.

A máquina, arfando, em carreira vertiginosa, arrastando o *tênder*, arrastando a longa cauda de carros, triunfante, rumorosa, sobe, galga, vence, domina, salva o declive áspero, rola em terreno plano. O ar torna-se mais fino, mais úmido, a luz mais viva, mais mordente.

À esquerda, rápidas, como que levantadas, emergidas sùbitamente, alteiam-se montanhas, visos, picos, paredões, agruras, despedaçamentos de cordilheira.

À direita, em anfiteatro pelo dorso escalavrado de uma eminência, casebres miseráveis; sôbre o rechano uma igrejinha rústica, desgraciosa, mal feita, com três janelas, com dois simulacros de tôrres, a picar de branco o azul do céu e o escuro da mata.

É o alto da serra.

Em frente, a alguns decâmetros, abre-se, rasga-se um vão, uma clareira enorme, por onde se enxerga um horizonte remotíssimo, um acinzentamento confuso de serras e céu, que assombra, que amesquinha a imaginação.

Começam aí os planos inclinados por onde, sob a ação das máquinas fixas, sobe e desce a vida social da S. Paulo moderna, os carros de passageiros e os vagões de mercadorias.

Ao ganhar-se o declive, ao começar-se a descida, a cena torna-se grandiosa, imponente.

De um lado, perto, ao alcance quase da mão, alturas imensuráveis, talhadas a pique, cobertas de líquens, de musgos, tapando, furtando o céu à vista; pelos grotões dêsses fraguedos rolam cascatas sussurrantes, alvas, espumosas, já esfusiando em filetes, já encanando-se em jorros, já espadanando em toalhas.

Do outro lado, ao longe, a amplidão, a serra, em tôda a sua magnitude selvática.

Às montanhas que entestam com o céu sotopõem-se montanhas que vão também assentar sôbre montanhas. Em paredões aprumados umas, arredondadas em cabeços outras, em pirâmides regularíssimas ainda outras, elas abatem, acabrunham o espírito com a enormidade de sua massa. Dir-se-ia que foi aqui a escalada dos céus pelos gigantes, que se feriu nestas paragens a pugna tremenda em que os filhos do céu sufocaram a golpes terríveis, de tôda a sorte de armas, a tiros de raios, a arremêsso de montanhas inteiras, a revolta tremenda dos filhos da terra.

Pelo sopé dessas moles imanes, corre um vale profundíssimo, a que vão ter roladores medonhos, algares vertiginosos, precipícios assassinos.

Uma vegetação abeberada de umidade, cerrada, basta, emaranhada, inextricável, cobre, afoga o dorso da serrania. Não há ver aqui os picos escalvados das cordilheiras do velho mundo: tudo está coberto por um tapete anegrado, fosco: de longe parece relva, ao perto são árvores desconformes.

Nesse verdejar sombrio a caneleira de fôlhas avermelhadas põe notas alegres, claras: o ipé florescido pica-o de amarelo cru. As palmeiras, em uma abundância monstruosa, incrível, obscena, acentuam na massa confusa o desenho saliente de suas copas estreladas.

Ao longe, na crista cerúlea, indistinta, do mais elevado contraforte, um floco longo de nebrina branqueja muito vivo, como o véu de uma *uranide* colossal, roto, esgarçado na doce violência de um debate amoroso.

Perto, a tiro de pedra, árvores esveltas ostentam, no mesmo galho, flores brancas e flores roxas, de pétalas carnudas, setinosas. A embaúva de folhagem escura e rebentos vermelhos ergue ousada o seu tronco esguio, branquicento.

Os raios do sol acendem, na fronde das árvores vizinhas, cintilações multicores, atiram sôbre as cascatas punhados de diamantes: ao longe absorvem-se, não têm reflexão.

Ao findar-se o quarto plano inclinado, primeiro a contar do alto, antolha-se o viaduto da Grota Funda, a vitória do atrevimento sôbre a enormidade, do ferro sôbre o vazio, da célula cerebral sobre a natureza bruta.

Imagine, Lenita, um algar vasto; mais do que um algar vasto, uma barroca enorme; mais do que uma barroca enorme, um abismo pavoroso, atravessado de parte a parte por uma ponte, que parece aérea, apoiada em colunas altíssimas, tão esguias, tão finas, que, vistas em distância, semelham arames.

Ao contemplar-se do meio da ponte essa vacuidade assombrosa, os ouvidos zunem, a cabeça atordoa-se, a vertigem chega, vem a nostalgia do aniquilamento, o antegôsto do *nirvana*, o delírio das alturas, e faz-se mister ao homem uma concentração suprema da vontade para fugir ao suicídio inconsciente.

À medida que se desce a natureza muda; o ar torna-se espesso, pesado, quente, carrega-se de emanações salitradas; começa de aparecer a vegetação do litoral, alastram-se pelas encostas vastíssimos bananais.

Uma prostração de rocha faz um cotovelo no plano inclinado da raiz da serra: ao dobrar-se êsse cotovelo, dá-se uma como mutação de cena em peça mágica. A paisagem abre-se, rasga-se de vez. Por entre contrafortes, por entre alturas de serrania, que se erguem de um e de outro lado, como bastidores titânicos, alonga-se a perder de vista uma planície estensa, chata, lisa, nivelada, pardacenta. De dois outeiros à direi-

ta que, simétricos, redondos, suaves, emparelhados, lembram os seios de uma virgem, parte uma linha horizontal, muito escura, muito tersa; é o mar, é o oceano, cuja vista dá nome à serra — *Paranàpiacaba*.

Um como sulco estira-se pela planície, cortando aqui e ali superfícies espelhantes de água sossegada: por êsse sulco vai e vem enorme, acaçapada, com um desconforme gliptodonte, uma coisa chata, que deslisa rápida, vomitando fumo: o sulco é a linha férrea; o gliptodonte, a locomotiva.

Em baixo, no comêço da planície, divisa-se um amontoamento de vagões que semelha um bando de hipopótamos adormecidos ao sol.

Quando o homem pára e contempla das alturas o escalejar da serrania, o vale cortado de algares, a planície, o litoral, a linha do mar a confundir-se com o céu; quando atenta nas fôrças enormes que entram em jôgo no âmago e na crosta da terra, na água que a banha, no ar que a comprime, na luz que a ilumina, na vida que a rói: quando por generalização alarga o quadro e considera o planeta inteiro; quando dêle passa para os planetas irmãos, para o sol, centro do sistema; quando conclui, por indução irrecusável, que êsse sol, êsse centro é por sua vez lua, satélite humilde de um astro monstruosamente imane, afogado na vastidão, desconhecido, incognoscível para todo o sempre; quando pensa que ainda êsse astro gravita em tôrno de um outro que gravita em tôrno de um outro; quando reflete em que tudo isso é uma cena minúscula do drama da vida universal, e que o teatro espantosamente incompreensível dessa evolução intérmina é uma nesguinha insignificante da imensidade do espaço, o homem sente-se mesquinho, sente-se pó, sente-se átomo,

e, vencido, esmagado pelo infinito, só se compraz na idéia do não ser, na idéia do aniquilamento.

. . . . . .

. . . . . .

A estrada de ferro inglêsa de Santos a Jundiaí é um monumento grandioso da indústria moderna.

De Santos a S. Paulo percorre ela uma distância de 76 quilômetros.

Tôdas as obras de arte dos terrenos planos são admiràvelmente acabadas, são perfeitas.

Até à raiz da serra a distância é de 21 quilômetros: há três pontes, uma das quais notabilíssima, sôbre um braço de mar chamado *Casqueiro*. Mede ela 152 metros, tem dez vãos iguais, assenta sôbre pegões robustíssimos.

Da raiz da serra até o rechano do alto, contam-se oito quilômetros. A altura é de 793 metros, o que dá um declive quase exato de dez por cento.

Como se galgam êsses defiladeiros, essas agruras vertiginosas?

De modo simples.

Divide-se a subida da serra em quatro planos uniformes de dois quilômetros cada um. Para a tração, empregou-se um sistema adotado em algumas minas de carvão da Ingraterra. Máquinas fixas de grande fôrça recolhem e soltam um cabo fortíssimo, feito de fios de aço retorcidos. Presos às duas pontas dêsse cabo giram dois trens: um sobe, outro desce. A agulha de um odômetro indica com exatidão matemática o lugar do plano em que se acha o trem, indica o momento de encontro de ambos êles. Um *brake* de fôrça extraordinária permite suspender-se a marcha quase instantâneamente, e um aparelho elétrico põe os trens em comunicação imediata com as respectivas máquinas

fixas. O cabo, resfriado ao sair por um filete de água, corre sôbre cilindros, sôbre roldanas que se revolvem vertiginosas, com um ruído monótono, metálico, por vêzes forte, por vêzes muito suave.

O serviço é tão regular e tão bem feito, que em grandes extensões há um único jôgo de trilhos a servir tanto para a subida como para a descida. Funciona a linha há mais de vinte e um anos e ainda não se deu um só desastre. Pasmoso, não?

Em cada uma das quatro estações de máquinas fixas há cinco geradores de vapor, três dos quais sempre em atividade. As grandes rodas estriadas que engolem e soltam o cabo, as bielas de ferro polido que as movem, os mancais de bronze, os excêntricos em que o ferro rola sôbre bronze com atrito doce, tudo está limpo, luzente, azeitado, funcionando como um organismo são. Chaminés enormes, que se enxergam de longe, feitas de cantaria lavrada em rústico, atiram aos ares bulcões de fumo, enovelados, densos.

Os desbarrancamentos são remendados a alvenaria; tôdas as águas perenes, tôdas as torrentes pluviais estão dirigidas, encanadas, por calhas de pedra, de tijolos, de juntas tomadas, por bicames de madeira. Há encanamentos subterrâneos feitos em granitos, gradeados de ferro, que fazem lembrar os calabouços dos solares feudais.

Na serra de Santos a obra do homem está de harmonia com a terra em que assenta; a pujança previdente da arte mostra-se digna da magnitude ameaçadora da natureza.

O viaduto da Grota Funda é simplesmente uma maravilha. Mede em todo o comprimento 715 pés inglêses, mais ou menos 215 metros. Tem 10 vãos de 66

pés e um de 45 entre duas cabeceiras de cantaria; assenta sôbre colunatas de ferro engradadas (*treillages*) e sôbre um pegão do lado de cima. A mais elevada colunata, contando a base, tem 185 pés, 56 a 57 metros. A inclinação é a inclinação geral, dez por cento ou pouquíssimo menos. Começou-se esta obra assombrosa em 2 de Julho de 1863; em Março de 1865 assentaram-se-lhe as primeiras peças de ferro; em 2 de Novembro do mesmo ano atravessou-a o primeiro trem, 2 de Novembro, dia de defuntos, os Inglêses não são supersticiosos.

Uma emprêsa *hors ligne*, esta companhia de estrada de ferro. O resultado foi além da mais exagerada espectativa otimista. O govêrno geral garantiu cinco por cento sôbre o capital empregado na construção, e o provincial dois. De há muito, porém, que a companhia prescindiu de garantia, e que distribui dividendos fabulosos.

Ganham, ganham muito dinheiro, ganham riquezas de Creso os inglêses, e merecem-nas. O progresso assombroso de S. Paulo, a iniciativa industrial do paulista moderno; a rêde de vias férreas que leva a vida, o comércio, a civilização a Botucatu, a S. Manuel, ao Jaú, ao Jaguera, tudo se deve à *Saint Paul Rail Road*, à Estrada de Ferro de Santos a Jundiaí.

Rule, Britannia! Hurrah for the English! já que o nosso govêrno não presta para nada.

Vai longa esta carta: preciso é pôr-lhe têrmo.

Estirei-me, porque escrevendo-lhe afigura-se-me tê-la ao meu lado, e eu desejei prolongar o mais possível a *figuração*...

Estou velho, e todo o velho é mais ou menos autoritário e pedante. Ora a Lenita pôs-se no vêzo de

condescender com o pendor da idade, escutou-me, deu-me atenção, puxou-me mesmo pela língua... Agüente-se, pois, com a *caceteação*, com a *seca* para falar clàssicamente; a culpa é sua.

Não sinto saudade da nossa convivência, de nossas palestras aí no sítio: a expressão *saudade* tem poesia de mais e realismo de menos. O que há é necessidade, é fome, é sêde da companhia de quem me compreenda, de quem me faça pensar... da sua companhia.

Imagine que eu levo todo o santo dia e parte da noite a falar só em café, mas em café sob o ponto de vista comercial, em embarques, em saques, em descontos... E ai de mim, se o não fizer: aqui quem se afasta dêste tema, quem não discute comércio de café passa por idiota.

Uma explicação necessária, antes de terminar. Fui minucioso, talvez de mais, em descrever a serra, os planos inclinados, as obras de arte da companhia inglêsa. Como diabo, fiz eu tanta observação, onde fui apanhar tantos dados? Em uma descida rápida, vertiginosa, em uma descida pelo trem? Não era possível. Uma inspiração, uma comunicação espírita? Nada disso. Confesso com modéstia que são humanos os meios de informação de que disponho: a ciência infusa foi privilégio dos apóstolos, de Santo Tomás, de Ventura de Raulica, e ainda hoje o é do abade Moigno e do imperador do Brasil. A mim me não armarão processo êsses santos personagens por empecer-lhes no direito. Nem mesmo me posso gabar de uma simples sugestão mental, de um reles ensinamento hipnótico. Pairo em regiões menos elevadas, aprendo o que sei de modo mais grosseiro. Um dia dêstes, nada tendo aqui a fazer, fui

ao alto da serra e de lá vim a pé, vendo, observando, estudando. Aí está como foi.

Fico anelando pelo dia que julgo próximo de ir dar-lhe um *hands-shake* forte, enérgico, à inglêsa.

Manuel Barbosa..."

Lenita leu a carta com impaciência: os detalhes, os dados exatos, as apreciações científicas de Barbosa sôbre Santos, sôbre a serra irritavam-na: passou por aquilo tudo ràpidamente, nervosamente, sem aprofundar, como quem percorre um catálogo. Procurava o que houvesse de íntimo sôbre a sua pessoa, qualquer coisa que revelasse, que atraiçoasse o estado afetivo do espírito de Barbosa.

Demorou-se muito na leitura dos trechos finais: teve um prazer vivíssimo, indizível ao ler que Barbosa a supunha, a figurava ao lado de si, e que se prazia nessa figuração. Repetiu as frases silabificando, quase deletreando, com o ôlho esquerdo fechado, com a atenção concentrada. Gostou imenso da maneira brusca por que terminava a carta.

O semidelíquio erótico que tivera no quarto de Barbosa fôra a confirmação de uma suspeita: reconhecera que amava a êsse homem, loucamente, perdidamente.

Ante a brutalidade do fato, ao pungir gozoso e acerbo da revelação da carne, revoltara-se com orgulho, esquivara-se em um último assomo de resistência, evitara a Barbosa na véspera da partida.

A insônia da noite, o vácuo enorme que a ausência de Barbosa lhe produzira em volta, a necessidade fatal em que se reconhecera de tê-lo junto de si para viver, desejo dêle que a mordia, o ganho de causa que

levava êsse afeto novo sôbre o amor profundo que votara ao pai, a Lopes Matoso; tudo isso a convencera de que não podia recalcitrar, de que a resistência lhe era impossível.

Com a resolução rápida dos espíritos decididos, aceitara o jugo, submetera-se à paixão, confessara-se vencida.

Era o mais difícil.

Em curvar-se, de si própria é que ela tinha vergonha, uma vez cônscia de estar curvada, pouco lhe fazia que o mundo inteiro a visse nessa posição.

Amando, mas sem estar de todo vencida, lutaria, defender-se-ia até à morte contra o que desejava, isso em uma alcova, em um recinto vedado a todos os olhos; entregue, derrotada perante o seu fôro íntimo, avaliava em nada o escândalo, desprezava a opinião, era capaz de submeter-se ao vencedor em público, no meio de uma praça, como as prostitutas de Hyde-Park.

Amava a Barbosa, confessara-o a si própria: era capaz de lho dizer a êle, era capaz de o proclamar à face do mundo.

E indignava-se, achava-o tímido, queria que êle a adivinhasse, que lhe retribuísse o amor, que sentisse por ela o que ela sentia por êle, que se confessasse por sua vez subjugado, cativo. Amar ela, Lenita, a um homem, e não ver êsse homem a seus pés rendido, aniquilado, absorvido?! Impossível.

Releu a carta, mas releu com atenção, meditadamente, estudando. As apreciações originais de Barbosa, o seu modo profundamente individual de ver as coisas, o entusiasmo comunicativo a que se entregava por vêzes, tudo isso reproduzia-o, aviventava-o no escrito, ao ponto de que a Lenita parecia-lhe tê-lo junto a si, ouvir-lhe a voz, sentir-lhe o hálito.

As teorias sôbre a formação da planície santista e sôbre o enchimento do vale do Tieté fizeram-na pensar, recordar-se. Tinha estado uma vez em S. Vicente, a banhos: conhecia Santos, conhecia a Serra. Os fatos que Barbosa consignava eram exatos, as explicações que dêles oferecia eram plausíveis.

Lenita admirava-lhe cada vez mais a flexibilidade do talento, que a tudo se abalançava, que para tudo tinha *criterium*, que de tudo decidia com justeza.

A admiração pelas faculdades intelectuais elevadíssimas de Barbosa evolvia-se mansamente, naturalmente, para uma admiração pelas suas formas, para um desejo do seu físico, que a dementava a ela, que a punha fora de si.

Compreendia então perfeitamente a história bíblica da mulher de Putifar. A vista segura que o escravo hebreu José revelara ter das coisas, a sua alta capacidade administrativa, a sua intransigência, a sua energia, a sua modéstia, prendera a atenção da formosa egípcia; mirando-lhe as formas franzinas, esveltas de efebo, deixara-se cativar e, ardente, franca, provocara-o, agarrara-o.

E Lenita entusiasmava-se por essa mulher tão estigmatizada em todos os tempos, e todavia tão adoràvelmente carnal, tão humana, tão verdadeira: compreendia-a, justificava-a, revia-se nela.

XII

O feitor preto viera dizer a Lenita que uma *fruiteira* na mata em frente, estava ajuntando muito pássaro.

A moça mandou que abrisse uma picada desde o carreadouro até à *fruiteira,* fêz limpar a sua espingardinha Galand, carregou duzentos cartuchos e, no dia seguinte, de madrugada, seguida por sua mucama, foi pôr-se à espera.

Não tinha caído muito orvalho, e grande era a cerração.

O caminho coberto por uma camada veludosa de areia fina, amarelenta, embebia-se pela neblina espêssa que afogava a terra. A selva formava um massiço negro, compacto. Uma ou outra árvore isolada no pasto transparecia por entre o nevoeiro, como um espectro gigantesco.

Sentia-se um frio sêco, picante, sadio. De repente Lenita percebeu o que quer que era, retouçando na areia levemente úmida do caminho, a vinte metros de distância.

Sustou o passo, levou a arma à cara e, rápida, quase sem pontaria, desfechou.

— Que foi que atirou, D. Lenita? perguntou a mulata.

— Vá ver, que lá está ainda bulindo, volveu a moça, e fazendo gangorrear o cano da arma, meteu-lhe novo cartucho.

Com efeito, um animal qualquer estrebuchava convulso, raspava a areia, atirava-a longe.

A rapariga aproximou-se cheia de receio, retraindo o corpo, estendendo o pescoço.

— É *candimba!* gritou jubilosa, e, baixando-se, apanhou uma soberba lebre que, ferida na cabeça, ainda não acabara de morrer.

Lenita tomou da rapariga a macia alimaria, examinou-a com volúpia orgulhosa de caçadora apaixonada e triunfante, afagou-lhe o pêlo sedoso, passou-a de encontro ao rosto; depois meteu-a em uma bolsa de malhas, entregou-a com cuidado à mulata.

Ia clareando o dia; rareava o véu de neblina. O negror indeciso da mata transmutava-se em verdura. Distinguiam-se as moitas festivas das taquaras, os penachos luzidios dos palmitos, as copas opulentas das paineiras, revestidas literalmente de um tapete côr de rosa, pela infloração precoce.

Perfumes agudos de orquídeas fragrantes, refrescados pelas brisas matutinas, deliciavam o olfato, sem irritar e sem adormentar os nervos.

Ouvia-se o gorjear dos pássaros, o zumbir dos insetos que, em hino festivo, saudavam o despontar do dia.

Lenita e a mucama penetraram na mata: aí tudo era escuro, tudo era treva. O diminuto orvalho, caído durante a noite, se condensara nas fôlhas, e pingava, batendo docemente, surdamente, na camada de fôlhas sêcas que juncava o solo.

Os pulmões hauriam à larga o oxigênio puro, expirado da vegetação ambiente.

As duas companheiras caminharam pelo largo carreadouro, até que chegaram a uma peroveira alta, de junto a qual partia a picada, entranhando-se pelo mato, à esquerda. Por aí enveredaram, seguiram, até que pararam junto de uma caneleira esguia, em frutificação temporã.

Dominava o silêncio, quebrado apenas pelo gotejar manso e raro da orvalhada tênue.

Lenita mandou que a mucama se afastasse um pouco, que se sentasse, que se encondesse junto de outra árvore qualquer. Olhou para cima.

A folhagem da caneleira recortava-se indecisa no céu ainda obscuro: de súbito acentuou-se, amarelou em partes, como se a tivesse borrifado um jato de ouro líquido: beijara-a o primeiro raio de sol do dia nascente.

Por cima já luz, vida; por baixo ainda escuridade, mistério.

Uma sombra escura cortou veloz o espaço: era um jacu guaçu. Pousou, balançando-se, em um dos galhos baixos. Ao assentar colheu vagaroso as asas que trazia pandas, librou-se ainda nelas, fechou o leque formosíssimo da longa cauda, estendeu o pescoço, espiou cauteloso à direita e à esquerda.

Após momentos de observação, trepou pelo galho, marinhou aos pulos por entre a folhagem, sumiu-se, surgiu no pino da copa, mostrando, banhada de sol, a sua barbela rubra.

Lenita, pálida de emoção, com o seio a arfar, com os nervos frouxos, sentindo dobrarem-se-lhe as pernas, olhava, contemplava extática a ave elegantíssima.

Fazendo um esfôrço de vontade, aperrou a arma, ergueu-a lentamente, molemente, pô-la em mira.

Não desfechou, não teve ânimo: retirou-a da cara, e pôs-se de novo a contemplar o *alector*.

De repente seus olhos brilharam em um como relâmpago negro, contraíram-se-lhe as feições, seus dentes brancos morderam o lábio rubro, e, fria, resoluta, ela encarou pela segunda vez a espingarda, fêz pontaria, puxou o gatilho, o tiro partiu.

O jacu, fulminado, revirou, despencou, veio bater no chão com um som baço, abafado.

Saltando como um felino, Lenita empolgou-o trêmula de ferocidade e prazer; ergueu-o à altura do rosto, soprou-lhe as penas salmilhadas do peito, queria ver-lhe os ferimentos. Com volúpia indizível sentia umedecerem-se-lhe os dedos no sangue tépido que escorria.

A arma ainda estava descarregada, quando ouviu-se um vôo forte, sacudido, estalado.

Lenita levantou o olhar.

No mesmo galho, de onde derrubara o jacu, uma pomba legítima fazia brilhar ao sol em reflexos furta-côres o seu colo gracioso.

Lenita abriu ligeiro a espingarda, carregou-a, levou-a à cara, fêz fogo, e a nova vítima caíu ferida, pererecando em desespêro, nas vascas da agonia.

A mucama, com os olhos brilhantes, com as feições expandidas pelo entusiasmo, acudiu a meter na bolsa os pássaros mortos.

— Uma pomba e um jacu, D. Lenita! exclamou cheia de júbilo.

— Silêncio!

No galho fatal um tucano acabava de pousar: virava e revirava, para um a outro lado, o seu grande bico esponjoso. Era uma maravilha o efeito de suas penas dorsais a contrastarem negras com o alaranjado sober-

bo da gorja, com o vermelho vivo do peito: ao vê-lo ostentando ao sol ardente do trópico os esplendores dos seus matizes, dir-se-ia um ente fantástico, uma flor animada, viva, que viera voando de uma região desconhecida que se fixara naquela árvore.

Um tiro certeiro de Lenita fê-lo tombar, e depois a outro, e a mais outro e a araçaris, e a pavôs, e a aves de bico redondo — uma carnificina, uma devastação.

Eram quase dez horas: o sol ia em alto, derramando torrentes de luz, enlanguecendo, a beijos de fogo, as fôlhas largas do caetê, as fôlhas cordiformes da peripa-roba. No céu muito azul esgarçavam-se nuvens muito brancas, e nesse festival de côres alegres punha uma nota negra um corvo solitário, perdido na amplidão.

Fazia calor.

— São horas, já passa até de horas de almoçar, disse Lenita. Vamo-nos embora, amanhã voltaremos.

— Que caçadão, D. Lenita. Dezenove pássaros grandes e uma lebre. Não perdeu um tiro.

— Eu nunca perco tiro, respondeu a moça com fatuidade.

— Então é como eu, disse uma voz por trás de ambas, também não perco tiro.

Era Barbosa.

A espingarda caíu das mãos de Lenita: com o coração relaxado, incapaz de injetar sangue nas artérias, descorada, quase sem ver, ela teve de encostar-se ao tronco liso da caneleira, para não tombar desamparada.

— Que é isto, minha senhora; que é isto, Lenita? acudiu Barbosa, segurando-a solícito.

— Tive um tal susto... murmurou a moça mal recobrada.

— Perdoe-me, fui imprudente. O desejo que tinha de vê-la, o prazer de causar-lhe uma surprêsa... Perdoe-me, sim?

E tomou-lhe as mãos frias que apertou nas suas.

— Perdoar-lhe? Se lhe agradeço tanto o ter-me antecipado um pouco o gôsto de vê-lo. Como pôde chegar a esta hora? O trem só passa pela estação da vila às três horas da tarde.

— É que vim a cavalo, para ganhar algumas horas. Caminhei a noite tôda. Quando cheguei a Jundiaí, ontem, já não alcancei o trem. Tinha de estar lá, à espera, até agora: não tive paciência.

— Não escreveu, não deu parte de que vinha...

— Eu não esperava terminar os negócios anteontem, como terminei. Os homens estavam teimosos, tinham-se escastelado na sua proposta. De repente, quando eu menos esperava, mudaram de acôrdo, cederam, aceitaram as minhas condições, e ficou tudo acabado.

— Satisfatòriamente?

— O mais satisfatòriamente que era possível esperar.

— Meus parabens sinceros.

— Obrigado. Mas que mortandade, que São Bartolomeu! Arrazou a passarada. Cáspite! Araçaris, tucanos, pombas, sabiacis, um jacu e um serelepe... não, não é serelepe, um *candimba*, uma lebre, e grande! Sim, senhora! É uma Diana.

E com ares de amador entusiasta examinava as peças de caça.

— Diga-me, perguntou-lhe a moça, como se chamam êstes pássaros verdes, de bico redondo?

— Chamam-se sabiacis.

— No Brasil os *psitacídios* serão representados sòmente por *arás* e *papagaios?*

— Em S. Paulo, pelos menos, são.

— Quantas espécies temos de *papagaios?*

— Ao certo, que eu saiba, seis: tuins, periquitos, cuiús, sabiacis, que são êstes, baitacas e papagaios pròpriamente ditos.

— E de *arás?*

— Quatro: tirivas, araguaris, maracanãs e araras.

— Ao todo, dez?

— Que eu conheço: no sertão pode haver mais.

— Lá ia eu com a minha *marotte* científica! basta, basta de ornitologia. Deve ter chegado cansadíssimo e morto de fome.

— Cansado, não; com algum apetite, sim.

— Pois vamos, vamos almoçar.

— Confesso que almoçarei com prazer.

E seguiram.

Era imensa a alegria de Lenita, a gratidão mesmo em que se achava para com Barbosa, por tê-la vindo surpreender na mata, por não tê-la esperado em casa. Sentia-se lisongeada em seu orgulho de mulher. E mais, Barbosa esquecera ou fingira esquecer os justos, mas injustificáveis arrufos da véspera da partida. Amava e adquirira a convicção de que era correspondida.

No percurso da picada que mundo, que infinidade de pequenos gozos! aqui um tronco podre, deitado, a transpôr; ali, um ramo espinhoso a evitar; uma ladeira íngreme, escorregadia, a subir. Barbosa, nessas dificuldades, ajudava-a, tomava-lhe a espingarda, dava-lhe a mão. Ela deixava-o fazer, aceitava-lhe o auxílio, não porque se sentisse fraca, porque precisasse, mas para dar-lhe a êle o papel de forte, de protetor. Acha-

va uma delícia inefável em ser mulher para que Barbosa fôsse homem. A voz máscula, doce, de Barbosa acariciava-lhe o ouvido, acalentava-lhe o cérebro, envolvia-a em uma como atmosfera de harmonia e amor.

Insensìvelmente, sem darem fé da distância chegaram à casa.

Esperava-os na porta o coronel.

— Com que então não foi difícil encontrar a Lenita, gritou êle. E atentando na caça: Deixa ver isso, rapariga! Ih! que razoura! No mato não ficou pássaro! Esta menina! Olhe, você devia ter nascido homem... e quem sabe se você não é mesmo homem?

Lenita corou até às orelhas.

O coronel não se deu por achado da inconveniência.

— Vamos, vamos almoçar, que Manduca deve estar a tinir: fêz a loucura de caminhar a cavalo a noite tôda. Vamos!

O almôço correu bem, mas terminou desagradàvelmente. Quando estavam tomando café com leite, terminação obrigatória do almôço rural paulista, entrou na sala uma preta velha, assustada.

— Acuda, sinhô! disse, Maria Bugra está morrendo!

— Onde está ela? que é que tem? perguntou surpreso o coronel.

— O que ela tem eu não sei. Está aí na sala de fora, eu a mandei trazer para aí.

O coronel levantou-se, saiu a ver, aflito, trôpego. Barbosa e Lenita seguiram-no.

Na sala de entrada, sôbre uma marquesa forrada de couro, encostando-se a um travesseiro de marroquim que fôra encarnado, estava uma preta fula ainda moça.

Estertorava com a face tumefata, com os tendões do pescoço retezados; os olhos protraíam-se das órbitas; as pupilas enormemente dilatadas tinham feito desaparecer os limbos do iris. Das comissuras dos lábios contraídos e deformados escorriam fios de baba, viscosos, resistentes, translúcidos.

O coronel abeirou-se da enferma, tomou-lhe o pulso.

— Veja isto, Manduca, que pensa você?

Barbosa aproximou-se por sua vez, procurou sentir o calor da preta na pele do rosto, encostando-lhe o dorso da mão, achou-a fria; tateou-lhe o pulso, encontrou-o débil, espaçadíssimo; beliscou-a, ela não pareceu dar acôrdo disso.

— Como principiou esta moléstia, perguntou êle à preta que tinha ido dar parte.

— Eh! sinhô moço! Maria estava no paiol, debulhando milho, muito sossegada. De repente entrou a queixar de ansiedade, levantou, andou vira-virando, entrou a gritar, a falar as coisas à toa. Batia com a cabeça, escumava, queria morder gente, parecia mesmo que estava louca. Depois perdeu o sentido, caiu, ficou assim como está. Eu mandei trazer para aqui, fui chamar sinhô.

— Sim! faz muito tempo?

— Não, sinhô moço, foi agora mesmo.

— Comeu ela ou bebeu alguma coisa?

— Ela almoçou, há de fazer duas horas.

— Não bebeu nada?

— Bebeu café, uma meia tijela.

— Donde veio o café?

— Veio da senzala de pai Joaquim.

— Joaquim Cambinda?

— Sim, sinhô moço.

Barbosa foi ao seu quarto e, após breve demora, voltou com um frasquinho a meio de um liquido claro como água. Pediu uma colher; trouxeram-lha. Chamou a enferma, junto do ouvido:

— Maria!

A negra não respondeu.

— Maria! repetiu êle em voz mais alta.

A preta tentou sair do estado soporoso em que se achava, procurou levantar a cabeça, não conseguiu; deixou-a recair pesadamente no travesseiro, proferindo uns sons inconexos, semi-inarticulados. De sob as suas roupas exalava-se um cheiro fétido de matérias fecais.

Barbosa, vendo que nada poderia obter, que a vontade estava ali aniquilada, passou o frasquinho ao coronel.

— Vou abrir-lhe a bôca com a colher; vossa mercê despejará dentro o conteúdo dêste vidro.

— Todo?

— Todo; é uma dose forte de emético; convém fazê-la vomitar.

Introduziu com algum custo o cabo da colher entre as arcadas dentárias da doente, e, fazendo dêle uma alavanca, descerrou-lhe os queixos.

— Agora, meu pai!

O coronel vazou dentro da bôca, entreaberta à fôrça, o líquido todo do vidrinho.

— Engula! gritou Barbosa.

A negra fêz um esfôrço, deu um safanão violento, a colher saltou longe, e o líquido, revessado, caiu sôbre a marquesa, correu para o soalho. A deglutição era impossível.

— Não será bom mandar chamar o doutor Guimarães?

— Inútil, meu pai; nada há a fazer neste caso.

— Assim mesmo...

— O dr. Guimarães só poderia estar aqui à noite, e dentro de uma hora a preta já terá morrido.

— Manduca, olhe...

— Sei o que isto é, meu pai; não há mesmo nada a fazer.

O coronel voltou triste para a sala de jantar; Lenita e Barbosa voltaram com êle.

Sentaram-se junto de uma janela, abatidos: a moléstia da preta lançara-os em um desânimo profundo, em uma apreensão de vagas ameaças de perigos desconhecidos.

Entreolhavam-se, não ousando arriscar um dito, uma palavra.

E todavia essa reserva pesava-lhes, era-lhes incomportável o silêncio.

Quebrou-o Barbosa.

— Meu pai, a Maria Bugra morre, e sabe vossa mercê de que morre ela?

— Tenho mêdo de o saber.

— Vejo que me compreendeu. Morre do que têm morrido vários escravos aqui na fazenda, morre envenenada.

— É bem possível.

— Não é possível, é certo. Lembra-se da morte do Carlos, da do Chico carreiro, da do Antônio mulato, da Maria Baiana?

— Perfeitamente!

— Não apresentaram êles os mesmos sintomas que apresentou e está apresentando agora a Maria Bugra?

— Homem, com efeito! Apresentaram.

— Excitação violenta mas passageira, delírio, depois paralisia quase completa, face túmida, conjuntivas injetadas, olhos saltados, dilatação de pupilas, deglutição impossível, queda de pulso, esfriamento geral, incontinência de urinas e de fezes?

— Exato.

— Pois tudo isso, estou convencido, é conseqüência da ingestão de um veneno terrível, e infelizmente muito comum entre nós, a atropina.

— Muito comum entre nós, a atropina?!

— Sim, senhor.

— Pois a atropina não se tira da beladona?

— *Também* se tira da beladona.

— E onde encontrar a beladona? No Brasil só pode haver beladona em algum horto botânico.

— Meu pai não conhece aquilo que ali está? E Barbosa apontou para um vasto trato de terreno, coberto de plantas baixas, escuras, de fôlhas repicadas, de flores brancas, em forma de trombeta.

— Conheço, respondeu o coronel, é figueira do inferno, mamoninho bravo, um veneno terrível, dizem. Mas você falou em atropina.

— Cientìficamente a figueira do inferno chama-se *datura stramonium*: extrai-se dela um alcalóide venenosíssimo, a que se chama *daturina*: Ladenburg, porém, e Schmidt verificaram, nestes últimos tempos, que a daturina é pura e simplesmente a atropina, a *mesma* letal atropina que se obtém da beladona.

— E a sua convicção é...

— Que Maria Bugra morre envenenada por uma decocção fortíssima de sementes de datura, e, conseguintemente, por atropina.

— E tem suspeita de quem tenha sido o propinador do veneno?

— Não tenho suspeita, tenho certeza.

— Quem pensa que foi?

— Joaquim Cambinda.

A esta acusação precisa, formal, convicta, o coronel baixou a cabeça. Pensava. Barbosa tinha razão. Perdera a fazenda vários escravos mortos todos de uma moléstia esquisita, que apresentava invariàvelmente o mesmo cortejo de sintomas. E isso começara depois de que viera Joaquim Cambinda. Êsse preto, tinha-o êle recebido com outros em herança de uma tia, já velho, incapaz de trabalhar. Nunca exigira dêle serviço; dera-lhe até para morar, a pedido seu, um paiol largado, independente, no fundo do terreiro. Tempos havia, morrera na fazenda um feitor branco: a viúva, lembrava-lhe bem, tinha feito um berreiro enorme, infernal, dissera que o marido sucumbira a *coisa feita,* acusara terminantemente a Joaquim Cambinda. Não dera êle, coronel, importância à acusação, e essa acusação ressurgia, feita agora por seu filho, homem inteligente, ilustrado, muito sisudo.

— Em que se estriba você para inculpar o negro velho? perguntou após minutos de meditação.

— Em muita coisa. Primeiro, os fatos, os envenenamentos indiscutíveis, e que só começaram de dez anos a esta parte, depois que Joaquim Cambinda veio para a fazenda: eu cá não estava, mas por informações acho-me ao corrente de tudo. Em segundo lugar, a fama de *mestre feiticeiro,* que tem êle em todo o município: várias pessoas de critério têm-me interrogado a êsse respeito. Depois, surpreendi-o eu mesmo, outro dia, a secar cabeças de cobra, raízes de cicuta e de guiné, sementes de datura. E mais... êle tinha seus agravos de Maria Bugra...

E Barbosa acentuou estas palavras, olhando para Lenita.

— É verdade, sei, até já tive de tomar providências por causa disso. Mas, são presunções apenas...

— Que, reunidas, fazem convicção.

— Precisamos de tirar isto a limpo.

— É o meu modo de entender: não podemos deixar correr à revelia uma coisa de tanta gravidade.

Realizaram-se as previsões de Barbosa: o estado soporoso de Maria Bugra passou para coma, e o coma para morte.

À tarde, ao escurecer, depois da revista, o coronel mandou chamar Joaquim Cambinda.

O medonho negro veio arrastando os pés, escorando-se em um bordão, a rojar pelo solo a imunda coberta parda, de que sempre usava.

Chegou, entrou na ante-sala, largou o bordão a um canto.

O cadáver de Maria Bugra aí estava, sôbre a marquesa, no meio da quadra, inteiriçado, coberto por um lençol fino que lhe desenhava as formas duras, angulosas. Quatro velas de cêra alumiavam-no lùgubremente, casando os seus clarões aos últimos clarões do dia.

Por entre o cheiro acre de vinagre ferrado e o cheiro enjoativo da alfazema queimada, percebia-se um cheiro fétido, um fartum de carne podre, de decomposição cadavérica.

Joaquim Cambinda entrou, olhou com indiferença para a defunta, dirigiu-se ao coronel que, junto com Barbosa, aí o esperava.

— Vá sãos cristo, sinhô. Sinhô mandou chamar negro velho, negro velho está aqui, disse na sua algaravia bárbara, horripilante, impossível de reproduzir.

— Sabe quem está ali morta, Joaquim?

— Sei, é Maria Bugra.

— De que morreu, não sabe?

— De suas moléstias dela.

— Que moléstias?

— Eu não sei, eu não sou doutor.

— Então você não sabe, não é doutor? Não sabe também de que morreu a Maria Baiana, o Antônio Mulato, o Carlos, o Chico Carreiro?

— Como quer sinhô que eu saiba?

— Se você não confessar tudo o que tem feito, aqui, direitinho mando-o acabar a bacalhau, sô feiticeiro do diabo!

— Ah! Sinhô! Feiticeiro, negro velho, que não tarda a ir dar contas a Deus do feijão que êle comeu!

— Deixe-se de histórias, de mamparras, vamos! Com que matou você a Maria Bugra?

— Não matei com coisa alguma, sinhô. Como hei de eu confessar uma coisa que eu não fiz?

— Se fêz ou se não fêz é o que vamos já saber. Pedro, João, venham cá, agarrem-me este patife.

À porta a negrada acotovelava-se curiosa estendendo uns o pescoço por sôbre os ombros dos outros.

Os dois pretos chamados abriram caminho, empurrando os companheiros, entraram na ante-sala.

— Segurem-me êste tratante, conduzam-no à casa do tronco. Eu já lá vou. Levem o bacalhau e uma salmoura forte.

— Que é que sinhô vai fazer comigo? inquiriu rápido Joaquim Cambinda.

— Você vai ver.

— Sinhô, Joaquim Cambinda nunca apanhou de bacalhau...

— Vai apanhar agora; será então a primeira vez.

Operou-se uma revolução medonha em Joaquim Cambinda. Atirou êle para longe de si a coberta esfarrapada, endireitou o busto derreado, ergueu a cabeça, cerrou os punhos e encarou o coronel. Cintilavam-lhe os olhos, os beiços arregaçados deixavam ver os dentes.

— Ah! você quer saber, eu digo: fui eu mesmo que matei Maria Bugra.

— E por que a matou você?

— Porque ela comia o meu dinheiro, e me enganava com a crioulada nova.

— E os outros, o Carlos, a Maria Baiana, o Chico Carreiro, Antônio Mulato?

— Fui eu mesmo que matei a todos.

— E por que?

— Maria Baiana pelo mesmo motivo que me fêz matar Maria Bugra. Os outros para fazer mal a sinhô.

— Para me fazer mal? Por que? Pois você não é o mesmo que fôrro. Exijo eu algum serviço de você? Não lhe dou moradia, roupa, comida? Por que me quer mal?

— Já que principiei a falar, irei até o fim. Sinhô é bom para mim, é verdade, mas sinhô é branco, e obrigação de preto é fazer mal a branco sempre que pode.

— Matar-me cinco escravos!

— Cinco! Só crioulinhos mandei eu embora dezessete. Negro grande, nem se fala: Manuel Pedreiro, Tomaz, Simeão, Liberato, Gervásio, Chico carapina, José grande, José pequeno, Quitéria, Jacinta, Margarida, de que é que morreram? Fui eu que matei todos.

Ergueu-se grande sussurro de entre o grupo de negros. Ouviam-se gritos, imprecações.

— Agora também você está mentindo: José pequeno morreu picado de cobra.

— Qual cobra! A cobra que o picou não tinha veneno. E êle morreu, mas da beberagem que eu lhe dei para curar.

— Mas todos êsses pobres diabos eram pretos como você: para que os matou?

— Para sinhô ficar pobre: eu queria ver sinhô se servir por suas mãos.

— E a mim nunca pretendeu você matar?

— Matar, não: fazer penar só.

— Então sempre me queria fazer alguma coisa?

— Queria fazer! eu fiz mesmo.

— Fêz? Que é que me fêz você?

— Êsse seu reumatismo, sinhô, então que é? Entrevamento de sinhá velha donde vem?

E o negro deu uma gargalhada feroz.

O coronel ficou aterrado.

— Levem, levem daqui esta serpente! gritou Barbosa. Metam-no no tronco, não quero mais vê-lo. Vai para a vila amanhã.

Os negros apoderaram-se de Joaquim Cambinda, que não ofereceu resistência, rodearam-no, levaram-no a empurrões para o meio do terreiro!

— Então foi você que matou meu pai! dizia um.

— Minha mãe! bradava outro.

— Meus três filhinhos tão bonitos, que entraram a inchar de repente, na cabeça e na barriga, a amarelar e que morreram com as perninhas finas como pernas de rã! lamuriou uma negra e, tomando do chão um caco de telha, bateu com êle na cara do feiticeiro.

Foi como que um sinal.

Os negros todos achegaram-se a Joaquim Cambinda, uns davam-lhe punhadas, outros escarravam-lhe, outros atiravam-lhe areia nos olhos.

— Peste do diabo! Coisa ruim!

— Feiticeiro do inferno!

— Enforque-se já êste demônio!

— O melhor é queimar!

— Que se queime! que se queime!

E numa confusão horrorosa foram arrastando o desgraçado.

Ao pé do paiol estava um montão de sapé sêco, e junto dêle uma mesa velha de carro, com uma roda só, desconjuntada, meio podre.

Em um momento amarraram o mísero sôbre essa mesa de carro, apesar da resistência louca que êle então procurou fazer, a ponta-pés, a couces, a dentadas.

Trouxeram sapé, aos feixes, encheram com êle o vão que ficava por baixo da mesa.

— Querosene! gritou uma voz, tragam querosene!

Um moleque correu ao engenho, e de lá voltou com uma lata quase cheia.

Um preto tomou-lha, subiu à mesa do carro, começou a despejar petróleo sôbre Joaquim Cambinda: o líquido corria em fio farto, claro, transparente, com reflexos azulados, ressaltava do peito piloso do negro, da sua calva lustrosa, embebia-se-lhe nas roupas imundas, misturado, confundido, com o suor que manava em camarinhas. Os olhos do miserável revolviam-se sangrentos, seus dentes rangiam, êle bufava.

Fósforos! fósforos! quem tem fósforos? perguntou o preto, depois que esvaziou a lata, e que fêz desaparecer Joaquim Cambinda sob um montão de sapé.

— Eu! acudiu a negra que dera princípio ao motim, e estendeu-lhe uma caixa de fósforos.

O preto saltou abaixo, tomou-a, abaixou-se, riscou um fósforo, protegeu-lhe a chama com a mão em forma de concha, encostou-o ao sapé, junto do chão.

Ergueu-se uma fumarada espêssa, azul claro por cima, côr de ferrugem por baixo; a chama cintilou em compridas línguas gulosas, lambeu, rodeou a mesa de carro, chegou ao sapé de cima e ao corpo do negro. As roupas dêste, embebidas em petróleo, fizeram uma como explosão, inflamaram-se repentinamente. Êle soltou um mugido rouco, sufocado, retorceu-se frenético...

Tudo desapareceu num turbilhão crepitante de fogo e de fumo.

As faúlas voavam longe, e o vento carregava a distâncias enormes as moinhas carbonizadas.

Sentia-se um cheiro acre, nauseabundo de chamusco, de gorduras fritas, de carnes sapecadas.

XIII

Até 1887 vivia-se em pleno feudalismo no interior da província de S. Paulo.

A *fazenda* paulista em nada desmerecia do solar com jurisdição da idade média. O fazendeiro tinha nela *cárcere privado*, gozava de *alçada efetiva*, era realmente *senhor de baraço e cutelo*. Para reger os *súditos*, guiava-se por um código único — a sua vontade soberana. De fato estava fora do alcance da justiça: a lei escrita não o atingia.

Contava em tudo e por tudo com a aquiescência nunca desmentida da autoridade, e, quando, exemplo raro, comparecia à barra de um tribunal por abuso enorme e escandalosíssimo de poder, esperava-o infalìvelmente a absolvição.

O seu predomínio era tal que às vêzes mandava assassinar pessoas livres na cidade, desrespeitava os depositários de poderes constitucionais, esbofeteava-os em pleno exercício de funções, e ainda... era absolvido.

Para manter o fazendeiro na posse de privilégios consuetudinários, estabeleciam-se praxes forenses, imorais e antijurídicas. Em Campinas, por exemplo, todo o crime cometido por escravos, fôssem quais fôssem as circunstâncias, era sistemàticamente desclassificado; a

condenação, quando se fazia, fazia-se no grau mínimo; a pena era comutada em açoites, e o réu entregue ao senhor, que exercia então sôbre êle sua vindita particular.

O sucesso pavoroso, o linchamento atroz do feiticeiro pelos escravos da fazenda, não transpirou e, se transpirou, se alguma coisa chegou aos ouvidos das autoridades da vila, elas não se moveram.

O coronel, homem bom, compassivo, horrorizara-se a princípio com o fato que não pudera impedir; afinal entendera que o que não tem remédio está remediado, achara até que o exemplo não havia de fazer mal. Barbosa, conquanto tivesse passado boa parte de sua vida na *filantrópica* Albião, era filho de fazendeiro, como tal tinha sido criado: não estranhara, pois, o sucesso, gostara até da solução que êle troxera a um caso complicado e gravíssimo.

A atmosfera de tristeza, de desalento, que um sucesso trágico gera sempre, foi-se pouco a pouco dissipando.

O viver da fazenda entrou logo em seus eixos: dir-se-ia até que havia melhoramento, que se estava mais à vontade. Joaquim Cambinda inspirava mêdo, ninguém se atrevia a proferir uma palavra contra êle, e, todavia, exceto um pequeno número de adeptos de suas práticas, todos o odiavam. A sua morte, como a de todo tirano, fôra um motivo de júbilo geral, alargara todos os pulmões que bebiam ar então a haustos largos. Desaparecera o perigo invisível e temeroso que a todo o instante a todos ameaçava.

A *fruiteira* continuava a ser muitíssimo freqüentada por pássaros de espécies várias, por serelepes e até por ouriços caixeiros.

Lenita ia por diante com as suas *razzias* matinais. Acompanhava-a então Barbosa que lhe deixava todo o prazer das caçadas, reservando-se o trabalho. Era êle quem ia buscar as aves mortas, quem perseguia e apanhava as que caíam ainda vivas. Tendo achado um carreiro batido de caça, a alguma distância da caneleira, escolheu um lugar que lhe pareceu apropriado, limpou-o em bom espaço, deitou milho, fêz uma ceva. Ao terceiro dia notou com prazer indizível que a caça acudia, que o milho estava comido. Em pouco tempo teve de renová-lo: tinha acabado. Entendeu que era tempo de construir um reparo. Fê-lo quadrangular, grande bastante para duas pessoas. Tapou-o em roda com palmas de guarirova, arranjou dentro um assento de varas, sólido, relativamente cômodo. Cravou no chão forquilhas para encostar as espingardas, dispôs olheiros por onde se pudesse espreitar a caça. Antegostava a surprêsa agradabilíssima que ia causar a Lenita, o arrebatamento, o êxtase em que ficaria ela, ao defrontar pela vez primeira com caça de importância, com caça de grande pêlo.

Deixou passar alguns dias para que a caça se familiarizasse com a choca, e, quando entendeu ser tempo azado, mandou acordar a Lenita bem de madrugada, muito antes da hora do costume. Saíram. Para atravessar o carreadouro e a picada, Barbosa teve de ir riscando fósforos; estava escuro como breu. Ao chegarem junto da caneleira ainda tudo era trevas. A copa das árvores formava uma pasta compacta, negra, indistinta do negror do céu. Lenita tinha sono, bocejava. A mucama encolhia-se tôda, aconchegando-se no chale.

— Parece que perdemos hoje a hora, que viemos cedo demais, disse Lenita.

— Viemos a hora precisa, respondeu Barbosa.

— Os pássaros não começarão a vir nem nesta uma hora.

— Que venham quando quiserem: nós hoje não estamos cá por amor de pássaros.

— Então por amor de que estamos?

— Vai ver. Marciana, você fica aqui. Sente-se, não faça a mínima bulha. Agora, D. Lenita venha comigo.

— Onde vamos nós?

— Vai ver, tenha paciência.

A moça, intrigada ao último ponto, deixou-se guiar silenciosa, dócil. Barbosa ia adiante, mostrando o caminho: ora dava-lhe a mão, ora afastava um ramo, para que lhe não batesse no rosto. Chegaram à ceva.

— Entre, Lenita, disse Barbosa, colocando-se ao lado da porta do reparo, com modo tão cortez, como se a estivera convidando para chegar ao *buffet* em um salão de *cotillon* cerimonioso, aristocrático.

Lenita entrou confiadamente, resolutamente, naquele antro lôbrego, onde nada se podia divulgar.

Barbosa entrou também, riscou um fósforo, mostrou o banco a Lenita, fê-la sentar, dispôs-lhe a espingarda sôbre a forquilha, assestou-lha sôbre a ceva, sentou-se ao lado da moça.

— Mas isto que vem a ser, afinal de contas?

— É uma ceva. Agora silêncio, e esperemos.

No recinto, fechado pelo tapume espêsso de palmas ainda verdes, havia um conchego relativo. Lenita com as mãos agasalhadas em luvas da lã, envôlta em um *water-proff* de casimira encorpada, sentindo o calor doce de Barbosa, achava-se bem. Hauria o ar puro, fresco, da mata, respirava as emanações de guarirova, essas emanações irritantes de palmeira, que adormen-

tam o cérebro em uma como lubricidade mística. Ouvia com delícias o pingar manso e monótono de orvalho na camada de fôlhas sêcas. E despercebidamente o tempo ia passando. Amanheceu. A luz penetrou na mata, deu tom aos troncos, coloriu a folhagem, alumiou o chão pardacento e varrido da ceva, em o qual o amarelo do monte de milho punha uma nota muito clara.

De repente Barbosa deu com o joelho em Lenita.

Um animal pequeno, esguio, elegante, emergia do mato, e avançava cauteloso, alongando o corpo fino. Chegou ao milho, retraiu-se, encolheu-se, fugiu aos corcovos, sumiu-se, reapareceu e, sempre arisco, sempre desconfiado, principiou a comer. Pouco a pouco perdeu o receio, ergueu as patas dianteiras, sentou-se sôbre as traseiras, e, tomando uma espiga entre as mãozinhas, começou a roê-la com apetite, vorazmente.

Lenita com o coração a bater descompassado, descorada, quase sem conciência, por um como instinto venatório, aperrou a arma, fêz pontaria, desfechou.

O tiro restrugiu pela mata, repercutiu com um baque sêco nas quebradas distantes.

A clareira encheu-se de fumo.

A moça e Barbosa saíram correndo, a ver o resultado do tiro.

Junto do milho, com o pêlo arrufado, percorrido a espaços por uma crispação fraca, estava o animal, atravessado de banda a banda pela chumbada mortífera.

Era uma cotia.

Ao vê-la ferida, prostrada, a exalar o derradeiro débil alento, o prazer de Lenita foi tão intenso, que dobraram-se-lhe as pernas, e ela caíu de joelhos, erguendo para Barbosa um olhar repassado de gratidão.

Levantou-se, largou a espingarda, tomou o animal, sopesou-o com ambas as mãos, a tremer, dementada pelo triunfo, em arrancos de risos nervosos.

— Agora é irmos para a choca, que não tarda a vir mais caça, disse Barbosa e, raspando terra com os pés, cobriu o sangue e o pêlo que havia no chão; depois ergueu a espingarda de Lenita, apresentou-lha e pediu-lhe a cotia para levar.

— Leve-me a espingarda, eu quero levar a cotia, respondeu a moça.

Instalaram-se de novo na choça. Lenita carregou a espingarda, sentou-se, pôs a cotia diante de si, apoiou as pontas dos pés no seu corpo macio, cravou na ceva olhares vigilantes, cubiçosos, sôfregos.

Não esperou muito. Ouviu-se um estalar de ramos quebrados, e, um logo após outro, apresentaram-se dois vultos escuros, grandes, dois enormes porcos de queixo branco. Entraram no limpo da ceva confiados, lentos, majestosos, caminharam direito ao milho, trombejando, foçando, fazendo estalar os dentes. Pararam, puseram-se a comer tranqüilamente, descuidosamente.

Lenita engatilhou a espingarda, quis metê-la em pontaria. Barbosa impediu-a com um gesto enérgico.

— Não se mova, segredou-lhe ràpidamente, ao ouvido. Estamos em perigo sério.

— Em perigo?

Os dois porcos continuavam a trincar, a esmoer o milho, sem suspeitar da vizinhança de gente.

Passaram-se dez minutos, dez séculos de ansiedade para Lenita.

Barbosa lento, cauteloso, sem fazer o mínimo rumor, como uma sombra, tirou a espingarda de Lenita, e pôs em lugar a sua, uma arma excelente de Pieper, canos *choke-rifled*, calibre 12.

— Atire com esta, disse em voz tão baixa que mal Lenita o pôde ouvir, não tenha receio, não dá coice.

Lenita armou os dois cães, premendo os gatilhos para que não estalassem os gafanhotos nos dentes das nozes, levou a arma à cara e quase sem apontar, disparou um tiro e outro imediatemente.

Os estampidos das cargas fortíssimas ribombaram pela mata de modo pavoroso: a fumaça enevoou a ceva, tapou tudo; sentia-se o cheiro forte, bom, de sulfureto de potássio, de pólvora queimada.

Lenita impaciente, incapaz de conter-se, quis sair. Barbosa a reteve.

— Cuidado! disse, esperemos que se dissipe a fumaça. O caso é sério. São queixadas.

— Então foi a queixadas que eu atirei?

— Foi, e felizmente não há bando, são só dois.

— Se houvesse bando?

— Estaríamos perdidos.

— São assim perigosos?

— Em bando, no mato, piores do que onça. Por amor das dúvidas, dê-me a espingarda, quero carregá-la.

Demoradamente foi-se dissipando o fumo. Barbosa e Lenita saíram. Junto do milho o chão estava escarvado, via-se muito sangue. De dentro do mato, de pequena distância, vinha um como grunhido, um ronco lastimado.

Barbosa ordenou a Lenita que se deixasse ficar e, com a espingarda armada, pronto a dar fogo, entranhou-se no mato, do lado donde vinham os grunhidos. Não teve que andar muito: a pouco espaço, perto um do outro, jaziam os dois porcos, alcançados ambos pelos tiros certeiros de Lenita. Um estava morto, o outro estertorava enfraquecido nos arrancos da agonia.

— *Albo notanda dies lapillo!* Venha Lenita, venha ver o que fêz! gritou Barbosa.

Lenita, apressada, correu sem se importar com os ramos que lhe açoitavam, que lhe arranhavam o rosto, sem dar fé dos espinhos que lhe rasgavam a roupa. Chegou-se: ao dar com as suas vítimas, perdeu de todo a cabeça, teve uma como vertigem, soltou um grande grito, atirou-se a Barbosa, abraçou-o frenèticamente. Depois caíu em si, retraíu-se confusa, desapontadíssima, correu a examinar os queixadas.

Baixou-se junto do que estava morto, examinou-lhe detidamente, minuciosamente: os cascos aguçados, as cerdas duras, longas, as orelhas tesas, a tromba lisa, os olhos pequeninos, sangüíneos, os colmilhos oblíquos, o queixo branco. Tirou as luvas, premiu-lhe, esvurmou-lhe a glândula tumefata das cadeiras, fêz correr o líquido lácteo, catinguento.

— Foi feliz, disse Barbosa, risonho. Fêz uma proeza de que se não podem gabar muitos caçadores velhos.

— E ao senhor o devo! Obrigada!

Havia tanta doçura, tanto sentimento no modo por que Lenita disse essa frase, que Barbosa sentiu um calefrio percorrer-lhe o dorso. Foi-lhe precisa uma violência enorme sôbre si próprio, para conter-se, para impedir-se de atirar-se à moça, de cobri-la de beijos.

— Então, perguntou êle, voltamos ao reparo, a esperar mais caça?

— Não, respondeu Lenita, queixadas com certeza não vêm mais, e seria profanar o dia e a espingarda atirar a caça inferior. Como havemos de levar êstes monstros?

— Eu mando um preto buscá-los com um cargueiro.

— A cotia ao menos eu quero levar.

— Pois levaremos a cotia.

— Aquêle porco menor não quer morrer. Vamos nós dar-lhe mais um tiro?

— Não vale a pena, êle morre logo. Está muito mal ferido.

— Mas são mesmo queixadas?

— E dos maiores.

— Boa carne?

— Excelente, melhor ainda que a do tateto.

— Em que se diferença o queixada do tateto?

— O queixada, *dycotylus torquatus*, vive só na mata virgem, é maior e muito mais feroz do que o tateto, *dycotylus labiatus*, que é pequeno, medroso e que vive às vêzes na capoeira. A nota, porém, característica que os distingue é ter o queixada o queixo branco, como está vendo.

— E é daí que lhe vem o nome?

— Exatamente. Então, vamos?

— Com franqueza, estou sem ânimo de separar-me das minhas soberbas vítimas. Mas vamos.

E foram.

A ceva ficou deserta por muito tempo. De súbito, pequenino, atrevido mesmo pela sua insignificância, surdiu um rato, chegou-se sem cerimônias, entrou a roer o milho, o germe sòmente, o coração. Depois veio outro, e outro, um bando. O sol, coando um raio por entre a folhagem, ateava no monte de milho sôlto e de espigas descascadas um incêndio de reflexos côr de ouro.

Rojando em ondulações por entre as plantas rasteiras da mata, entreparando num lugar, escutando em outro, veio avançando para a ceva uma cobra de grande talhe. Tinha o dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros, quase negros. A cabeça era chata,

o focinho tronco, como que aparado, com duas fossazinhas tapadas, duas ventas falsas. De cada ôlho partia um traço escuro que ia fenecer no pescoço. A cauda terminava em um como rosário curto, de contas córneas, ôcas, achatadas, que, ao rastejar do animal deixavam escapar um ruído leve, quase imperceptível, de pergaminho fuchicado.

Chegou, viu os ratos, parou, foi-se torcendo em espiral, formou um rôlo, donde emergia, atenta, vigilante, a pavorosa cabeça. O olhar negro, luzente, gélido, tinha uma fixidez fascinadora. A língua lúrida, comprida, fina, bífida, açoitava o ar em rápidas lambidelas. Um dos roedores percebeu o réptil, fitou-o aterrado, encolheu-se, enovelou-se, arrepiou o pêlo, começou a chiar lastimosamente, miseràvelmente. Os outros desapareceram.

Continuava a fascinação.

O desgraçado rato tremia. Começou de mover-se às guinadas, dando saltos irregulares, atáxicos. Não fugia, avançava para a cobra. Chegou-se-lhe muito perto. O rôlo hediondo distendeu-se rápido, como uma mola de relógio, que se escapa do tambor, deu um bote. O animalzinho, ferido pelo dente fulmíneo, virou de costas. Dentro de um minuto estava morto.

A cobra desenrolou-se então de uma vez, estendeu-se ao comprido, abriu, escancarou uma bôca enorme, começou a deglutir a preia, desarticulando as mandíbulas para dar passagem ao corpo relativamente volumoso...

Depois, saciada, farta, com o repasto a formar um bôlo visível exteriormente no abdome dilatado, foi deslizando, lenta, preguiçosa, em busca de um abrigo, até que chegou ao reparo, entrou, enrodilhou-se em

baixo do banco de varas, e aí começou o sono comatoso da digestão equídnica.

Lenita passou o dia contentíssima, a lembrar-se a todo o momento da sua brilhante façanha venatória. Fechava os olhos, via as cevas, os queixadas. Estava satisfeita consigo, estava orgulhosa.

O jantar foi alegre.

Louro, coberto de rodelas de limão, apetitoso, tentador, figurou nêle o lombo de um dos queixadas. A peça, nobre, a cabeça, *la hure*, desossada magistralmente por Barbosa, que, como o velho Dumas, era perito em culinária, campeou em um prato travessa, imponente, majestática, fragrante, cativadora.

— Hoje morro de indigestão, e é você quem me mata, Lenita, dizia o coronel, repetindo pedaço sôbre pedaço. Há que anos que me não encontro com porco do mato! Esta cabeça está divina; como ela... só o lombo!

Logo depois do café, ela, Barbosa e a mucama seguiram para a ceva.

Muito embora seja quente o dia, na mata há sempre frescor. A luz não era crua, mordente, como em uma campina raza; esbate-se, quebra-se, dá aos contornos dos objetos um aveludado mole, uma languidez suavíssima. Os sons se abrandam, tomam um como timbre murmuroso. Na mata domina a tôdas as horas o que quer que é de vago mistério.

Lenita nessa atmosfera balsâmica, sadia, achava-se feliz. Ao bem estar gozoso, indefinível, que gera a boa digestão de um repasto suculento, juntavam-se alegrias de mente, a consciência de que seu amor por Barbosa era correspondido, o triunfo esplêndido, inesperado, incrível sôbre duas temerosas feras. Fôra por traição que as matara, a tiro, escondida... embora! Na

luta terrível da vida tôda a arma aproveita. A astúcia é uma força. A espingarda de bala explosiva é que equipara o homem ao rinoceronte: para mostrar coragem irá o homem atacar o rinoceronte sem espingarda de bala explosiva? As alimarias da selva não se deixam aproximar, fogem mal farejam a vizinhança do homem; o homem só consegue tê-las em alcance, escondendo-se, dissimulando-se: pois, para ser leal, irá o homem avisá-las a gritos de que se acha presente? A fôrça é uma contração da fibra muscular, o pensamento é uma irritação da célula nervosa: porque não empregar uma contra a outra? Na batalha da existência, seja qual fôr a arma a empregar, o que importa é não ficar vencido: o vencedor tem sempre razão. Os queixadas tinham morrido. Lenita estava triunfante: o cérebro vencera o músculo mais uma vez. O fato era êsse, o mais não entrava em linha de conta.

Barbosa quedou-se ao pé da caneleira, a estudar umas epifitas que descobrira sôbre um tronco carcomido.

— Então não vem? perguntou-lhe Lenita.

— Já não. Leve consigo a Marciana, que pode ajudá-la no que fôr preciso. Perigo não existe mais: queixadas só havia aquêles, desguaritados de uma vara que por aqui estanceou, há meses. O administrador conhecia-os, já os tinha visto quando andou a tirar madeiras.

— Então até logo.

— Até já, eu não me demoro.

Lenita seguiu com Marciana por um pouco; mandou que ela se quedasse ali, junto de uma árvore, ao alcance da voz, às ordens; chegou-se à ceva, espiando de longe, cautelosa. A ceva estava deserta.

Entrou no reparo, sentou-se, dispôs a espingarda, começou a esperar.

Um bando de urus vinha-se aproximando; por duas vêzes ouviu ela perto o seu harpejo aflautado, sonoro, intercadente. Mostraram-se, invadiram a ceva. Eram doze. Uns deitaram-se, desidiosos, dispépticos, arrufando as penas, espojando-se; outros entraram a comer gulosamente, sôfregamente.

Lenita fêz um movimento para erguer-se, e pisou em uma coisa mole, que achatou sob a pressão do seu pé. Ao mesmo tempo quase, uma como chicotada surrou-lhe as pernas, e ela sentiu no peito do pé esquerdo um ligeiro prurido, um pequeno ardor.

Fêz-se um reboliço nas palmas do tapume, ao rêz do chão, e ouviu-se o chocalhar áspero, nervoso, irritante, como de uma vagem sêca de fava, em vibração frenética.

A um canto do reparo, armada, pronta para novo bote, estava a cascavel. Os olhos pequeninos, fixos, luzentes como diamantes negros, pareciam despedir relâmpagos gelados. O extremo da cauda, erguido verticalmente, tremia como o badalo de uma campainha elétrica, como um jato de vapor a escapar-se de um conduto estreito.

Lenita sentia-se ferida, conheceu o perigo em que estava. De um salto saiu do reparo, atirou-se para o limpo da ceva.

Os urus fizeram uma revoada temerosa, fugiram em tôdas as direções.

Com admirável presença de espírito, Lenita sentou-se no chão, descobriu a perna, tirou o sapato e a meia.

Na pele alvíssima do peito do pé viam-se dois arranhões paralelos, pequenos, de pouco mais de um centímetro de comprimento.

Lenita espremeu-os, limpou-os de uma como serosidade amarela que continham, tirou a fita que prendia a trança, amarrou a perna, acima do tornozelo, apertou muito a atadura.

Depois gritou pela rapariga, mandou que chamasse Barbosa a tôda pressa.

Barbosa não se demorou.

Ao dar com Lenita, pálida, sentada no chão da ceva, sem espingarda, com um pé descalço, ficou pasmado, não sabendo o que pensar.

— Que tem, Lenita, que lhe aconteceu, perguntou, acercando-se, ansiado.

— Estou picada de cobra.

— Não me diga isso, não brinque assim.

— É sério.

— Onde é que está picada?

— Aqui no pé, veja.

— Sabe que cobra foi?

— Cascavel.

Barbosa empalideceu; por um momento ficou como atordoado. Dominou-se, porém, logo ajoelhou-se, tomou o pé de Lenita entre as mãos, examinou detidamente.

— Não há de ser nada, disse. Nenhuma veia importante foi tocada. A precaução que tomou de atar a perna com esta fita foi excelente. Agora, nada de acanhamento, entregue-se a mim, deixe-me fazer o que entendo.

Tirou do bolso um charuto, trincou-o nos dentes, mascou-o, encheu a bôca de tabaco dissolvido em saliva, tomou de novo o pé de Lenita, com respeito, com adoração quase, chegou-lhe a bôca, entrou a sugar-lhe a ferida a sorvos vagarosos, contínuos, fortes.

Cuspiu, renovou o tabaco, repetiu a operação.

— É curioso, disse Lenita, eu nada sinto, nada absolutamente; é como se não tivesse sido picada.

— Mas tem certeza mesmo de que foi cobra, de que foi cascavel?

— Ora! Escute lá. Ouve?

No reparo continuava a chocalhada sinistra.

Barbosa tomou a espingarda, aperrou-a, aproximou-se do reparo, olhou pela porta, levou a arma à cara, fêz fogo. Depois entrou, e saiu logo com a cobra, morta, suspensa pela cauda. Tinha de seis a sete palmos, era muito grossa, um crótalo medonho, um monstro.

— Lenita, disse Barbosa, atirando o réptil ao chão, seria fazer-lhe injúria querer dissimular a gravidade do que aconteceu. Mas as providências tomadas dão-nos quase ganho de causa: você com a atadura impediu em tempo a circulação do sangue, e por conseguinte a absorção do veneno; eu suguei a ferida, e retirei o que era ainda possível retirar. Sente alguma coisa agora?

— Apenas um pouco de turvação na vista.

— Vamos para casa. Vou seguir um processo racional de curativo, e espero vê-la logo risonha e alegre, outra vez, aqui na ceva. Não tire, não deixe afrouxar o amarrilho da perna.

Foram. Lenita em caminho teve duas vertigens, quase caiu. Em algumas subidas ásperas Barbosa carregava-a. Marciana acompanhara-os levando as espingardas.

Chegaram. Lenita despiu-se, deitou-se. Tinha frio, sentia sonolência.

Barbosa foi ao seu quarto e de lá voltou com uma garrafa de rhum: abriu-a, encheu um cálice grande, fê-lo beber a Lenita, inteirinho de uma vez.

— Bom, temos meio caminho andado. Agora tôda a docilidade, sim?

Lenita aquiesceu com um gesto triste.

Barbosa assentou-se à beira da cama, levantou discretamente uma parte das cobertas, tomou o pé ferido de Lenita, desfez o atilho da perna. Um vinco em círculo afundava-se lívido, um pouco acima do tornozelo. O pé estava inchado.

Esfregou por algum tempo a pele, restabelecendo a circulação; tornou depois a pôr a ligadura.

Lenita entrou a ficar ansiada, aflita.

— Doi-me a cabeça, foge-me de todo a vista, confundem-se-me as idéias.

— Tome mais um cálice de rhum, é preciso.

— Tomo, mas escute, diga-me uma coisa com franqueza, eu vou morrer, não?

— Não, não morre. Eu respondo pela sua vida.

— Não morro! Diz isso para me animar. Eu bem sei o que é veneno ofídico.

— Também eu, e por isso afirmo que não morre.

— Seja. Em todo o caso quero lhe dizer uma coisa, chegue-se aqui bem perto.

Barbosa aproximou a cabeça do rosto da moça.

— A minha convicção é que morro, e eu não quero morrer sem lhe contar um segrêdo.

— Diga, Lenita, diga o que quiser, confie em mim, sou seu amigo.

— Amo-o, Barbosa, amo-o muito...

Barbosa teve um deslumbramento. Dominou-se, curvou-se, beijou Lenita na testa, castamente, paternalmente.

— Pobre menina!... Mas não morre! Tome mais um cálice de rhum, sim?

— Ora, o primeiro já me atordoou.

— E' mesmo para isso, tome

Lenita ergueu-se, bebeu a custo, recaiu pesadamente sôbre o travesseiro.

— Tenho sono... quero dormir...

E fechou os olhos.

Barbosa velou-lhe à cabeceira quase a noite tôda: de meia em meia hora desfazia-lhe o atilho da perna e, depois de ter restabelecido a circulação por um pouco, tornava a apertá-lo: a moça não dava acôrdo. Inconscientemente, a dormir, murmurando palavras inconexas, ingeriu mais dois cálices de rhum que lhe fêz beber Barbosa, meio à fôrça.

Pela madrugada despertou, chamou a mucama. Barbosa retirou-se, discretamente, Lenita tornou logo a adormecer.

Quando amanheceu Barbosa interrogou a mucama:

— D. Lenita urinou?

— Urinou, sim, senhor.

— Deitou você fora a urina?

— Não, senhor, está ali no vaso, dentro do criado mudo.

— Vá buscar.

A rapariga trouxe o vaso: estava acima de meio de uma urina carregada, sanguinolenta.

— D. Lenita suou?

— Não reparei, não, senhor.

— Vá ver. Se tiver suado, troque-lhe a roupa, e traga-me aqui a camisa molhada.

Dentro de dez minutos a rapariga voltou com o camisolão de dormir, que tirara de Lenita, úmido, levemente tinto em alguns lugares, de um vermelho deslavado.

Ao meio dia a moça acordou. Estava fresca, bem disposta, sentia-se com apetite.

Barbosa mandou vir um caldo de frango, suculento, grosso, fê-la tomar uma xícara dêle e beber um cálice de vinho velho.

O coronel, informado do que acontecera, estava aflitíssimo.

— Vegetalina, porque não lhe deu vegetalina? E' um grande remédio.

— Grande remédio é o álcool, respondeu Barbosa. A vegetalina e outros quejandos especificos devem o efeito, que se lhes atribui, ao álcool em que são administrados.

— Olhe que a vegetalina tem arrancado muita gente da sepultura.

— E como se dá a vegetalina, não me dirá?

— Em cachaça forte, de vinte e quatro graus.

— Ora aí está. Lenita não tomou vegetalina, e eu a considero livre de perigo.

— Tinha pouco veneno a cascavel, era pequena?

— Era enorme.

— E Lenita, acha você que esteja livre de perigo?

— Ela teve a boa inspiração de atar a perna; chupei-lhe as feridas: pouco veneno foi absorvido.

— Você chupou! E pôs fumo na bôca? Não tinha alguma fístula na gengiva, alguma escoriação na língua?

— Felizmente tenho a bôca perfeitamente sã.

— E que lhe deu você a beber?

— Álcool excelente, rhum de Jamaica.

— Só?

— Só.

— Hum! não sei...

— O meu tratamento foi todo racional: pus em prática o que aprendi de Paul Bert, que o aprendeu de Claude Bernard. Vossa mercê conhece bem o jôgo

da circulação. O sangue hematosado nos pulmões vai, pela veia pulmonar, armazenar-se nos compartimentos esquerdos do coração: daí sai pela aorta, corre pelo sistema arterial, vivifica todo o organismo, chega aos capilares, transfunde-se, torna carregado de resíduos pelas veias, entra na aurícula direita do coração, recolhe os elementos reparadores trazidos pelas veias sub-clávias, passa para o ventrículo respectivo, volta a depurar-se, a reoxigenar-se nos pulmões, e assim por diante, sempre. Ora muito bem. No caso de uma infecção qualquer de veneno, de uma mordedura de cobra por exemplo, há três fases, três *etapes* indefectíveis: primeira, dissolve-se o veneno nos humores animais que se encontram na ferida; segunda, penetra o veneno nas veias e é levado ao coração; terceira, põe-se o veneno em contacto com os elementos orgânicos do corpo por meio da torrente arterial. Meu pai sabe que o que constitui *venenosa* uma substância qualquer, não é a sua qualidade, mas sim a sua quantidade: um miligrama de estricnina não é veneno para o homem porque, tomando de uma vez, não o mata; um litro de cognac é veneno para êle porque, tomando de uma vez, fulmina-o. Um veneno que se elimina antes de exercer ação tóxica deixa de ser veneno. No caso de mordedura de cobra, para que o veneno produza efeito mortífero, é preciso que a sua eliminação seja desproporcional, é preciso que seja menor do que a absorção: é indispensável que haja acumulação no sangue. Pois bem: o veneno está na ferida, mas não pode subir, que lho impede uma ligadura. Impossível prolongar tal estado, traria a grangrena. Força é desfazer o atilho, deixar subir o sangue e com êle o veneno. Desfaz-se, deixa-se aos poucos, porém, de modo que o veneno que entra com o sangue, não seja suficiente para produzir

ação letal, de modo que seja eliminado antes que venha outra quantidade que, somada com êle, possa produzir essa ação. Assim, pois, solta-se a ligadura, aperta-se de novo, torna-se a soltar, torna-se a apertar, ate que todo o veneno tenha percorrido o corpo e tenha sido eliminado sem efeito mortífero. O álcool excita os nervos, aviva a torrente circulatória; ajuda, portanto, facilita a eliminação.

— E há exemplos de curas realizadas com êsse processo?

— Inúmeros. Claude Bernard salvava, quando queria, animais que êle próprio tinha ferido com flexas curarizadas. Na província do Rio um amigo meu foi picado por um surucucu enorme, e eu salvei-o seguindo este tratamento.

— Então a Lenita?...

— E' o meu segundo caso de cura: julgo-a tão livre de perigo agora, como estava ontem, antes de ser picada.

— Posso vê-la?

— Por certo.

Entraram no quarto. Lenita estava sentada na cama, com as pernas encruzadas à chinesa, por debaixo das cobertas. Alegre, radiante, tinha êsse ar de triunfo que têm todos os doentes escapos de moléstia grave. Um lenço de cambraia alvíssima, dobrado em tira, cingia-lhe a cabeça como um diadema, fazendo sobressair o brilho dos olhos, o negror dos cabelos, o doirado pálido das faces. Uma camisa de dormir, afogada, de seda crua, mal dissimulava nas pregas largas e moles a linha dura dos seios.

— Então, com que, pronta para outra! disse o coronel. Pois escapou de boa! É no que dão as caçadas. Podia estar morta a esta hora!

— Mas estou viva.

— E não ganhou mêdo ao mato?

— Não, ganhei experiência. Serei vigilante, cautelosa para o futuro: não assentarei o pé em um lugar qualquer sem o ter examinado bem primeiro. E, realmente, mais foi o susto. Olhe eu tive um pouco de dor de cabeça, enfraquecimento geral, sonolência: sofrer, sofrer mesmo, não sofri.

— Foi feliz, acertou com bom médico.

Lenita volveu para Barbosa um olhar doce, repassado de gratidão.

XIV

O veneno da cobra, parece, deixara viciado o sangue de Lenita.

Sentia-se ela tomada de acessos súbitos de fraqueza moral, exatamente como nos primeiros tempos de sua vinda para a fazenda.

Deixara de caçar, deixara de ler; extinguira-se-lhe a sêde de ciência.

Sentava-se a tôda a hora na rêde ou em uma cadeira de balanço e imergia-se em cisma. Comia pouco, quase nada.

Às vêzes encostava-se à mesa, debruçava-se, pegava em um lápis, em uma flor, em um objeto qualquer, e virava-o, revirava-o, batia com êle em ritmo estranho, durante tempo largo, com os olhos parados, sem expressão na face, como se estivesse a um milhão de léguas das coisas da terra.

Barbosa, por sua parte, tornara-se reservado: a confissão de amor que Lenita lhe fizera acanhava-o a êle.

Insensìvelmente deixara-se prender em um laço de que não cogitara, que nem sequer suspeitara. Achava-se em posição escabrosa.

Amava a Lenita doidamente, perdidamente; sabia que era dela amado; ouvira-lho a ela própria. Que mais? Ou cortar de vez tudo, fazer as malas, embarcar-se para a Europa, ou tornar-se abertamente aman-

te da rapariga. A *flirtation* sentimental, platônica, naquele caso, era uma imbecilidade, um cúmulo de ridículo.

E Barbosa passava a mor parte do tempo em visitas e jogos pela vizinhança, êle que dantes não jogava, que não visitava a ninguém.

Andava pelo mato, de espingarda; mas a espingarda era um pretexto; êle não caçava.

Uma tarde, ao descambar do sol, sentou-se cansado à raiz de uma figueira branca, no centro da mata virgem, olhou para cima maquinalmente; viu um enorme quati mundé, que o espiava da bifurcação de um galho, fazendo-lhe gaifonas com o longo focinho ponteagudo. Como se não bastasse a tentação, ouviu-se um batido de asas forte, volumoso, e um macuco gigantesco veio empoleirar na figueira, bem por cima do quati. Pousou, achatou-se em um galho, sacudiu-se, aconchegou-se, encolheu a cabeça, soltou três pios altos, seguidos, compassados. Barbosa não prestou atenção nem ao quadrúpede, nem à ave. A sua espingarda continuou imóvel entre os joelhos.

Por diante dos olhos, em uma como visão beatífica, esvoaçava-lhe a imagem de um pé, do pé de Lenita, branco, setinoso, brevíssimo, com unhas róseas transparentes, e veias azuladas.

E êle beijara êsse pé, mais do que isso, êle o sugara lentamente, por muito tempo, tendo na mão o calcanhar adorável, redondo, rubro, onde a pressão de seus dedos deixava marcas muito brancas.

Sentia o saibo da pele fina, veludosa, ameaçada de morte, mas cheia de vida. Seus lábios como que tinham memória, recordavam-se.

E o beijo paternalmente parvo que lhe dera na testa ao confessar-lhe ela o amor que lhe tinha. Ainda

lhe hauria o perfume natural dos cabelos, o hálito fresco, lácteo, são, como o que vem da bôca de um bezerro novo.

Porque não aceitar êsse amor que se impunha, que se dava, que se oferecia? Não procurara êle a Lenita, viera ela a seu encontro, cônscia da situação, sabendo que êle era casado, que a não poderia nunca desposar legìtimamente.

E sem rebuços, com impudência castíssima, fizera uma confissão que as mulheres nunca querem ser as primeiras a fazer. Gracejo não tinha sido, a ocasião não era para gracejos.

Que mal adviria ao mundo de que se enlaçassem, de que se possuíssem, de que se gozassem um homem e uma mulher que se amavam?

Não se podia casar com Lenita? Que tinha isso? Que é o casamento atual senão uma instituição sociológica, evolutiva como tudo o que diz respeito aos seres vivos, sofrìvelmente imoral e muitíssimo ridícula? O casamento do futuro não há de ser êste contrato draconiano, estúpido, que assenta na promessa solene daquilo exatamente que se não pode fazer. O homem, por isso mesmo que ocupa o supremo degrau da escada biológica, é essencialmente versátil, mudável. Hipotecar um futuro incerto, menos ainda, improvável, com ciência de que a hipoteca não tem valor, será tudo quanto quiserem, menos moral. Amor eterno só em poesias piegas. Casamento sem divórcio legal, regularizado, honroso, para ambas as partes, é caldeira de vapor sem válvulas de segurança, arrebenta. Encasaca-se, paramenta-se um homem; atavia-se, orna-se de flores simbólicas uma mulher: e lá vão ambos à igreja, em pompa solene, com grande comitiva: para que? para anunciar em público, em presença de quem qui-

ser ver e ouvir, a repiques de sino e som de trompa, que êle quer copular com ela, que ela quer copular com êle, que não há quem se oponha, que os parentes levam muito a bem... Bonito! E a multidão de *badauds*, velhos e moços, machos e fêmeas, de olhos encarquilhados e dentes à mostra em riso alvar, dando-se cotoveladas maldosas, segredando obscenidades! Seria ridículo, se não fôsse chato, sujo.

O amor é filho da necessidade tirânica, fatal, que tem todo o organismo de se reproduzir, de pagar a *dívida do antepassado,* segundo a fórmula bramática. A palavra *amor* é um eufemismo para abrandar um pouco a verdade ferina da palavra *cio*. Fisiològicamente, verdadeiramente, *amor* e *cio* vêm a ser uma coisa só. O início primordial do amor está, como dizem os biólogos, na afinidade eletiva de duas células diferentes, ou melhor, de duas células diferentemente eletrizadas. A complexidade assombrosa do organismo humano converte essa afinidade primitiva, que deveria ter sempre como resultado uma criança, em uma batalha de nervos que, contrariada ou mal dirigida produz a cólera de Aquiles, os desmandos de Messalina, os êxtases de Santa Teresa. Não há recalcitrar contra o amor, fôrça é ceder. À natureza não se resiste, e o amor é natureza. Os antigos tiveram uma intuição clara da verdade quando simbolizaram em uma deusa formosíssima e implacàvelmente vingativa, na Vênus Afrodite, o laço que prende os seres, a alma que lhes dá vida.

Lenita se lhe oferecia, pois bem, êle seria o amante de Lenita.

E Barbosa ergueu-se robustecido, forte, como quem acaba de tomar uma resolução definitiva; caminhou apressadamente para a casa.

Quando chegou era quase noite, já estava escuro.

Entrou no seu quarto, largou a espingarda e a patrona, riscou fósforos, acendeu uma vela, lavou as mãos.

Saiu.

No corredor, ao chegar à ante-sala, deu com alguém: era Lenita.

— Oh! exclamou êle.

As mãos de ambos como que se procuravam no escuro: encontraram-se, enlaçaram-se.

Barbosa puxou Lenita para si, quis beijá-la na bôca, não teve ânimo, beijou-a ainda na testa.

Lenita abandonava-se, entregava-se, molemente, sem resistência.

No corredor tudo eram trevas: Barbosa não via a chama negra da volúpia que torvelinhava nos olhos da moça; não lhe via a palidez das faces, o rubor dos lábios, a arfarem túmidos, mendigando beijos; não lhe via o quebramento langue do pescoço.

A resolução tomada fraqueou, cedeu: sentiu-se Barbosa sem coragem, sem desejos, sem virilidades mesmo. Batia-lhe o coração em estos desordenados, como o de um seminarista que pela vez primeira se acha a sós com uma mulher da vida.

De repente, afastou Lenita de si com gesto brusco, fugiu desatinado.

Ouviu-se um soluço triste, dorido, que vinha das trevas do corredor.

A ceia dessa noite correu cheia de constrangimento: nem Barbosa olhava para Lenita, nem Lenita para Barbosa. Comiam, ou antes, fingiam comer em silêncio.

— Esta menina precisa de tomar remédios, disse o coronel, reparando no abatimento, no apetite quase

nulo de Lenita. Depois da tal história da cobra deixou de ser o que era. Se tivesse usado da vegetalina, o caso seria outro.

Veio o chá: quando acabaram de tomá-lo, Barbosa levantou-se, deu boa noite ao pai, despediu-se de Lenita em voz sumida, soturna, cerimoniática; chamou-lhe *minha senhora*.

Recolheu-se.

Lenita ainda conversou por algum tempo com o coronel. Seguia, fingia seguir bem o assunto, fazendo observações, multiplicando perguntas, afetando muito interêsse. De repente deixava escapar uma exclamação forte, descabida, deslocada, que nada tinha com o que se estava tratando. Caía em si, procurava homologar o que dissera, atrapalhava-se, confundia-se. Dava estremeções súbitos, como quem recebe inesperadamente uma alfinetada. Corava, empalidecia, tinha na voz um timbre esquisito.

— Menina, sabe você de uma coisa, disse o coronel, vá se acomodar: você não está boa. Se eu não tivesse visto que você quase nada comeu, diria que a ceia lhe tinha feito mal. Ande, vá se deitar, procure dormir.

Lenita obtemperou sem replicar.

Foi para o seu quarto.

Um banho morno, em que se demorou, não serviu para acalmar-lhe os nervos, muito pelo contrário. Arrepiava-se ao perpassar da esponja, ao sentir as suas próprias mãos; a água tépida irritava-a como se fôsse um contacto humano estranho.

Saíu, enxugou-se em uma toalha felpuda, grande, vestiu uma camisa branca de cambraia finíssima, deitou-se por sôbre as cobertas, de costas, bem estendida, com as mãos entrançadas por baixo da cabeça, com uma perna por cima da outra.

A cambraia mole, semitransparente, desenhava-lhe as formas esculturais do busto, do ventre, das coxas, e tôda essa alvura de pele e de tela sobressaía, realçada pelo vermelho escuro do damasco da colcha. O tempo passava.

Do quarto de Lenita ouvia-se bater compassado, lento, o pêndulo do velho relógio francês da ante-sala.

Deu dez horas, deu onze, deu meia-noite. Cada pancada do badalo na campainha soava muito distinta, muito vibrante.

Lenita mudava de posição, revolvia-se na cama, não dormia, não podia adormecer.

Uma obsessão mordente subia-lhe da periferia do corpo, comprimia-lhe o coração, atordoava-lhe o cérebro.

Sentia picadas na pele, tinha calefrios, zuniam-lhe os ouvidos.

Sugando-lhe as feridas feitas pelos aguilhões da cobra, Barbosa retirara um veneno, mas deixara outro. Lenita nunca mais cessara de sentir a sucção morna, demorada, forte, dos lábios de Barbosa em tôrno às picadas, no peito do pé. A sensação estranha, deliciosa, incomportável que produzira essa sucção perdurava, vivia; mais ainda, multiplicava-se, alastrava. Era um formigamento circular que lhe trepava pelas pernas, que lhe afagava o ventre, que lhe titilava os seios, que lhe comichava os lábios.

E ela queria Barbosa, desejava Barbosa, gania por Barbosa.

Esperar até amanhecer: uma! duas! três! quatro! cinco! seis horas! Ouvir o *tic-tac* do relógio, lento, medido, regular, igual, metálico; monótono, impiedoso; ouvi-lo sessenta vêzes por minuto, três mil e seiscentas

vêzes por hora, vinte e uma mil e seiscentas vêzes nas seis horas que faltavam para amanhecer? Impossível!

Ergueu-se e, descalça, em camisa, inconsciente, louca, abriu a porta, atravessou a sala, abriu a outra porta, saiu na ante-sala, enfiou pelo corredor, parou junto à porta do quarto de Barbosa, a escutar.

E nada ouvia.

Dentro, fora, dominava um silêncio profundo, quebrado apenas pelas pulsações violentas do seu próprio coração.

Encostou o ouvido à fechadura, nada.

O seu ombro fêz uma ligeira pressão sôbre a fôlha da porta, e esta cedeu, entreabriu-se, chiando ligeiramente.

Uma lufada de ar quente, saturada de aroma de charuto havano, veio afagar-lhe o rosto, os seios, o busto quase desnudo no decote grande da camisa.

Lenita perdeu completamente a cabeça, entrou: em bicos de pés, sem fazer rumor, escorregando, deslizando, como um fantasma, abeirou-se da cama de Barbosa.

Curvou-se, apoiou a mão no respaldo da cabeceira, aproximou a sua cabeça do peito do homem adormecido, escutou-lhe a respiração igual, hauriu-lhe o cheiro másculo do corpo, sentiu-lhe a tepidez da pele.

Quedou-se por muito tempo nesse ambiente entorpecedor.

De súbito o braço com que se encostava falseou; ela caiu pesadamente sôbre o leito.

Barbosa deu um estremeção, acordou sobressaltado, sentou-se, estendeu as mãos, encontrou-a, asiu-a, perguntou assustado:

— Quem é? quem é?

A cútis morna, setinosa da moça, a macieza da cambraia que a envolvia em parte, o perfume de *peau d'Espagne* que de seu corpo alava, não lhe permitiam dúvidas; mas êle recusava a evidência dos sentidos, não podia crer. Achava absurda, monstruosa, impossível a presença de Lenita em seu quarto, àquela hora, naquela quase nudez.

E, contudo, era real, ela ali estava: êle sentia-lhe a carne quente, dura, palpava-lhe a pele híspida pelo desejo, escutava-lhe o estuar do sangue, o pulsar do coração.

Um tropel de idéias desordenadas agitou-se-lhe, confundiu-se-lhe no cérebro excitado; o raciocínio ausentou-se, venceu o desejo, triunfou a sugestão da Carne.

Sentou-se rápido à beira da cama sem largar a moça, puxou-a para si, cingiu-a ao peito, segurou-lhe a cabeça com a mão esquerda, e, nervoso, brutal, colou-lhe a bôca na bôca, achatou os seus bigodes ásperos de encontro aos lábios macios dela, bebeu-lhe a respiração. Lenita tomou-se de um sentimento inexplicável de terror, quis fugir, fêz um esfôrço violento para desenlaçar-se, para soltar-se.

Era o mêdo do macho, êsse terrível mêdo fisiológico que, nos pródromos do primeiro coito, assalta a tôda a mulher, a tôda a fêmea.

Baldado intento!

Retinham-na os braços robustos de Barbosa: em suas faces, em seus olhos, em sua nuca os beijos dêle multiplicavam-se: êsses beijos ardentes, famintos, queimavam-lhe a epiderme, punham-lhe lava candente no sangue, flagelavam-lhe os nervos, torturavam-lhe a carne.

Cada vez mais fora de si, mais atrevido, êle desceu à garganta, chegou aos seios túmidos, duros, arfantes. Osculou-os, beijou-os, a principio respeitoso, amedrontado, como quem comete um sacrilégio; depois insolente, lascivo, bestial como um sátiro. Crescendo em exaltação, chupou-os, mordicou-lhes os bicos arreitados.

— Deixe-me! deixe-me! Assim não quero! implorava, resistia Lenita, com voz quebrada, ofegante, esforçando-se por escapar, e prêsa, todavia, de uma necessidade invencível de se dar, de se abandonar.

De repente fraquearam-lhe as pernas, os braços descairam-lhe ao longo do corpo, a cabeça pendeu-lhe, e ela deixou de resistir, entregou-se frouxa, mole, passiva. Barbosa ergueu-a nos braços possantes, pô-la na cama, deitou-se junto dela, apertou-a, cobriu-lhe os seios macios com o peito vasto, colou-lhe os lábios nos lábios.

Ela deixava-o fazer, inconsciente, quase em delíquio, mal respondendo aos beijos frementes que a devoravam.

E corria o tempo.

Barbosa não podia prestar fé ao que se estava dando.

Descrente de mulheres, divorciado da sua, gasto, misantropo, êle abandonara o mundo, retirara-se com seus livros, com seus instrumentos científicos, para um recanto selvagem, para uma fazenda do sertão. Abandonara a sociedade, mudara de hábitos, só conservara, como relíquias do passado, o asseio, o culto do corpo, o apuro despretensioso do vestir. Levava a vida a estudar, a meditar; ia chegando ao quietismo, à paz de espírito de que fala Plauto, e que só se encontra no convívio sincero, sempre o mesmo, dos livros, no convívio dos ausentes e dos mortos. E eis que a fatalidade

das coisas lhe atira no meio do caminho uma mulher virgem, moça, bela, inteligente, ilustrada, nobre, rica. E essa mulher apaixona-se por êle, força-o também a amá-la, cativa-o, aniquila-o. Faz mais: contra a espectativa, tornando realidade o improvável, o absurdo, vem ao seu quarto, interrompe-lhe o sono, entrega-se-lhe... Êle a tem entre os seus braços, lânguida, mole, roída de desejos; aperta-a, beija-a...

E... nada mais pode fazer!

Não que o detenham preconceitos, receio de conseqüências; não tem preconceitos, já não receia conseqüências.

O que o detém é um esgotamento nervoso de momento, uma impossibilidade física inesperada.

Debalde procura na concentração da vontade o tom da fibra nervosa, o robustecimento do organismo...

Sente o ridículo da posição, desespera, tem as mãos frias, banha-se em suor, chega a chorar. Afastou-se de Lenita, dementado, louco, escalavrando o peito com as unhas.

— Não posso! não posso! exclamou, ululou desatinado.

Deu-se uma inversão de papéis: em vista dessa frieza súbita, dêsse esmorecimento de carícias, cuja causa não podia compreender, nem sèquer suspeitar; no furor do erotismo que a desnaturava, que a convertia em bacante impudica, em fêmea corrida, Lenita agarrou-se a Barbosa, cingiu-o, enlaçou-o com os braços, com as pernas, como um polvo que aferra a preia; com a bôca aberta, arquejante, úmida, procurou-lhe a bôca; refinada instintivamente em sensualidade, mordeu-lhe os lábios, beijou-lhe a superfície polida dos dentes, sugou-lhe a língua...

E o prazer que ela sentia revelava-o na respiração açodada; no hálito curto, quente; era um prazer intenso, frenético, mas... sempre incompleto, falho.

Barbosa arquejante tinha ímpetos de levantar-se, de tomar uma pistola, de arrebentar o crânio.

Pouco a pouco operou-se uma reação.

Sentiu Barbosa que menos agitado lhe circulava o sangue, que um calor doce se lhe expandia pelos membros, que o desejo físico se despertava, dominante, imperativo.

Recobrou-se de vez da passageira fraqueza, achou-se forte, potente, varão.

Com o ímpeto irresistível do macho em cio, mais ainda, do homem que se quer desforrar de uma debilidade humilhosa, retomou o papel de atacante, estreitou a moça nos braços, afundou a cabeça na onda sedosa e perfumada de seus cabelos que se tinham soltado...

— Lenita!

— Barbosa!

E um beijo vitorioso recalcou para a garganta o grito dorido da virgem que deixara de o ser...

Depois foi um tempestuar infrene, temulento, de carícias ferozes, em que os corpos se conchegavam, se fundiam, se unificavam; em que a carne entrava pela carne; em que frêmito respondia a frêmito, beijo a beijo, dentada a dentada.

Dêsse marulhar orgânico escapavam-se pequenos gritos sufocados, ganidos de gôzo, por entre os estos curtos das respirações cansadas, ofegantes.

Depois um longo suspiro seguido de um longo silêncio.

Depois a renovação, a recrudescência da luta, ardente, fogosa, bestial, insaciável.

Pela frincha da janela esboçou-se um rastilho de luz tênue.

Era o dia que vinha chegando.

— Deixe-me! deixe-me, Barbosa! É preciso ir, está amanhecendo, está clareando.

— Não, não! ainda não! aquilo não é o dia, é o luar.

— Vou! deixe-me, deixe-me.

E, fazendo um esfôrço violento, Lenita escapou-se do leito e dos braços de Barbosa.

No desvão da porta entreaberta enquadrou-se, por um momento, a sua sombra indecisa. Desapareceu.

Barbosa ergueu-se, vestiu-se ràpidamente, saíu, fechou a porta, tirou, guardou no bolso a chave.

Lenita do seu quarto ouviu-lhe, contou-lhe as passadas que ressoavam fortes.

A moça estava com febre; tinha a cabeça em fogo; sentia-se zonza, atordoada; via a todo o momento discos luminosos, com um núcleo que se alargava, cambiando de côres, passando do verde escuro ao vermelho cobre; ardia-lhe a garganta, a bôca estava peganhenta.

No quarto deserto de Barbosa o rastilho de luz, coado pela frincha da janela, ia bater sôbre a cama desarranjada: na alvura dos lençóis amarrotados punham notas muito vivas algumas manchas de sangue frescas, úmidas, rubras.

XV

— Que lindo está o dia, exclamou o coronel, chegando à porta que dizia para o terreiro. Um tempo firme, sim senhor! — Jacinto!

— Sinhô! acudiu um preto velho.

— Para onde foi a gente hoje?

— Foi a cortar arroz, sim, sinhô.

— Onde está Manduca?

— Sinhô moço mandou ensilhar o rozilho, e foi para a banda da vila, sim, sinhô.

O coronel respirou à larga o ar fresco, puro, da manhã resplendente. Dormira tôda a noite, não tivera dores, estava bem disposto. Queria expandir-se, queria conversar.

— Logo hoje que estou sequioso por uma prosa é que me foge o Manduca, é que se deixa ficar na cama a Lenita! Forte coisa! Vou fazer uma extravagância, vou dar uma volta pelo cafèzal.

E mandou arrear uma égua velha, muito mansa, andadeira, uma rêde, dizia êle. Saíu, foi visitar o cafèzal, coisa que fazia raramente, uma ou outra vez por ano.

Quando voltou era quase meio dia. Perguntou por Barbosa, não tinha vindo; por Lenita, ainda estava deitada. Veio com fome, mandou pôr a mesa; enquanto esperava foi ao quarto de Lenita, bateu à porta.

— Que é isto? perguntou. Temos macacoa?

— Macacoa, não; sono, respondeu a moça.

— Ainda estava dormindo?

— Acordei com o seu batido.

— Olhe, levante-se, venha-me fazer companhia. O Manduca não sei para onde foi. Eu ainda não almocei, e não quero almoçar sòzinho.

— Já vou.

— Pois fico esperando; venha logo, que estou com o estômago a dar horas.

A cabo de meia hora, Lenita apareceu. Estava pálida, macilenta: tinha as pálpebras vermelhas, os olhos batidos, grandes olheiras. Veio embrulhada em uma peliça. De quando em quando estremecia com um calafrio. Sentou-se à mesa, meio de lado, alquebrada, lânguida.

— Melhor cara traga o dia de amanhã! gritou o coronel ao vê-la. Parece que passou a noite no cemitério. Que é que teve?

— Uma ligeira indisposição.

— Hum! Já eu estava vendo isso mesmo ontem à noite. Ai, moças, moças! Isso enquanto não casam... Que há de querer, um mingauzinho de cará?

— Não, obrigada.

— Olhe estas ervas...

— Obrigada.

— Um pedaço de fiambre?

— Fiambre... quero, mas pouco, sim?

O coronel serviu-lhe uma naca larga, rósea, marmoreada de veios de gordura branca.

Lenita polvilhou-a de sal moído, comeu com apetite.

— Está gostando de salgados, hein? Eu quando digo... Mais uma naquinha, sim?

Lenita aceitou, mandou buscar *ginger-ale*, bebeu um copo cheio.

Conversou com o coronel por cêrca de duas horas.

Ao cair da tarde sentiu-se fraca, tomada de invencível soneira. Recolheu-se, dormiu. Levantou-se ao escurecer. Quando ia saindo do quarto, deu com Barbosa que, de pé junto de um consolo, fingia examinar uma estatueta.

— Boa tarde, Lenita, disse êle com voz trêmula, tímido, desapontado.

A moça não respondeu: com um arranco nervoso tomou-lhe a cabeça entre as mãos, curvou-a, beijou-a sôfregamente, esquisitamente, no alto, afundando, sumindo o rosto nos cabelos curtos, levemente crespos.

— Lenita, segredou Barbosa em voz sumida, tênue como um sôpro, não vá mais ao meu quarto, é perigoso, podem vê-la, podem encontrá-la. Eu virei aqui, ao seu, é melhor.

— Aqui dorme a rapariga.

— Fácil é afastá-la sob qualquer pretexto. Deixe as portas cerradas.

Foram para a sala de jantar.

O coronel já tinha feito acender o lampeão; estava de pé, junto à mesa, lendo a correspondência, que minutos antes tinha chegado da vila.

— Olhe, Lenita, disse, aí estão os seus jornais, e também uma carta. Leia, leia logo a carta; é coisa que lhe interessa.

— Sim! como sabe?

— A letra do sobrescrito é a mesma desta que eu recebi. Leia.

— Que será? interrogou-se a moça, rasgando o envoltório com gesto fatigado, aborrida. Desdobrou a fôlha de papel, leu sem manifestar sentimento algum, com absoluta indiferença. Depois passou-a aberta ao coronel.

— Ora! exclamou, arrastando a voz, com fastio.

— Então? perguntou o coronel.

— Leia, está aí.

— Pois não é do dr. Mendes Maia?

— É.

— E que lhe diz você?

— Eu digo... digo... não digo coisa nenhuma.

— Já se deixa ver que quer: quem cala...

— Nem sempre consente. O dr. Mendes Maia perdeu o seu tempo, a sua retórica, o seu papel, a sua tinta e o seu sêlo. Eu não me caso com êle.

— É um pedido de casamento? perguntou Barbosa, ansiado.

— Em forma.

— E quem é êsse dr. Mendes Maia?

— Êsse dr. Mendes Maia é um bacharel em direito, nortista; fêz o seu quatriênio, e está na côrte, à espera de um juizado de direito aqui na província.

— E donde o conhece D. Lenita?

— De Campinas. Estivemos juntos em um baile, no *Clube Semanal*, há de haver três anos. Dançou comigo, fêz-me a côrte por duas horas, e agora pede-me em casamento.

— Meu pai também o conhece?

— Conheço: êle andou viajando por estas bandas com um primo que queria comprar sítio de café. Veio-me recomendado de São Paulo, e até pousou aqui, uma noite.

— Que espécie de homem é?

— É um bacharel em direito como a maioria dos bachareis em direito. Parece-me boa pessoa... Homem, sou franco, para mim tem um defeito capital, é nortista. No mais, não há que dizer. Lenita, que hei de eu responder ao homem?

— Boa pergunta! Responda que eu não me quero casar, que agradeço muito a honra da proposta, e cousas e tal, uma *lábua* cortês.

— Não valerá a pena pensar um pouco antes de decidir a cousa assim de talho, sem remédio?

— Não há que pensar, não quero.

— Olhe que o rapaz, segundo me diz o meu velho amigo Cruz Chaves, nesta outra carta que recebi tem todos os requisitos para um bom corte de noivo: é inteligente, honesto, morigerado, trabalhador, econômico, bom católico, e muitas cousas mais. Fêz o seu quatriênio como promotor e juiz municipal, está à espera de um juizado de direito, como você mesmo disse, e há de obtê-lo, porque dá-se com o Cotegipe e é muito protegido pelo Mac Dowel. E tem seus cobres.

— O partido tenta, tenta, mas eu é que me não deixo prender.

— Olhe que isto não vai a matar, não é sangria desatada, pense primeiro, responda depois.

— Não há que pensar.

— Esta mocidade! Para que tomar decisões de afogadilho, quando há tempo para refletir, para pesar todos os prós e todos os contras?

— A resposta agora, ou daqui a um ano há de ser a mesma: não quero.

— Menina, ninguém deve dizer "dêste pão não comerei".

— E nem tão pouco "desta água não beberei". Sabido, mas eu não quero mesmo.

— Bom, bom, bom; não quer, não quer! Amanhã lá segue a recusa: que se agüente o dr. Mendes Maia.

XVI

Lenita despedira a mucama, e ficara a dormir só no seu quarto.

O coronel estranhou, não levou a bem tal resolução. Que era perigoso, que podia ficar doente, ter um ataque alta noite, sem que ninguém lhe acudisse.

Que não, respondeu Lenita, que estava perfeitamente boa, que não havia ataque a recear; e mais, que a rapariga ressonava forte, e que isso a impedia de dormir.

Por volta das onze horas vinha Barbosa, mansamente, pé ante pé, entrava na sala, fechava a porta por dentro, à chave.

As ferragens cuidadosamente azeitadas, funcionavam veleiras, em atritos macios, suaves, sem o mínimo rangido.

A fechadura era das portuguêsas antigas, de chapas furadas coincidentemente: para evitar que alguém pudesse espiar pelo buraco o que se passava na sala, espionagem aliás improvável, Barbosa pendurava na chave o seu chapéu.

Em liberdade absoluta, perfeita, não se contentava com o prazer material de possuir Lenita. Queria o pecado mental inteligente, os *mala mentis gaudia* de que fala Virgílio; queria contemplar, comer com os

olhos a plástica soberba do corpo da moça, ora em todo o esplendor da incandescente nudez, ora realçado pelos atavios, pelas extravagâncias da moda.

Despia-a, punha-a na posição de Vênus de Milo, arranjava-lhe os braços, como conjeturam os sábios terem estado os da estátua; enrolava-lhe um lençol de volta aos quadris, arrufava-lho, em pregas suaves, em panejamentos artísticos.

Depois arrancava-lhe êsse último vestuário, mudava-lhe a atitude: erguia-lhe o busto, avançava-lhe a arca do peito, fazia sobressair o relêvo insolente dos seios erguidos e duros.

Por meio de um refletor poderoso focava, dirigia a luz branca de uma lâmpada belga, fazia cair sôbre a moça uma toalha de reflexos suaves e vivos, cientìficamente combinados.

Afastava-se, aproximava-se, tornava a se afastar; mirava, estudava, gozava a Lenita, como Pigmalião à Galatéia, como Miguel Ângelo ao Moisés.

Chegava um momento em que se não podia conter: com um grito rouco, áspero, sufocado, de bode em cio, atirava-se, ela atirava-se também, e ambos caíam sôbre um sofá, sôbre o assoalho, estreitando-se, mordendo-se, devorando-se.

Por vêzes fazia com que Lenita se frisasse, se espartilhasse, se enflorasse, se enluvasse, com todo o capricho, com tôda impertinência de uma leoa da moda, que se prepara para um baile do *high-life,* para um sarau diplomático.

Êle ajudava-a, servia-lhe de camareiro, orgulhoso, radiante.

Todo aquêle aparato do *mundus mulieris,* tôda aquela expansão de garridice era para êle, para êle só, para mais ninguém.

E sentia o que quer que era do prazer exclusivista, egoístico, do rei Luiz da Baviera, a assistir em um teatro vazio, como espectador solitário, único, a uma ópera de Wagner, majestosamente posta em cena, divinamente cantada por artistas de primor.

Adorava a macieza tépida, perfumosa, da pele nua de Lenita; mas, refinado em lubricidade, gostava de lhe premer as mãos quando calçadas de luvas de pelica ou de *peau de Suède*; gostava do contacto quente dessas mãos, através das malhas das *mitaines* de retrós, gostava de lhe sentir a viveza do corpo por entre as asperidades brandas das rendas, por entre as flores relevadas do *tule*.

Em breve não lhe bastaram mais êsses desbragamentos noturnos, de paredes a dentro, clandestinos: quis moldura mais larga para os seus quadros vivos, quis palco mais espaçoso para suas encenações carnais, quis o amor ao ar livre, à luz do dia, em liberdade plena. A pretexto de caçar, ia com Lenita todos os dias, afundava-se na mata.

Enquanto na estrada, deixava-a seguir, ficava alguns passos atrás, para ver-lhe o remoinho agitado dos calcanhares na fímbria roçagante do vestido de fazenda mole.

Êsse movimento de saias estuoso, contínuo, que ia em ondulações confundir-se com o bamboar das cadeiras, causava-lhe uma excitação estranha, particularíssima.

Quando na mata se lhe deparava uma grota profunda, uma barroca sombria, uma clareira afestoada de creciúmas, de taquaras, parava.

Junto de um velho tronco, ao pé do leque esmeraldino e ainda baixo de uma palmeira nascente, bem sob a ação de um feixe de raios solares, colocava a

moça despida, fazendo com gôsto de artista, com perícia de devasso prático, que se lhe destacasse a alvura da pele banhada de luz, no fundo verde da mata afogado na sombra. Lenita prestava-se a tudo com docilidade de rainha complacente, de deusa satisfeita; deixava-se adorar, recebia contente o culto de latria dirigido a sua carne.

Barbosa mirava-a, remirava-a, voltando-lhe em tôrno; os círculos concêntricos que descrevia iam-se estreitando como os de um açor em volta da preia: chegava-se, ajoelhava-se; e, trêmulo, com a respiração açodada, beijava-lhe as unhas róseas e a pele branca dos pés, erguia o busto, alteava-se ousado, osculava-lhe as coxas roliças, pousava a cabeça de encontro ao ventre liso, aspirando, sorvendo, de olhos semi-cerrados, as emanações sãs, provocantes da carne feminina irritada.

Uma vez no coração da mata acudiu-lhe à lembrança a *Aurora* de Miguel Ângelo, que vira no túmulo dos Médicis. Uma anfratuosidade de terreno fôra a idéia acidentalmente associada, que lhe avivara a memória.

Perto estava uma árvore velha coberta de musgo: colheu-o às braçadas, fêz um montão, alcatifou, alfombrou com êle a acidentação do terreno que lhe recordara o mármore florentino.

Nervosamente, brutalmente, foi despindo a Lenita: não desabotoava, não desacolchetava; arrancava botões, arrebentava colchetes. Quando a viu nua, fê-la reclinar-se sôbre o musgo, dobrou-lhe a perna esquerda, apoiou-lhe o pé em uma saliência de pedra, dobrou-lhe também o braço esquerdo, cuja mão, em abandono, foi tocar o ombro de leve, com as pontas dos dedos; estendeu-lhe o braço e a perna direita em linha

suave frouxa, a contrastar com a linha forte, angulosa, movimentada, do lado oposto.

Desceu um pouco, deitou-se de bruço, e, arrastando-se como um estélio . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Lenita desmaiou em um espasmo de gôzo. . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Uma noite Barbosa não foi ao quarto de Lenita.

A moça passou em claro, ralada de cuidados. Pela madrugada ergueu-se e, sem se importar com a possibilidade de que alguém a visse, de que alguém a encontrasse, sem tomar precauções, foi ao quarto de Barbosa, empurrou a porta, entrou.

O pavio da vela, quase inteiramente gasta, afogava-se em um lago de estearina derretida, que se acumulara na açucena do castiçal: a chama vasquejava, bruxoleava, ora iluminando vivamente o quarto, ora desaparecendo, quase submergindo tudo em trevas.

Barbosa estirado de costas, na cama, com as mãos a comprimir as têmporas, gemia. Lenita debruçou-se.

— Que tem? que é isto? perguntou-lhe.

— Não é nada, é a minha enxaqueca. Mas retire-se, olhe que a vêem, vai amanhecer.

— Retirar-me, eu? deixá-lo assim sofrendo, só? Não me conhece.

— Conheço, conheço muito bem. Eu não a repeliria, se me fôsse precisa, se me fôsse mesmo útil a sua presença. Mas nada me pode fazer. Isto não é moléstia, é incômodo; eu não estou enfermo, tenho dores.

— Quero ficar, eu não posso vê-lo padecer sem ao menos procurar aliviá-lo.

— Nada conseguiria senão me afligir e me agravar o sofrimento. Isto passa com o tempo, só com o tempo. Vá, peço-lhe, vá.

Lenita foi, muito contrariada.

Eram horríveis as enxaquecas de Barbosa.

Começavam por uma dor surda de cabeça. Pouco a pouco acentuava-se uma displicência inexplicável em tudo e para tudo; as fôrças abatiam-se, prostravam-se; o rosto ficava pálido, dilatava-se a pupila do ôlho direito.

Penoso qualquer movimento, impossível qualquer esfôrço: Barbosa tinha de procurar o leito forçosamente, fatalmente. Um suor gélido umedecia-lhe, banhava-lhe a fronte. Do lado direito a artéria temporal saltava tumefata, engurgitada: o globo do ôlho contraía-se, minguava e, como se estivesse contundido, pisado, era sensível à mínima pressão. No alto da cabeça havia um ponto doloroso, a sensação como de um prego que aí estivesse fincado. Cada pulsação, cada jato de sangue nas artérias era uma martelada que parecia fazer estalar o crânio e afundar mais o prego. O estômago enchia-se de bile. Uma fraqueza extrema, uma necessidade imperiosa de alimentos se fazia sentir; mas à simples idéia da ingestão de qualquer coisa, exacerbavam-se os sofrimentos todos. Na retina havia

cintilações, môscas luminosas, subjetivas; o menor ruído, como avolumado por um microfone infernal, tornava-se em fracasso, em cataclismo de estrondo e dores no ouvido hiperestesiado. Não havia concentrar a atenção, pensar. Se nesses momentos viessem dizer a Barbosa que um incêndio devorava os seus livros preciosos, que seu pai e sua mãe pereciam nas chamas, êle nada poderia fazer, nem sequer tentar um esfôrço: a vontade estava abolida.

E durava, ia sempre até à noite êsse sofrer inenarrável, essa tortura de réprobo.

Amanheceu.

Logo que se abriram as portas, que começou a vida da fazenda, voltou Lenita para o quarto de Barbosa, sentou-se-lhe à cabeceira, inquirindo solícita do que havia a fazer, do que era possível aproveitar em casos tais.

Que nada, que nada mesmo havia de tentar, repetiu Barbosa impaciente; que aquilo era um estado nervoso especial, hiperestético, que só passava com o tempo, que à noite havia de estar bom.

Lenita com o tato indizível, com o jeito especialíssimo que têm as mulheres para enfermeiras, arranjou-lhe as almofadas e a travesseirinha em uma posição que lhe deu alívio; foi ao armário, procurou entre mil frascos, achou um quase cheio de xarope de cloral, trouxe, fêz-lhe tomar quase à fôrça duas colheres de sopa, grandes, a transbordar.

Depois apalpou-lhe os pés, sentiu-os frios, mandou vir uma botija com água quente, envolveu-a em uma toalha, pôs-lha sob êles, enrolou tudo em um cobertor, hàbilmente, quase sem incomodá-lo, como se não fizesse movimentos.

Os gemidos de Barbosa foram esmorecendo em um como queixume flébil, indistinto; cessaram, êle adormeceu.

Foi um sono longo, de duas horas pelo menos.

A moça não arredou pé um minuto: sentada à cabeceira, imóvel; em silêncio contemplava-o a dormir.

De repente êle acordou, sentou-se rápido, fêz sinal, ordenou-lhe com gesto impaciente, irritado que se retirasse.

Lenita não obedeceu.

Barbosa, pálido, com as feições desfeitas, curvou-se, abriu desordenadamente, atabalhoadamente o criado mudo, tirou o vaso, colocou-o junto de si sôbre a cama. Ajoelhou-se.

Abdome, estômago, diafragma, esôfago, contraíram-se em uma náusea violenta: os zigomáticos distenderam-lhe a pele descorada e macilenta do rosto, e um jato de bile amarela e espumosa golfou no fundo do vaso, tingindo-lhe as paredes com os salpicos peganhentos.

Seguiu-se outro jato, e outro, e outro, vinha a bile, sem esfôrço, não mais amarela, não mais espumosa, porém verde líquida, linda até em sua pureza transparente.

Lenita, com dó profundo debuxado nas feições, sustentava-lhe a testa mádida.

Extenuado, Barbosa deixou-se cair pesadamente nos travesseiros, gemeu por um pouco, tornou a adormecer.

Lenita mandou retirar, lavar, trazer o vaso: depois retomou o seu posto junto do enfermo, velando-lhe com amor o sono sossegado.

Quando a chamaram para almoçar, foi em bicos de pés, sem fazer o mínimo rumor.

À narração circunstanciada do incômodo do filho, fêz observar o coronel que lhe não dava aquilo cuidado, que o rapaz era atreito a enxaquecas desde a meninice, que até tinha melhorado com a idade, que os acessos iam ficando mais quarteados.

Lenita voltou para o quarto.

Ao virar do meio dia, Barbosa acordou. Estava bom, completamente restabelecido, sentia fome, mandou vir comida.

XVII

Havia muito que tinha começado a nova moagem: ia ela já quase em meio, quando se deu um desastre. Um crioulinho deixou-se prender nos cilindros do engenho, e teve um braço esmagado.

Ao ver a mísera criança segura, atraída pelo revolver lento, implacável, do mecanismo bruto, o pai dela, o negro moedor, tomou uma alavanca de aço que achou à mão, entalou entre os dentes dos rodetes.

Ouviu-se um grande estalo metálico, um tinir sonoro de ferros partidos, o engenho parou.

Salvou-se a vida do negrinho, mas as moendas inutilizaram-se; rodetes, pescoços, mancais, tudo ficou arrebentado.

Que fôra uma caipora, que fôra o diabo aquêle desastre em meio da moagem, disse o coronel arreliado. Lá pelo crioulinho, não: era ingênuo, era 28 de Setembro, ficasse aleijado, pouco prejuízo havia. Que o azar era a interrupção da moagem, quando ia tudo correndo tão bem, em um tempo como se não havia de ter outro. Que remendos no engenho não queria, que de longa data andava com idéias de reformar tudo aquilo, e que ia reformar, embora levasse a casqueira a safra.

E ficou assentado que, no outro dia, Barbosa havia de seguir para o Ipanema, a entender-se com o dr. Mursa, sôbre planos e dimensões para a nova máquina que urgia ficasse pronta dentro de poucos dias.

Lenita, ao saber da viagem, teve um sobressalto, ficou pálida, quase desmaiou: lembrava-lhe o muito que sofrera com a ida de Barbosa a Santos, quando êle não era ainda seu amante, quando ela nem sabia sequer ao certo que o amava.

Como havia de ser então, que as coisas se achavam em pé diversissimo? Uma tortura inenarrável, impossível, o inferno.

E não foi.

Lenita ajudou a Barbosa nos seus aspectos de viagem, sem sentir por forma alguma o que sentira da vez passada. As expansões lúbricas, desenfreadas, a que se êle entregou na despedida noturna, contrariaram-na, mortificaram-na, mesmo.

Admirava-se da transição brusca, repentina que se lhe operara no espírito: sentia-se fria, indiferente, aborrecida quase; achava-o a êle grosseiro, vulgar, impertinente, ridículo, chato.

Na hora da partida apertou-lhe a mão; viu-o montar a cavalo, dar de rédeas, seguir vagaroso em uma nuvem de pó, que se levantava da estrada; distinguiu-lhe o gesto de adeus que lhe fêz êle ao transpor o viso da colina, ao sumir-se-lhe da vista.

E não se entristeceu; em tôrno de si não sentiu vácuo algum: achou-se até mais à vontade por ficar só, em companhia de si própria, senhora de pensar, de agir em liberdade, sem sugestão.

Todavia era-lhe grata à vaidade a idéia de que Barbosa ia cogitar ininterrompidamente nela, só nela; de que levava a sua imagem estereotipada, viva, na

memória; de que todo o pensamento, todo o ato dêle a ela se reportava, tinha-a por objetivo.

E, analista sutil, não se enganava sôbre os seus próprios sentimentos: no prazer que tinha com a sujeição de Barbosa, descobria mais a satisfação do orgulho lisonjeado do que o contentamento do amor correspondido.

Foi ao quarto de Barbosa, começou a pôr em ordem as coisas dispersas, os livros e jornais que atravancavam a mesa, o mármore do criado, as cadeiras.

Ninguém em casa, nem mesmo o coronel, estranhava mais êsses cuidados: a amizade estreita, a intimidade que reinava entre ela e Barbosa justificavam-na; todos achavam muito natural o papel de ecônoma que ela a si chamara.

Nas senzalas, porém, o viver excêntrico e liberdoso que ela levava com Barbosa já começava a servir de pábulo a maledicência característica da raça negra: os pretos, e principalmente as pretas, murmuravam, comentavam as caçadas improdutivas, sublinhavam ditos, aventavam torpitudes.

Ao puxar uma gaveta da mesa de Barbosa, para recolher as miudezas que achara dispersas, Lenita deu com uma caixinha oblonga, de tartaruga, incrustada de metal e madrepérola.

Abriu-a por abrir, sem curiosidade. Encontrou dentro quatro papéis dobrados, uma medalha muito oxidada de Nossa Senhora da Aparecida, flores sêcas e várias bolinhas de lã branca, desfiada.

Fêz-lhe espécie aquilo: que diabo poderia ser? Barbosa não era religioso, a medalha não tinha explicação como coisa dêle. E as bolinhas de lã? Com certeza tinham caído de uma manta de malha, de uma *saída de baile*, em que se envolvera, em que se agasa-

lhara uma mulher, para procurá-lo a êle na sua casa no seu quarto, no seu leito. E as flores sêcas? E os papéis? Ah! os papéis... Os papéis continham de certo a chave do enigma, davam a solução de tudo aquilo.

Desdobrou o primeiro, encontrou um anel de cabelos castanhos, quase pretos, setinosos, muito finos.

Desdobrou o segundo, era um bilhetinho em poucas linhas: a letra bonita, fina, redonda, de mulher. Dizia:

"Espero-o sábado sem falta; se não vier zango-me. Não o esqueço um só momento. Adeus."

Lenita empalideceu, mordeu os beiços e, trêmula com os olhos a despedir chispas, abriu o terceiro papel, uma fôlha grande, larga, de almaço Fiume. Estava escrita pela letra de Barbosa, um cursivo feio, muito legível. Era evidentemente uma série de impressões lançadas no papel *sur place*, no momento mesmo em que se tinham produzido, inconexas, cortadas de reticências.

Lenita leu:

"O trem ia partir.

"Ela estava na plataforma da Estação da Luz, com "o marido, em bota-fora de não sei quem. Olhou-me "eu a olhei; ela baixou os olhos, uns grandes olhos "verdes; corou. O braço esquerdo estava passado no "do marido enfastiadamente, aborrecidamente; o direi"to, em abandono, pendia-lhe ao longo do corpo, forte "musculoso, muito branco. A mão estava sem luva, era "pequenina, bem feita, tinha no anular uma *marquesa* "de muito brilho. Levantou os olhos, encarou-me, tor"nou a baixá-los, avançou o pé direito, um pèzinho "adorável, bateu com êle frenèticamente, como se es"tivesse muito contrariada. O marido disse-lhe o que "quer que foi em alemão, ela respondeu-lhe na mes

"má língua. Saíram, eu segui-os. Tomaram o *bonde* que
"vinha de Santa Cecília . . . . . .
". . . . . .
". . . . . .
". . . . . .
". . . . . olhos ver-
"des. . . . . .
". . . . . .
"amor . . . . . .
". . . . . venusta
". . . . . .

"Tornei a vê-la.

"Era no Grande Hotel: ela estava jantando, à mesa "do centro. Dava-me as costas. Recostava-se na cadei- "ra, pendendo o corpo para a esquerda; a perna direi- "ta, passada por sôbre a esquerda, agitava-se com um "movimento sacudido, nervoso; o pé muito pequeno, "estreitado em uma meia de sêda carmezim, recurvan- "do-se, descalçava em parte o sapatinho Clark, mos- "trava o calcanhar redondo, diminuto, delicioso. O pé "esquerdo assentado firme no chão. O vestido rodeava, "cobria parte da poltrona em fartos panejamentos, e "por sob êle entrevia-se uma orla de saia muito bran- "ca. A aragem que entrava pelas janelas altas agita- "va-lhe os crespinhos dourados da nuca. Levantou-se, "rodando para a esquerda, com o busto curvado, em "um movimento gracioso, que pôs em relêvo a exube- "rância dos seios a avultarem reprimidos no corpete "retesado, em contraste provocador com a exiguidade "da cintura."

O quarto papel, amarelo, poído nas dobras, conti- nha uma poesia escrita também por letra de Barbosa.

Lenita leu:

"M. L.

Não sei se és feia ou bonita,
Segundo as regras da arte;
Sei, sim, que gosto de ver-te,
Que gosto até de estudar-te.

Nas faces sedosas tuas
Não brilha o rubor das rosas,
Retinge-as a palidez
Das compleições biliosas.

Estranhas cintilações
Mordentes, frias, geladas
Tens nos olhos baços, vítreos,
Azuis, da côr das espadas.

Teu lábio, sempre agitado
De leve tremor nervoso,
Parece ressumar sangue
Com sêde infrene de gôzo.

Contorce-te as mãos pequenas
Espasmo fabricitante,
Tem não sei que de felino
Teu breve corpo ondulante...

Queres então que eu te diga
Meu sentir quando te vejo?
Amor não te tenho, não;
Porém morde-me o desejo."

A moça teve um deslumbramento: em seu espírito, sùbitamente iluminado, fêz-se um vácuo enorme, desmoronou-se fragorosa a mole das ilusões.

Pensava — Barbosa era casado na Europa, ela o tinha conhecido como tal, não podia exigir-lhe conta dos afetos que êle votara em tempo à espôsa, das recordações que dela porventura conservasse.

Mas ali não se tratava da espôsa, tratava-se de três mulheres pelo menos — a dos cabelos que, escuros, tinham naturalmente por correlativo olhos pretos ou castanhos; a do fragmento em prosa, de olhos verdes; a da borracheira poética, de olhos azuis, côr de aço.

E quem sabe se não seriam seis ou mesmo sete: o bilhete podia ser de uma outra; a medalha azinhavrada, de uma outra; as flores sêcas, de uma outra, as bolinhas de lã branca, de uma outra ainda.

E que eram aquelas bolinhas de lã branca, senão lembranças, troféus, amorosos, colhidos de certo em cama desfeita, sôbre lençóis ainda quentes, após uma noite de delírios eróticos?

Aquêle homem era um devasso, um D. João de pacotilha, e ela, Lenita, não passava de uma das suas muitas amantes.

Quem lhe dizia a ela que uma dádiva sua, que uma *épave* qualquer que lhe tivesse pertencido, não iria aumentar aquela ignominiosa coleção.

Em que dera seu orgulho, o alto conceito que ela formava do seu sexo, que ela formava de si própria!

Amante de um devasso, barregã de um homem velho, casado, que guardava troféus das conquistas... Bonito! Esplêndido!

Estava castigada e achava justo o castigo.

Tinha ido pedir à ciência superioridade sôbre as outras mulheres; e na árvore da ciência encontrara um verme que a poluira.

Quisera voar de surto, remontar-se às nuvens, mas a CARNE a prendera à terra, e ela tombara, submetera-se; tombara como a negra boçal do capão, submetera-se como a vaca mansa da campina. Revoltada contra a metafísica social, pusera-se fora da lei da sociedade, e a consciência castigava-a, dando-lhe testemunho de quanto ela descera abaixo do nível comum da mesma sociedade.

E' loucura quebrar de chofre o que é produto de uma evolução de milhares de séculos. A sociedade tem razão: ela assenta sôbre a família, e a família assenta

sôbre o casamento. Amor que não tenda a santificar-se pela constituição da família, pelo casamento legal, aceito, reconhecido, honrado, não é amor, é bruteza animal, é desregramento de sentidos. Não, ela não amara a Barbosa, aquilo não tinha sido amor. Procurara-o, entregara-se a êle por um desarranjo orgânico, por um desequilíbrio de funções, por uma nevrose. Como a Fedra da fábula, como as bíblicas filhas de Jó, como a histórica mulher de Cláudio, ela caíra sob o látego da CARNE e, empurrada por um devasso ilustríssimo, resvalara ao fundo do pego, à última estratificação da vasa. Não, ela não amara, ela não amava a Barbosa. O que por êle sentira fôra uma atração paulatina, gradual, viciosa, mórbida. A primeira impressão que recebera, ao vê-lo, não tinha sido boa; e as primeiras impressões é que fazem fé, porque são as que se produzem instintivamente no espírito desprevenido. Nesse momento em que ficava conhecendo a Barbosa como Barbosa realmente era, é que ela podia avaliar o báratro em que se despenhara. Pomba inocente, procurara por seu pé o açor, metera-se-lhe nas garras, e êle a conspurcara, não sòmente lhe arrancando a virgindade, mas debochando-a em práticas infames para despertar-se os sentidos embotados...

Meteu tudo às pressas, desordenadamente, na caixinha, atirou a caixinha para a gaveta, empurrou com violência a gaveta, saiu, foi para seu quarto, entrou, fechou-se por dentro, atirou-se na cama; desatou em pranto.

De repente ergueu-se.

Que era aquilo? perguntou-se a si própria. Pois ela era mulher para chorar, para carpir-se, como qualquer criadinha de servir, violentada pelo filho da patroa? Não! Caíra, mas caíra vencida por si, só por si,

por seu organismo, por seus nervos. O homem não entrava em linha de conta, não passava de mero instrumento: fôra Barbosa; poderia ter sido o administrador, poderia ter sido o velho coronel. Em quanto quisera gozara; estava saciada...

Uma idéia terrível atravessou-lhe o cérebro.

De pouco tempo, de um mês a essa parte, sentia-se modificar de modo estranho, moralmente, fisicamente: tornara-se irritadiça, tinha impaciências febris. Uma nuga, um nada a punha fora de si. Mal se alimentava: à simples vista da mesa posta, vinham-lhe engulhos, chegava mesmo a vomitar. Aberrara-se-lhe o apetite, desejava coisas estravagantes. Uma tarde vira um cacho de caraguatá à beira de um valo: quisera por fôrça comer, comera, queimara a bôca com o sumo cáustico da fruta da bromeliácea.

Com pasmo grande, sem poder dar a razão porque, via que Barbosa já lhe não inspirava admiração. As tiradas, as dissertações científicas, aliás corretas, que lhe êle fazia enfastiavam-na: ela achava-o desajeitado, vulgar, pretensioso; ganhava-lhe aversão; cria até perceber-lhe no corpo e na roupa um cheiro esquisito, enjoativo, o que quer que era como catinga de rato. Repugnavam-lhe as carícias dêle, e, para chegar bem à verdade, elas incomodavam-na, de fato, tòpicamente.

Acudiu-lhe o dizer de Rabelais — "*Les bêtes sur leurs ventrées n'endurent jamais le mâle masculant*".

Estaria grávida?

Correu à cômoda, puxou uma gaveta, tirou um calendàriozinho de algibeira, percorreu os meses, virando as fôlhas com rapidez: estavam a 20 de Agôsto, e o último dia marcado com uma cruzinha vermelha era o dia de S. Pedro, 29 de Junho. Mediava um espaço de cinqüenta e dois dias...

Desabotoou o corpinho, desceu o cabeção da camisa, fêz sair o seio esquerdo, globuloso, duro; baixou a cabeça para vê-lo, estendendo o beiço inferior. O areolo, outróra róseo, imperceptível, acentuava-se retinto, pardacento, constelado de papilas ouriçadas. Não havia duvidar, estava grávida.

Sentiu ou julgou sentir que uma coisa qualquer se lhe agitava, se lhe enovelava dentro do útero. No mesmo instante apoderou-se dela um afeto imenso, indizível, por êsse quer que fôsse, que assim ensaiava os primeiros movimentos na ante-sala da vida. Era o desencadear de uma tempestade, de uma inundação nevrótica, que a invadia, que a alagava, como as águas de um açude roto invadem, alagam a planície. No amor enorme de que se via repassada, Lenita reconheceu o sentimento tão ridìculamente guindado ao sublime pelo romantismo piegas, e todavia tão egoístico, tão humano, tão animal — a maternidade.

— Que iria fazer? perguntou-se a si mesma, e, sem hesitar, respondeu-se — levar a bom têrmo a gestação, parir, criar, educar o filho, rever-se nêle, ser mãe.

Dois dias se passaram sem que Lenita saísse do quarto, senão para ir a uma ou outra refeição.

Ao almôço do terceiro dia, uma quinta-feira, disse ao coronel que no domingo tencionava seguir para a vila, de lá para a cidade, e da cidade para S. Paulo; que seus tarecos estavam arranjados, suas malas feitas; que precisava do carroção para conduzi-los, do *trolley* para conduzi-la a ela; que, saindo bem cedo, chegaria a tempo, teria ainda de esperar pelo trem, talvez uma hora.

— Que nova loucura era aquela? perguntou o coronel. Que ia Lenita fazer a S. Paulo, assim de repente, sem quê nem para quê?

À insistência de Lenita, que a nada se demoveu, fêz êle sentir que ao menos era preciso esperar ela vir Barbosa do Ipanema para levá-la; que, só, ela não podia, não devia ir; que êle, coronel, ameaçado e até já principiando a sofrer de um insulto de reumatismo, achava-se incapaz de uma vez para cumprir o dever de acompanhá-la.

— Que iria muito bem só com o moleque até à vila, volveu Lenita inabalável; que na estrada de ferro não se fazia mister companhia; que lhe era impossível deixar de ir.

As súplicas da entrevada, as instâncias e amuos do coronel, de nada aproveitaram.

O carroção com a bagagem partiu no sábado de tarde, e, no domingo cedo, Lenita de guarda-pó e chapéu de abas largas, abraçou, chorando a velha; abraçou o coronel que soluçava como uma criança, subiu para o *trolley*, seguiu.

— Rapariga, gritou-lhe de longe o coronel, limpando os olhos, engasgado, você tem má cabeça, mas seu coração é bom, e eu quero-lhe bem deveras. Em tôda e qualquer emergência lembre-se de que eu e seu avô fomos como irmãos, de que eu tive sempre a seu pai na conta de filho. Para tudo, mas mesmo para tudo, aqui fica o velho.

E acrescentou consigo:

— Nalguma coisa haviam mesmo de dar as físicas e as botânicas e as caçadas: foi nisto. Antes nunca esta rapariga se lembrasse de ter vindo aqui para a fazenda, ou antes Manduca lá se tivesse deixado ficar pelo Paranàpanema. Agora é pegar-lhe com um trapo quente.

XVIII

Seis dias depois da partida de Lenita chegou Barbosa. De nada sabia êle: o coronel não lhe tinha escrito.

Desde que transpusera a crista do morro, vinha alongando os olhares, à espera, a todo o momento, de divulgar o vulto da moça a uma janela no terreiro, em qualquer parte. Antegozava o prazer de vê-la estremecer de júbilo ao enxergá-lo, de vê-la correr-lhe ao encontro pálida, trêmula, convulsionada pela emoção.

Lembrava-se da noite, e tinha calafrios: afastava, expelia da mente a lembrança do gôzo, para também esquecer que lhe era preciso esperar tantas horas.

E às janelas ninguém assomava. No pardo sujo do terreiro esburgado, agitavam-se, passavam rápidas de uma para outra parte, manchas azuis e encarnadas: era um lote de crioulinhos a correr, a brincar, vestidos de camisolas de baeta. Mais nada.

— Melhor, disse Barbosa consigo, vou surpreendê-la na varanda, em prosa com o velho.

Desceu, chegou à porteira.

A crioulada, reuniu-se em um magote, e, alçando as mãos e tripudiando, começou de gritar em uma melopéia cadente, rítmica, afinada:

— Aí vem nhonhô! Nhonhô aí vem!

— Cala o bico, canalha! gritou Barbosa, cruzando nos lábios o índice da mão direita.

A crioulada, afeita a obedecer, emudeceu.

Êle apeou-se, descalçou as esporas, atravessou o terreiro, entrou em casa, foi andando nas pontas dos pés até à varanda.

Estava deserta.

Dirigiu-se ao quarto do pai. Encontrou o coronel deitado, a gemer com o reumatismo. Na *chaise-longue* do costume cabeceava a velha entrevada.

— Como vai, meu pai? Como está, minha mãe?

E beijou a mão de um e a testa de outra.

— Na forma do louvável... respondeu o coronel, sofrendo sempre... ai!... Êste maldito reumatismo não larga... Como foi você de viagem?

— Muito bem.

— O engenho?

— Vem aí, chega amanhã à estação.

— Assim, pois, é preciso que sigam os carroções a esperá-lo, hoje mesmo?

— Basta que sigam amanhã.

— E veio coisa boa?

—Ótima. Algumas peças foram fundidas especialmente; fizeram-se os moldes sob meu risco.

— Muito bem, e quanto custou?

— Ficou barato; não anda em mais de três contos.

— Ai!... Você já jantou?

— Não, senhor.

O coronel sentou-se com esfôrço, tirou de sob o travesseiro uma chavinha, levou-a aos lábios, arrancou um assobio estridente, prolongado.

— Sinhô, gritou de dentro uma escrava, que logo assomou à porta do quarto.

— Nhonhô está aqui, e ainda não jantou.

— Sim sinhô, meu sinhô.

E, voltando-se rápida, desapareceu.

Barbosa não quis perguntar por Lenita. Ela estava de certo no quarto. Êle lá iria ter com ela.

Pediu licença ao pai para sair: que se não demoraria, disse: que voltaria logo, para conversarem.

Chegou à sala de Lenita, e sentiu um grande apêrto do coração ao ver os consolos despidos, sem um bronze, sem uma estatueta, sem uma jarra de Sèvres, sem um defumador de Satzuma.

Foi à porta do quarto de dormir, empurrou-a estava fechada à chave; foi ao outro quarto, vazio. Empalideceu-se, encostou-se à umbreira da porta para não cair. Que era aquilo? perguntou-se. Para onde tinha ido a moça.

Voltou aos aposentos do pai.

— Meu pai, onde está D. Lenita?

— Se realizou o que tinha na intenção, está em S. Paulo, em casa de um parente, do Fernandes Faria, ou qualquer hotel. Aquilo é uma doidinha.

— Pois D. Lenita foi para S. Paulo?! exclamou Barbosa, como que recusando a evidência, como que fugindo à brutalidade do fato.

— Se foi! Você a conhece pelo menos tão bem como eu: e desencabritando, desencabrita mesmo: não há pegar-lhe.

Barbosa deixou-se cair em uma cadeira.

Não estava pálido, não estava lívido: estava uma e outra coisa: tinha manchas côr de chumbo no rosto côr de terra.

Em suas feições havia alguma coisa da expressão que deve ter uma máscara de bronze, que, caída em uma fogueira, começa a entrar em fusão.

Conservou-se sentado por muito tempo, mal respondendo às perguntas do pai.

Chamaram-no para jantar; foi, sentou-se à mesa, cruzou os braços sôbre ela, afundou a cabeça no ângulo formado pelo braço esquerdo, deixou-se ficar, quedo, imóvel.

Refletia.

Lenita ali não estava, não estava na sala, não estava no quarto, não estava no terreiro, não estava no pomar, não estava na fazenda. Êle a não veria mais, não lhe ouviria mais a voz suave, não lhe beijaria mais os lábios corados, não lhe beberia mais a frescura do hálito... Só... só... estava só!

Ela o provocara, ela se lhe oferecera, ela o procurara, ela se lhe entregara, ela se prestara a todos os seus caprichos, mansa, dócil, submissa, para depois assim abandoná-lo, a sós com as lembranças, entregue à tortura da saudade!

Não, não era possível: Lenita ali estava, do outro lado da mesa; não se fôra...

Ergueu a cabeça, abriu os olhos esgaseados e só viu diante de si a crioulinha servente, que abanava môscas, movendo preguiçosa e mole, para a direita e para a esquerda, um ramo de alecrim bravo.

Barbosa deixou cair de novo a cabeça, continuou no cismar doloroso, como quem se praz a revolver em uma ferida o ferro que a produziu.

Louco que fôra!

Tinha tido dezenas de amantes, tinha sido, era ainda casado, conhecia a fundo a natureza, a organização caprichosa, nevrótica, inconstante, ilógica, falha, absurda, da fêmea da espécie humana; conhecia a mulher, conhecia-lhe o útero, conhecia-lhe a carne, conhecia-lhe o cérebro fraco, escravizado pela carne, do-

minado pelo útero; e, estòlidamente, estùpidamente, como um fedelho sem experiência, fôra se deixar prender nos laços de uma paixão por mulher!

O tempo ia passando: o jantar arrefecera.

Barbosa levantou-se.

— Nhonhô não janta? perguntou triste a preta cozinheira que o observava da porta do corredor.

— Não, Rita: estou sem vontade, estou doente.

Saíu, chegou à porta do terreiro, circunspecionou os arredores.

Parecia-lhe morta a natureza: a paisagem figurava-se-lhe um cadáver, vasto, enorme.

Do diafragma subia-lhe para o coração um apêrto constante, ininterrompido, doloroso, que lhe tolhia o fôlego, que o sufocava.

Queria chorar; o pranto, julgava, far-lhe-ia bem, seria um desabafo: impossível. Um ardor sêco, febril, queimava-lhe os olhos

No imóvel do arvoredo secular, na calma impassível das encostas amareladas, havia, êle pelo menos sentia, o que quer que era de hostil: essa indiferença majestosa irritava-o, era como um escârneo à angústia em que se estorcia seu espírito.

E tudo lhe fazia lembrar Lenita; na ante-sala, a cuja porta estava, a vira êle pela vez primeira por entre as torturas de uma enxaqueca; no pomar, de que avistava um ângulo, com ela tivera a primeira entrevista; no pasto, que se lhe estendia entre os olhos, quantas e quantas vezes não tinham passeado juntos! na mata fronteira, as caçadas, os pássaros, a cotia, os porcos, a cascavel... ah! a cascavel!! Porque não sucumbira Lenita ao veneno da cobra? Porque a fizera

êle viver?! Morta naquele tempo, ela seria apenas uma saudade doce, e não a lembrança voraz que o havia de matar.

Anoiteceu.

A escuridade, o silêncio, reprodução cruel da escuridade e do silêncio das noites de outrora, das noites de amor, que não mais voltariam, acenderam-lhe, exacerbaram-lhe o pungir do sofrimento, o rolar da soledade.

Lembrou-lhe o suicídio.

— Ainda não, disse: esperemos.

Entrou para o seu quarto, deitou-se, fêz uma injeção de morfina, dormiu.

No dia em que era esperado chegou o maquinismo.

Barbosa desenvolveu uma atividade febril.

Desengradou-o, armou-o, instalou-o, êle próprio. Multiplicou-se, dividiu-se: fêz-se carpinteiro, pedreiro, serralheiro, maquinista.

Queria esquecer: de dia, hipnotizava-se com trabalho, de noite, com morfina.

Pronto o engenho, a moagem continuou.

Barbosa tomou-a a si, dirigiu o serviço. O açúcar da fazenda criou fama.

— Eta! rapazinho destorcido! dizia o coronel, é pau para tôda a obra! Quem havia de dizer que êle entende mais de fabricação de açúcar do que eu que lido com cana desde que me conheço por gente? Quem estuda sabe mesmo. Mas... eu não ando contente com êle: êstes modos que êle agora tem não são naturais, êle não os tinha. Aquela Lenita...

Em um dos dias da primeira quinzena de outubro, o moleque trouxe da vila, na correspondência, duas cartas sobrescritas por uma letra redonda, fina, bonita letra, letra de mulher.

Era de Lenita.

Barbosa a conheceu imediatamente.

Uma lhe era endereçada, outra ao coronel.

Barbosa tomou a sua, abriu-a e, pálido, muito pálido, com um ligeiro tremor a agitar-lhe as mãos, começou a leitura.

Dizia:

"S. Paulo, 5 Outubro de 1887.

Ao Sr. Manuel Barbosa envio muito saudar.

Mestre.

Ao chegar à fazenda, surpreendeu-se de certo com a minha partida um tanto brusca.

Procurou-lhe explicação, não achou: nem eu. Lembro-lhe o que diz Spinoza: "A nossa ilusão do livre arbítrio vem de ignorarmos nós os motivos que nos dirigem". No caso desta minha partida, eu poderia bem crer que tinha livre arbítrio. Demais sou mulher, sou *fantasque*. Quem vai discutir, explicar caprichos de mulher? Vale infinitamente mais

non ragionar di lor, guardar, passar!

Qual tem sido a minha vida desde que vim da fazenda? Nem eu mesmo sei.

Estudar, não tenho estudado; fui sábia, fui *preciosa* tanto tempo, que achei de justiça dar-me o luxo de ser ignorante, de ser *mulher* um poucochinho.

Mas, qual! ninguém é sábio impunemente. A ciência é uma túnica de Dejanira: uma vez vestida, grudase à pele, não sai mais. Quando se tenta arrancar, deixa pedaços de fôrro, que é o pedantismo.

E a prova é estar-lhe eu escrevendo, por não poder resistir ao prurido de comunicar as minhas impressões, de conversar um bocadinho com quem me entenda.

Que saudades não tenho eu às vêzes das nossas palestras, das nossas lições, em as quais tanto se dissipava a treva da minha ignorância à luz do seu profundo saber!

O passado, passado: fomos como dois astros vagabundos que se encontraram em um recanto do espaço, que caminharam juntos, enquanto foram paralelas as suas órbitas e que ora estão separados, seguindo cada qual o seu destino.

Vamos ao que serve.

S. Paulo é hoje uma grande cidade, dou-lhe, sem receio de êrro, sessenta mil habitantes.

Dia a dia, para norte, para sul, para leste, para oeste, está crescendo, está-se alastrando, e, o que mais é, está-se aformoseando.

Os horríveis casebres dos fins do século passado e dos princípios dêste, vão sendo demolidos para dar lugar a habitações higiênicas, confortáveis, modernas. Os palacetes do período de transição, à fazendeira, à cosmopolita, sem arte, sem gôsto, chatos, pesados, mas sòlidamente construídos, constituem um defeito grave que não mais desaparecerá. Obras, porém, há, feitas, nestes últimos cinco anos, pelo arquiteto Ramos de Azevedo, pelo italiano Pucci e por outros estrangeiros, que são realmente primores de arte. Gosto imenso da Tesouraria da Fazenda que está construindo Ramos de Azevedo: é um edifício que honra S. Paulo pela severidade e elegância do estilo, pela robustez que ostenta, desde os profundíssimos alicerces até o levantado coruchéu. Aquela mole enorme forma um todo compacto, homogêneo, sem o mínimo defeito, sem uma trinca sequer de *tassement*. Quem viu o que ali estava... cruzes!!! Para se avaliar o que era basta que se veja o atual Palácio do Govêrno, da mesmo procedência.

Os manes do sr. Florêncio de Abreu podem limpar as mãos à parede dos Campos Elísios, se é que os Campos Elíseos têm parede. Desmanchar a velha, a massiça, a histórica, a legendária construção dos Jesuítas, para estender por ali fora aquêle pardieiro medonho! Não sei porque não mandou botar abaixo também a capela... O sr. de Parnaíba desvendou os mistérios da cripta dos padres de Loyola, rasgando uma porta no andar da tôrre dessa capela. À esquerda de quem entra, vêem-se distintamente seis cavas sepulcrais, seis catacumbas, superpostas, em duas ordens, de três cada uma, praticadas na grossura enorme da parede. Entraram já cadáveres os que ali jazem, ou foram emparedados vivos, segundo a lei terrível do código secreto da Companhia? Ao govêrno, ao bispo diocesano, incumbe, corre o dever de mandar abrir aquêles jazigos, onde talvez se encontrem documentos importantes para a história da província.

O *Chá*, lembra-me bem, era mato quando eu estive com meu pai em S. Paulo, pela primeira vez: hoje é um bairro populoso, constituído por um vasto enxadrezamento de ruas direitas e largas, arejadas e mordidas de luz.

Há na cidade vários calçamentos a paralelepípedos. O antigo, famoso largo de S. Francisco está que é um brinco.

A academia foi reformada.

Talvez eu não tenha razão; mas o caso é que eu a preferia exteriormente como ela era outrora. Tinha pelo menos o mérito de representar o gôsto arquitetônico dos religiosos que dirigiram a colonização do Brasil. Hoje não representa coisa nenhuma, tem uma aparência limpa, mas desgraciosa e até caturra.

No alastrar da cidade, os bairros unem-se, vão desaparecendo as soluções de continuidade predial: a Luz já pega com o Braz pela rua de S. Caetano.

O comércio tem-se desenvolvido de modo assombroso, e a indústria segue-o de perto.

Há em S. Paulo fábricas de móveis, de chapéus, de chitas, de bordados, de luvas, que rivalizam com as do Rio, e que estabelecem concorrência séria aos produtos europeus.

Nas ruas de S. Bento e da Imperatriz é enorme o acervo de lojas, e de armazéns, de casas bancárias, de estabelecimentos de todo o gênero.

As *vitrines* das casas de jóias entram em compita de riqueza e gôsto: aqui a relojoaria suiça, delicada, elegantíssima, ostenta os seus primores, os seus inexcedíveis Patek Philippe, a par dos artefatos sólidos da relojoaria americana, dos Waltham feitos à máquina, grossos, esparramados, angulosos, profusa e desgraciosíssimamente ornamentados. Ali a prata do Pôrto, aereamente, maravilhosamente filigranada, casa sua alvura mate aos reflexos fulvos da ourivesaria francêsa, às cintilações mágicas dos brilhantes puríssimos do Brasil, dos diamantes coloridos do Cabo, dos rubins, das safiras, dos topázios, das ametistas, das opalas irisadas. A luz brinca nos lavores dos metais e nas facetas das pedrarias em um tal deboche de magnificências, que faz lembrar os contos de fadas, a caverna de Aladino.

Entrei ontem em uma casa de modas, a *Mascote*.

Atraíram-me a atenção bronzes de Barbedienne, expostos em uma *vitrine* interior.

Alguns eram reproduções dos que eu possuo, o hoplitodromo conhecido por *gladiador Borghése*, a Venus de Milo, a Venus de Salôna: outros eu ainda não co-

nhecia, o *menino da cesta,* por Barrias; a *bacante do cacho,* por Clodion.

Que bronze adorável êste; que verdade nos panejamentos! que morbidez suave de postura! No rosto o metal parece ter o emaciamento, a transparência fosca da pele viva. Os olhos como se cerram em um êxtase de volúpia...

Encomenda de Júlio Ribeiro, um gramático que se pode parecer com tudo menos com um gramático: não usa simonte, nem lenço de Alcobaça, nem *pince-nez,* nem sequer cartola. Gosta de porcelanas, de marfins, de bronzes artísticos, de moedas antigas. Tem, ao que me dizem, uma qualidade adorável, um verdadeiro título de benemerência — nunca fala, nunca disserta sôbre cousas de gramático.

Veio receber-me um dos proprietários da loja, rapaz afável, parisiense nos modos, flor na botoeira do paletó, sorriso engatilhado.

Fiz alguns pedidos: tomou nota dêles, para mandar-mos a casa, o outro sócio, irmão, creio, do primeiro; moço grave, sério, de fisionomia leal, sempre ao *bureau,* sempre a escrever, tipo acabado do português antigo, trabalhador, honesto, pontual, pé de boi.

Em frente — a Casa Garraux, vasta Babel, livraria em nome, mas verdadeiramente bazar de luxo, onde se encontra tudo, desde o livro raro até a pasta de açofeifa, passando pelo Cliquot legítimo e pelos cofres à prova de fogo.

Lá fui ver a exposição permanente.

Mal tinha eu entrado, entrou também um grupo de homens, três ou quatro, se bem me lembra.

O da frente, pelo elevado da estatura, pelo desembaraço, pela *aisance* de maneiras, excedia os outros *de toute la tête,* como diria Fénélon.

Era um sujeito corpulento, corado, limpo, no descambar da idade viril, ou melhor no verdor da velhice. O bigode farto, betado aqui e ali por um fio de prata, e as longas *costeletas* acentuavam-se com nitidez no rosto fresco, caprichosamente escanhoado. O cabelo curto dividia-se em pastinhas despretensiosas no alto da testa vasta, ligeiramente redonda. Colarinho de pontas quebradas, gravata branca de nó, colete fechado até o nó da gravata, fraque, flor enorme na lapela, calças de casimira preta com listinha de sêda branca, chapéu preto, alto, mole, sapatos Clark, *pince-nez*.

Belo homem, Ramalho Ortigão, já adivinhou.

Um dos que o acompanhavam era um rapaz alto, cheio de corpo, alvo, de cabelos castanhos claros, quase louros, ondeados, de bigode crespo, de lábio inferior corado, úmido; um *causeur* adorável, que o mestre disse-me ter encontrado uma vez em Campinas, e a quem eu fui apresentada um dia dêstes, em uma festa de anos, Gaspar da Silva.

Ramalho entrou em conversas com um dos sócios da Casa Garraux: eu, fingindo que examinava um livro, prestei-lhe tôda atenção. Apanhei, dissequei, analisei cada uma de suas palavras.

Voz agradável, bem timbrada; pronúncia distinta, corretíssima; sotaque alfacinha puro, estranho, muito estranho a ouvidos paulistas.

Ramalho Ortigão é incontestàvelmente um homem de combate, um grande escritor. Eu, porém, não gosto dêle. Acho-o trabalhado, limado, castigado demais; acho *qu'il pose toujours*. Não escreve como Garrett, vasando a alma no papel: calcula o efeito de cada palavra, de cada frase, como um jogador de xadrez calcula o alcance do movimento de cada peça. Nos seus

escritos há notas, há quantidades constantes, que reaparecem fatalmente. Encontra-se sempre uma admiração exagerada por tudo quanto é vigor muscular, por tudo quanto é manifestação de fôrça humana física. O estadulho, a bengala grossa são fatores imprescindíveis das suas teorias de moralização social. Afeta pelo asseio, pelo cuidado do corpo um culto que chega a se tornar impertinente. Não perde ensejo de contar que se banhou, que se barbeou, que mudou a roupa branca. Tanto repete, tanto insiste, que até parece ter um secreto receio de que o não acreditem. Escreve êle um livro novo: os seus leitores habituais já lhe conhecem, já lhe esperam as *ficelles*. Há de falar por fôrça nas malas, nos apeiros de *toilette*, nos desinfetantes, na abundância de cuecas e peúgas. Tem frases feitas, uma por exemplo — todos os seus estandartes, tôdas as suas bandeiras, tôdas as suas flâmulas, todos os seus galhardetes, estão sempre a *palpitar gloriosamente*, estão sempre a bater em *palpitações gloriosas*.

Os livros de Ramalho Ortigão são excelentes, não há negá-lo, quer pelo fundo, quer pela forma. Bom senso e correção de linguagem até ali: ensinam a pensar e ensinam Português.

O que eu não creio é que êles sejam um espelho, uma câmara escura para se estudar a individualidade do autor.

Entendo que não se pode ficar conhecendo a Ramalho Ortigão nem no *Em Paris*, nem nas *Farpas*, nem na sua parte de *Mistério da Estrada de Cintra*, nem nas *Caldas e Praias*, nem nas *Impressões de Viagem*, nem na *Holanda*, nem no *John Bull*: melhor do que em tudo isso, fotografa-se êle nos seus depoimentos sôbre a questão Vieira de Castro.

Seja como fôr, ontem foi para mim um grande dia: conheci um grande homem.

Agora, nós: o que mais de perto nos toca..."

Seguiam-se algumas linhas criptográficas, em uma cifra que Barbosa e Lenita tinham combinado, desde os primeiros tempos de convivência.

Barbosa leu:

"Estou grávida de três meses mais ou menos.

Preciso de um pai *oficial* para nosso filho: ora *pater est is quem iustae nuptiae demonstrant*.

Se tu fôsses livre, faziamos *iustas* na igreja as nossas *nuptias* naturais, e tudo estava pronto. Mas tu és casado, e a lei de divórcio, aqui no Brasil, não permite novo enlace: tive de procurar *outro*.

"*Tive de procurar*" é um modo de dizer: *o outro* deparou-se-me, ofereceu-se-me; eu me limitei a aceitá-lo e ainda impus-lhe condições.

É o dr. Mendes Maia.

Ao chegar aqui, escrevi-lhe para a Côrte; êle veio imediatamente, tivemos uma conferência larga, eu fui franca, contei-lhe tudo e... e... e nós nos casamos amanhã, às 5 horas da madrugada... Pelo trem do Norte, que parte às 6, seguimos para a Côrte, e da Côrte para a Europa no primeiro vapor.

Sei que te hás de lembrar sempre de mim, como eu sempre me hei de lembrar de ti: *calembourg* à parte, o que *entre nós* se passou não se olvida.

Não me guardes rancor. Fomos um para o outro o que podíamos ter sido; nada mais, nada menos.

A criança se fôr menino, chamar-se-á Manuel; se fôr menina, Manuela..."

A carta ainda continuava.

Barbosa, lívido, com as feições horrìvelmente contraídas, rasgou-a em dois movimentos, atirou-a em um

lamaçal, onde, com gáudio infinito, chafurdavam alguns porcos.

— Rameira! prostituta vil! exclamou êle.

— Sabe você que mais? perguntou-lhe o coronel, que se aproximava. A Lenita casa-se! Escreveu-me, participando.

— A mim também escreveu ela.

— Sim? E ela a dizer que se não queria casar... Fiem-se lá em mulheres! Aquela partida repentina não teve outra causa.

— Não teve, não, volveu Barbosa.

A tarde levou-a êle tôda a pensar, a malucar só consigo.

À noite não fêz injeção de morfina, passou em claro, nem sequer se deitou.

No dia seguinte, cedo, saiu, deu uma volta pelo pomar, foi à mata, chegou à ceva, demorou-se a contemplar os destroços do reparo, as canas do milho que tinha nascido e morrido estioladas pela sombra, sem produzir. Viu ainda por entre as fôlhas sêcas algumas vértebras, algumas espinhas da cascavel.

Voltou, passou pela *fruiteira*, em cuja copa uma araponga serrava estridulosa.

Viu no chão uma pena de jacu, desbotada pela umidade, suja de barro.

Ergueu-a, contemplou-a muito tempo, deixou-a cair.

Voltou para casa, não quis almoçar, pediu um banho.

Despiu-se, entrou na banheira, deitou-se, revolveu-se com delícia, na água tépida, aromatizada com vinagre de Lubin.

Após muito tempo saiu, enxugou-se com esmêro, calçou ceroulas de linho, passadas a ferro, cheirosas, frescas, muito macias.

Chamou dois pretos, mandou esvaziar, retirar a banheira.

Foi à mesa, tomou uma garrafa de vinho húngaro, doce, perfumoso, Rusti-Aszú; abriu-a, encheu um cálice, examinou de encontro à luz a transparência côr de topázio queimado do precioso líquido, cheirou-o, hauriu-lhe o *bouquet*, bebeu-o como fino entendedor, aos golinhos, dando estalos com a língua.

Puxou uma gaveta, e dela tirou uma caixa oblonga de charão: abriu-a. Havia dentro uma seringuinha de vidro, uma cápsula de porcelana, um escarificador de dez lâminas e um pequeno pote, esquisito, bojudo, de barro preto, arrolhado cuidadosamente com um batoque de madeira. Uma etiqueta em letras vermelhas sôbre fundo amarelo denunciava-lhe o conteúdo.

Barbosa dispôs tudo isso sôbre o mármore do criado.

Tomou o escarificador, fê-lo funcionar. Nove das lâminas tinham sido quebradas de adrede: uma só estava intacta, e essa cortava como uma navalha.

Barbosa largou o escarificador, pegou no potinho, fêz cair dêle, na cápsula, uns grãos irregulares, escuros, com quebraduras lustrosas.

Era *curare*.

De sôbre a mesa tirou um moringue, deitou na cápsula cêrca de duas colheres de água, e, com o bico da seringa, foi agitando, fazendo com que se dissolvesse o terrível veneno.

Quando inspissou-se a solução, assumindo a côr carregada de café forte, Barbosa encheu com ela a seringa.

Tomou de novo o escarificador, engatilhou-o, aplicou-o sôbre a face interna do antebraço esquerdo, premiu o botão.

Ouviu-se um estalo abafado.

Barbosa retirou o escarificador.

Um pequeno traço, fino como um cabelo, desenhava-se-lhe negro na alvura da cutis.

Uma gotazinha de sangue ressumou, marejou, redonda, rubro, brilhante, como um rubim.

Barbosa largou o escarificador e, a sorrir, sem empalidecer, pegou, segurou a seringa entre o índice e o médio da mão direita, introduziu-lhe o bico afilado na cesura, meteu o polegar no anel da haste, calcou firme, empurrou com fôrça o pistão. O excesso do líquido injetado espandanou, desenhando-lhe na brancura da pele um como aracnide sinistro.

Barbosa lançou no ourinol o resto do conteúdo da cápsula, meteu-a com o potinho, com o escarificador, com a seringa na caixa de charão, escreveu em um bilhete de visita — *Cuidado, que isto é veneno* — pôs também o bilhete dentro, fechou a caixa, guardou-a na gaveta, foi ao lavatório, molhou uma toalha, limpou o braço, voltou para a cama, deitou-se de costas. ao comprido.

Passaram-se dois minutos.

Barbosa nada sentia, absolutamente nada.

Quis ver a cesura, tentou chegar o braço à altura dos olhos. Não pôde. O membro paralizado recusava-se à ordem do cérebro.

Tentou o mesmo com o braço direito, quis mover as pernas: igual impossibilidade.

Tentou sacudir a cabeça, fechar e abrir os olhos: sacudiu a cabeça, fechou e abriu os olhos.

Passaram-se mais alguns minutos.

Tentou de novo sacudir a cabeça, fechar e abrir os olhos. Impossível. A paralisia era já quase completa, quase total.

E não sofria dor, constrangimento de espécie alguma.

No terreiro abaixo, ao pé do engenho, os pretos estavam a malhar um resto de feijão que ficara de julho. Cantavam. A toada distante chegava a Barbosa, amortecida, em quebros suaves, como os das *vozes angélicas* de um harmônium. Do teto pendia uma jardineira de vidro com um *epidendron fragans*: Barbosa hauria com delícias os eflúvios embriagantes das flores da orquídea.

Na bôca tinha ainda o ressaibo suave, quente do vinho húngaro generoso.

A um canto do fôrro, aranhas domésticas fabricavam as suas teias: Barbosa distinguia-lhes bem os movimentos hábeis das pernas longas, esguias, nodosas, verdadeiros dedos de tísico.

Veio uma mosca, e pousou-lhe na face: com uma hiperestesia que chegava a ser um padecimento, êle sentia o prurido leve das patas do inseto. Quis enrugar a pele do rosto para afugentá-lo, não pôde.

E a percepção de tudo era clara, a inteligência perfeita.

Lembravam-lhe, acudiam-lhe, de tropel à memória as metamorfoses mitológicas de homens, de mulheres em árvores, em rochedos.

O sonho extravagante da imaginação doentia dos poetas helenos era traduzido em realidade palpitante, era excedido no domínio dos fatos pela ação misteriosa do veneno americano.

— Oh! pensava Barbosa, não poder eu ditar a alguém o que em mim se está passando, descrever o

gôsto desta morte gradual, em que a vida esvai-se como um líquido que se escoa. Que sou eu neste momento? Uma inteligência que sente e quer, presa em um invólucro morto, cativa em um bloco inerte... O espírito, o conjunto das funções do cérebro, está vivo, dá ordens; o corpo está morto, não obedece. Tenho um pé na existência e outro no não ser. Alguns minutos mais, e tudo estará acabado, sem sofrimento, sem dôr... Já entrevejo o *nirvana* búdico, o repouso do aniquilamento...

— Manduca! Manduca!

Era a voz do pai que o chamava.

Barbosa ficou triste: queria responder e não podia.

— Teresa!

— Sinhô!

— Onde está Manduca? Você não o viu?

— Vi, meu sinhô. Êle está aí no quarto dêle. Estava se banhando. Ainda há pouco Pedro e José saíram com a banheira.

— Que diabo, não responde... Só se está dormindo.

E o coronel dirigiu-se ao quarto, entrou.

Ao dar com o filho nú da cintura para cima, estendido de costas na cama, pálido, imóvel, olhos abertos, fixos, o coronel deu um salto.

— Manduca! que é isto, Manduca?!

E agarrando, abraçando o filho, sacudia-o nervosamente.

O corpo de Barbosa, flácido, quente, cedia aos esforços do pai, como um cadáver antes da rigidez.

E o cérebro, ativo, lúcido, em exercício pleno de funções, vivia, compreendia, sentia, tinha vontade, queria falar, queria responder ao pai; mas já não tinha órgão, estava isolado do mundo.

— Meu filho morreu! meu filho morreu! bradou o coronel, e saiu desatinado, correndo com as mãos na cabeça.

A êsses gritos deu-se um como milagre.

A velha entrevada firmou as mãos nas guardas da *chaise-longue*, fêz um esfôrço supremo, ergueu-se, caiu de joelhos, e começou a engatinhar para o quarto do filho, movendo as juntas quase anquilosadas de um modo que seria ridículo, se não fôsse horroroso.

Em camisa, em uma seminudez indecente, escorregando pelo assoalho, às sacadas, aos solavancos, como um inseto mutilado, foi, chegou onde estava o filho, abeirou-se-lhe da cama, levantou-se, agarrou-se no colchão, guindou-se com dificuldade dolorosa, abraçou o corpo por sua vez, colocou-lhe nos lábios os seus lábios de velha, moles, franzidos, frios.

Aos beijos da mãe, beijos que não podia retribuir, Barbosa sentiu-se tomado de um sentimento estranho, de uma ternura filial que nunca dantes conhecera.

Mãe! Pai!

Porque se não devotara com tôdas as suas poderosas faculdades a minorar os sofrimentos daquele casal de velhos, a suavizar-lhes as misérias da senectude?!

Descrente de amigos, descrente de amantes, descrente da esposa, ateu, farto do mundo, enojado até de si, fôra pedir aos gelos da ciência exclusivista a morte, a extinção dos últimos afetos.

Tornara-se egoista, tornara-se cruel.

E tinha ainda o que lhe prendesse ao mundo: tinha pai, tinha mãe, tinha a quem se devotar, tinha para quem viver!

Que vingança cruel a da natureza!

Entregara-o de mãos atadas aos caprichos de uma mulher histérica que se lhe oferecera, que se lhe dera, como se teria oferecido, como se teria dado a qualquer outro, a um negro, a um escravo de roça, não por amor psíquico, mas para satisfazer a carne faminta...

Repleta, farta, essa mulher o abandonara.

Nas cinzas quase frias das suas crenças mortas ateara-se o lume do amor, o fogo da fé brilhara um momento, mas prestes se estinguira, e a escuridão voltara mais tétrica.

Lenita fôra procurar e achara um homem vil que lhe vendia o nome para coberta do êrro, que a aceitava por espôsa, desonrada, grávida...

Grávida... Ela estava grávida, êle ia ser pai...

E ela fugia dêle, levava-lhe o filho e ainda o ludibriava, descrevia-lhe em cínica missiva as suas observações de viajante, as suas impressões de artista! Fazia ainda mais, dava-lhe parte do seu enlace com o minotauro prévio e consciente, informava-o de que o seu filho, o filho dêle, Barbosa, tinha de dar o nome augusto de *pai* a um homem sem brios, a um chatim refece de honra.

E êle morria, morria por amor dessa mulher, morria porque ela lhe quebrantara o caráter, morria porque ela o prendera nos liames da CARNE, morria porque sem ela a vida se lhe tornara impossível... Covarde!

O remorso personificado na figura lastimosa e quase hedionda de sua desgraçada mãe, ali estava sôbre êle, abraçando-o, devorando-o, bebendo-lhe os últimos alentos.

Oh! êle queria viver!

E não era impossível.

Se houvesse quem entendesse de fisiologia, quem estabelecesse a respiração artificial, até que fôsse completamente eliminado o veneno, arredar-se-ia a morte, a vida voltaria.

Mudassem as circunstâncias, outrem fosse o paciente, e Barbosa salvava-o.

Mas por si, para si, nada podia fazer: enclausurado no corpo, como o lepidóptero na crisálida, estava impotente, estava aniquilado: nem sequer lhe era concedido o consôlo triste de pedir, de implorar o perdão da pobre mãe, da mísera entrevada, a quem a angústia curara em um momento.

A placidez da morte sem dôr, da morte pela paralisia dos nervos motores, converteu-se em um suplício atroz, pavoroso, para cuja descrição não tem palavras a linguagem humana.

Morto e vivo!

Tudo morrera: só vivia o cérebro, só vivia a consciência, e vivia para a tortura...

Por que não ter despedaçado o crânio com uma bala?

A paralisia invadiu os últimos redutos do organismo, o coração, os pulmões, sístole e diástole cessaram, a hematose deixou de se fazer. Um como véu abafou, escureceu a inteligência de Barbosa, e êle caiu de vez no sono profundo de que ninguém acorda.

FIM

N.º 4.236 — Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM